

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E ECOLOGIA
SOCIAL**

ITAMARA SILVA DE OLIVEIRA DOS SANTOS

**PAPO DE TERREIRO: RESISTÊNCIA À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E
RACISMO PELAS CASAS DE CANDOMBLÉ EM NOVA IGUAÇU,
REGIÃO DA BAIXADA FLUMINENSE, RJ**

**RIO DE JANEIRO
2022**

**PAPO DE TERREIRO: RESISTÊNCIA À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E
RACISMO PELAS CASAS DE CANDOMBLÉ EM NOVA IGUAÇU,
REGIÃO DA BAIXADA FLUMINENSE, RJ**

ITAMARA SILVA DE OLIVEIRA DOS SANTOS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Samira Lima da Costa

RIO DE JANEIRO
2022

S237p

Santos, Itamara Silva de Oliveira
PAPO DE TERREIRO: RESISTÊNCIA À INTOLERÂNCIA
RELIGIOSA E RACISMO PELAS CASAS DE CANDOMBLÉ EM NOVA
IGUAÇU, REGIÃO DA BAIXADA FLUMINENSE, RJ / Itamara
Silva de Oliveira Santos. -- Rio de Janeiro, 2022.
120 f.

Orientadora: Samira Lima da Costa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social, 2022.

1. Religião de matriz Africana na Baixada
Fluminense. 2. Racismo Religioso. 3. liberdade e
Direitos . 4. Amor. 5. Psicossociologia de
Terreiro. I. Costa, Samira Lima da , orient. II.
Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Instituto de Psicologia

Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Ata de Defesa de Mestrado

Às 09:00 hs do dia **09/06/2022**, o(a) aluno(a) **ITAMARA SILVA DE OLIVEIRA DOS SANTOS** (registro nº. 120008118), se submeteu à banca examinadora composta pelos Professores Doutores - membros efetivos: Samira Lima da Costa (orientadora e presidente da banca), CPF nº 017.646.317-81, Lucimara Rett, CPF nº 098.650.448-38, e Marcia Cabral da Costa, CPF nº 012.438.657-17; membros suplentes: Claudia Reinoso de Araújo de Carvalho, CPF nº 035.252.637-83 e Luciano Luz Gonzaga, CPF nº 015.579.907-00. O trabalho do(a) aluno(a), intitulado **“PAPO DE TERREIRO: Resistência a Intolerância Religiosa e Racismo pelas casas de Candomblé em Nova Iguaçu Região da Baixada Fluminense”** foi: () aprovado, devendo entregar a versão final encadernada no prazo de 60 dias; (x) aprovado condicionalmente, devendo apresentar os ajustes exigidos pela banca, no prazo máximo de 90 dias*; () reprovado. **APROVADO(A)**, o(a) aluno(a) faz jus ao título de **Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social**. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata que é abaixo assinada pelos membros da banca e pelo(a) aluno(a).

Banca

Orientadora



Documento assinado digitalmente

SAMIRA LIMA DA COSTA
Data: 23/11/2022 14:06:55-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>



Documento assinado digitalmente

LUCIMARA RETT
Data: 23/11/2022 18:21:43-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>



Documento assinado digitalmente

MARCIA CABRAL DA COSTA
Data: 23/11/2022 19:21:08-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Aluna Itamara S. O. dos Santos

Observações: A banca recomenda ampla revisão ortográfica e reconstrução das considerações finais, além de sugerir que sejam revistas as considerações feitas durante a defesa.

Atestado de cumprimento das exigências*

O(A) aluno(a) cumpriu as exigências e a partir desta data e tem 10 dias para entregar a versão final em pdf.

Assinatura do Orientador

Data: ___/___/___

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao Povo de Terreiro, que vem sofrendo violência direta e indiretamente, por pertencer às Religiões de Matrizes Africanas.

AGRADECIMENTOS

Este caminho até aqui foi compartilhado por interrogações, encontros, desencontros, buscas, tristezas, alegrias, angústias, ansiedades, entre outros sentimentos. Não cheguei aqui sozinha, mas com povo de terreiro, minha família e meus amigos, todos os meus companheiros de luta e resistências.

Agradeço a minha mãe Marina, meu pai Itamar Ramos, meus filhos Yago, Indilana e Jorge Henrique, meu companheiro Jorge dos santos, meus filhos de santo pela força e dedicação a minha pessoa e ao nosso terreiro.

Agradeço aos meus amigos Hugo, Tati, Dani, todos os meus companheiros de luta, fé e existência.

Agradeço ao meu amigo Geraldo Bastos, que tanto torce por todos os amigos, que está ali por todas as horas para ajudar.

Agradeço a minha querida orientadora Samira Lima, pela paciência e pelos saberes transmitidos.

Ao meu querido amigo Luciano Luz, pelo incentivo de luta e pelos sonhos.

Agradeço a todos os professores que tive o privilégio de conhecer e agregar meu processo de ensino aprendizagem.

Quero agradecer meu pai Inkice Mutakalambo (Oxóssi), meu pai caboclo Chapéu de Couro e minha pomba-gira Maria de Padilha, pelas inúmeras vezes, ajudaram me enxergaram melhor do que eu, a mim mesma.

Por fim, agradeço ao CNPQ pelo aporte financeiro que nos possibilitam criar condições de tornar reais nossas pesquisas.

Poema Religioso - Mariana Souza (Ana Mari Souza)

Quatro pontos têm a minha religião
Faço deles a minha filosofia e faço deles a minha ação
Viva, creia, ame e faça,
Essa também é minha oração,
Viva sua filosofia, ame a sua arte,
Creia na sua religião e faça a sua parte,
Mas não use sua religião pra tentar reprimir o outro,
Somos sete bilhões de mentes no mundo e
Querer que todo mundo creia na mesma coisa
É no mínimo papo de louco.

Eu respeito todos que tem fé,
Eu respeito todos que não há tem,
Eu respeito quem crê em um Deus,
Eu respeito quem não crê em ninguém.

Eu gosto de quem tem fé no verso,
Eu gosto de quem tem fé em si mesmo,
Eu gosto de quem tem fé no universo,
E eu gosto dos que andam a esmo.

Um abraço pra quem é da ciência,
Um abraço pra quem é de Deus,
Um abraço pra quem é da arte,
E um abraço pra quem é ateu.

Axé pra quem é de axé, amém pra quem é de amém,
"blessed be" pra quem é de magia, E amor pra quem é do
bem.

Intolerância religiosa é a própria contradição,
Religião vem do latim religare que significa união,
Então pare de dividir o mundo entre os que vão e os que não vão para o paraíso,
O nosso mundo tá doente em tudo enquanto nós perdemos tempo brigando por isso.
Ao invés de dividir as religiões entre as que são do mal e as que são do bem,
Que tal botar sua ideologia no bolso e ajudar aquele moço
Que de frio morre na rua, desamparado e sem ninguém?
Os grandes mestres já disseram que precisamos de união,
Então porque não fazer do respeito também uma religião.

(Ana Mari Souza)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem Pade, comida feita para Divindade Exu e quartinha com água/Pambu Nijila.	1
Figura 2 - Protesto realizado pelo Comitê inter-religioso da Baixada Fluminense acerca da intolerância religiosa, Nova Iguaçu, 2019.	5
Figura 3 - Imagem Reportagem Frente contra a intolerância. Fonte jornal da Baixada 2019 e arquivo pessoal.	7
Figura 4 - Rotas dos navios negreiros que aportavam no Brasil.	16
Figura 5 - União de participantes	23
Figura 6 - Possibilidade da Psicossociologia	24
Figura 7 - Localização geográfica dos bairros do município de Nova Iguaçu – foco da nossa pesquisa, 2021. Na figura: Jardim Monte Castelo: 01 casa de santo; Parque Flora: 02 casas de santo; Parque Ambaí: 01 casa de santo; Vila Três Corações: 02 casas de santo; totalizando dez casas.	28
Figura 8 - Entrevista com a yalorixá Rosane de Oxalá.	31
Figura 9 - Porcentagem de denúncias de intolerância	32
Figura 10 - Casa do Babalorixá Ogunzinho no Bairro do Ambaí, Nova Iguaçu, RJ, 2017.	36
Figura 11 - Mapa Representativo da Baixada Fluminense	39
Figura 12 - Mae Kaelezimbe	50
Figura 13 - Pai Genésio	53
Figura 14 - Pai Adriano	57
Figura 15 - Pai Sergio Pina	60
Figura 16 - Mãe Andreia	77
Figura 17 - Terreiro de candomblé foi invadido e vandalizado em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense	84
Figura 18 - Utensílios destruídos em terreiro na	85
Figura 19 - Violação do domicílio	85
Figura 20 - Reportagem do Jornal Extra no dia 25 de outubro 2018 Casos de Polícia	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais nações do candomblé no Brasil.	16
Quadro 2 - Cronograma da pesquisa	48

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com base em narrativas dos povos de terreiros no município de Nova Iguaçu, na Região da Baixada Fluminense. Teve por objetivo identificar e analisar as experiências de intolerância e racismo religioso, bem como as estratégias de resistência de sacerdotes que atuam em áreas dominadas por forças paramilitares e extremistas neopentecostais. Como sacerdote no mesmo campo religioso e no mesmo recorte geopolítico da Baixada Fluminense, a partir do meu espaço de fala, busco refletir e identificar como o povo de terreiro vem resistindo à constante violação do direito de liberdade de culto na atualidade. A metodologia foi de narrativas temáticas de memórias de vida, complementada por breve estudo documental. Os resultados apontam que há diferentes experiências de violência, envolvendo desde constrangimentos psicológicos e morais, até ataques físicos, perdas materiais e assassinatos. As estratégias de resistência são adotadas individual e comunitariamente, abrangendo lutas no campo da política e denúncias, mas também a manutenção silenciosa dos cultos e até mesmo a suspensão de atividades públicas, com persistência de práticas individuais de devoção e fé. Ao longo dos séculos o investimento violento no extermínio da população preta e suas práticas culturais e religiosas vêm mantendo as vidas pretas em contínua ameaça e medo; porém, as práticas de existência e resistência inteligente, apoiadas na sabedoria ancestral, também atravessam os séculos, e se perpetua nos dias de hoje, chamando à ampla reflexão sobre o lugar da produção e manutenção da vida.

Palavras-chave: Intolerância religiosa. Racismo religioso. Candomblé. Direitos. Psicossociologia de terreiro

ABSTRACT

This research is based on the narratives of people from Terreiro in the municipality of Nova Iguaçu, in the Baixada Fluminense region. It aims to identify and analyze experiences of intolerance and religious racism, as well as the resistance strategies of priests who work in areas dominated by paramilitary forces and neopentecostal extremists. As a priest in the same religious field and in the same geopolitical scope 0 Baixada Fluminense –, from my speech space, I seek to reflect and identify how the terreiro people have been resisting the constant violation of the right to freedom of worship today. The methodology was to listen to thematic narratives of life memories. The results point to different experiences of violence, ranging from psychological and moral constraints to physical attacks, material losses and murders. Resistance strategies are adopted individually and communally, encompassing struggles in the field of politics and denunciations, but also the silent maintenance of cults and even the suspension of public activities, with persistence of individual practices of devotion and faith. Over the centuries, the violent investment in the extermination of the black population and its cultural and religious practices has kept black lives in continuous threat and fear; however, the practices of existence and intelligent resistance, supported by ancestral wisdom, also cross the centuries, and are perpetuated today, calling for a broad reflection on the place of production and maintenance of life.

Keywords: Religious intolerance. Religious racism. Candomblé. Rights. Terreiro psychosociology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO 1. MINHA HISTÓRIA, MINHA MOTIVAÇÃO.	5
CAPÍTULO 2. A PESQUISA	7
2. A PESQUISA	7
2.1 JUSTIFICATIVA	9
2.2 OBJETIVOS	11
2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
2.4 PROBLEMATIZANDO	11
2.5 ÁREA DE ATUAÇÃO DA PESQUISA	14
CAPÍTULO 3. O CANDOMBLÉ NO BRASIL	16
3. O CANDOMBLÉ NO BRASIL	16
3.1 A DIÁSPORA E O CANDOMBLÉ NO BRASIL	17
3.2 O CANDOMBLÉ COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E ENFRENTAMENTO	20
3.3. A PSICOSSOCIOLOGIA E O CANDOMBLÉ	23
4. ETAPAS METODOLÓGICAS	27
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	27
4.3 ESCUTA SENSÍVEL	28
4.4 MEMÓRIAS E NARRATIVAS	29
CAPÍTULO 5. A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA	31
5.1. NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE UMA MÃE DE SANTO	31
5.2 EXEMPLO DE CASO DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA	33
CAPÍTULO 6. PRÉVIAS CONSIDERAÇÕES	36
6.1 DE ONDE VEM TANTO ÓDIO?	36
6.2 COMO O CANDOMBLÉ EXERCE A SUA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVE A SUA RESISTÊNCIA?	38
7. RESULTADOS E DISCUSSÕES	41
MEMÓRIAS DE UMA MÃE - DONA GEORGETE	59
MEMÓRIAS DE PAI GENÉSIO	61
MEMÓRIAS DE PAI ADRIANO	64
MEMÓRIAS DE PAI SERGIO PINA	68
MEMÓRIAS DE MÃE MUTALANGUE ANDREIA	71
REFERENCIAIS	104

APRESENTAÇÃO

*Eee Mavile e Mavambo kuriaqui compenso é RA
RA kuriaqui compensou é (Guardião protetor, sua comida está pronta!)*

Inicio este trabalho saudando primeiramente a força e as energias do Inkice¹ *Pambu Nijila*, divindade guardiã da porteira do meu terreiro, que é representado pelos atalhos que se cruzam e que permitem que se vá a todos os lugares. O real defensor do direito de ir e vir.

Novamente reverencio *Pembelê Mavambo*, que ele traga para todos nós caminhos abertos para continuar nossa luta, com fê e resistência. Que a sua velocidade nos torna veloz, veloz para a liberdade de povos que já sofreram muito e ainda sofrem com dores que parecem não cessar.

Imagem 1 - Pade, comida feita para Dinvidade Exu e quartinha com água/Pambu Nijila



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022)

¹ Termo de linguagem banto que significa divindade dos caminhos. Na linguagem yorubana significa Exu e na linguagem fom significa Elegbara.

Após saudar nossas divindades, preciso me apresentar. Sou mãe Keualambo, iniciada desde 1994, e mãe de santo desde 2003.

Meu terreiro se localiza em Nova Iguaçu, no bairro Parque Flora, na Rua Estrada de Santa Rita 321.

O caminho que me trouxe até o mestrado nasceu da experiência e das inquietações vividas no dia a dia do terreiro. Na pedagogia de terreiro, é comum usarmos as histórias para explicar e para ensinar caminhos. Vou contar aqui uma das muitas histórias que vivi e que ajudaram primeiro, a tecer uma pergunta inquietante, e depois, a buscar o mestrado.

Em um fim de tarde, no sábado, tinha acabado a festa do Inkice Mutakalambo Oxossi, estava no portão me despedindo de alguns filhos e convidados que precisavam ir embora. Então, passaram duas crianças na rua, uma menina e um menino. Os dois começaram uma discussão de que não poderiam passar pela calçada da MACUMBA. Os dois foram brigando, e um puxa puxa para lá e pra cá, o menino disse: não vamos passar na calçada da macumba porque minha mãe não deixa. Naquele momento, rimos da situação do puxa puxa. Mais tarde, quando parei para refletir, a pessoa que era para ensinar (a mãe) o respeito ao próximo, a empatia ao próximo, não estava fazendo isso. Ao contrário, vinha dela a orientação para a discriminação e o preconceito.

Independentemente de qual seja a crença de grupos afrodescendentes, seja ela cristã ou não, a intolerância existe — e isso tem muito mais a ver com racismo do que puramente com preconceito religioso. Trata-se de um racismo epistêmico, que discrimina e deseja exterminar qualquer conhecimento e prática que venha do continente africano, seja cultural, científico e/ou religioso. Mas com tanto investimento contra o povo de terreiro, e ao longo de tanto tempo, como temos seguido, resistido, e até ampliado nossas frentes de ação e espaços de existência? Essa foi a pergunta que me trouxe de volta à universidade.

INTRODUÇÃO

A história do Brasil é a história de muitas lutas, invasões, violências, composições, alianças, resistências. Essa história possui 522 anos desde sua colonização por povos portugueses; cerca de 388 anos dessa história foram vividos na realidade de um regime escravocrata. Dessa forma, há pouco mais de 130 anos apenas, o Brasil se tornou uma nação que prega ou defende o abolicionismo. De acordo com Zanetti (2019) a escravização foi uma das mais nefastas atividades humanas empregadas em terras brasileiras, oprimindo negros e indígenas do norte ao sul do país, durante muitos anos.

O processo de abolição da escravização levou muito tempo para ocorrer no Brasil. Mesmo após a independência do país em relação a Portugal, foi mantida a escravização do povo negro, tanto os africanos quanto seus descendentes nascidos na América. Em 13 de maio de 1888 foi assinada a “Lei Áurea”, que tornou ilegal a escravização no Brasil. Essa lei representa a culminância de um processo longo, pelo qual diferentes restrições foram colocadas com relação à escravização no Brasil, a maioria delas respondendo a imposições econômicas internacionais, e protegendo os interesses dos grandes produtores rurais, em grande parte escravocratas que eram contra a abolição; por isso, diversas leis anteriores à Lei Áurea de 1888 foram assinadas, mas ainda assim favoreciam os senhores de escravos, como a lei do Ventre Livre e a Lei dos sexagenários.

A abolição ganhou esse nome, mas não teve esta característica. Ou seja, a lei não aboliu, não extinguiu a escravização imediatamente. Isso foi ocorrendo aos poucos, e ainda tem rastros profundos nas memórias, nos corpos e nas relações do povo brasileiro. A liberação dos escravizados foi ocorrendo da forma definida pelos senhores escravocratas, ou seja, liberaram primeiro todos aqueles que estavam doentes, idosos, impedidos ou com dificuldades para o trabalho.

Só depois, com muita luta do próprio povo negro, apoiado por movimentos abolicionistas, os demais (que sobreviveram) foram também libertados. A liberação, entretanto, ocorreu como um despejo, sem bens ou direitos. Isso deu origem a um contingente de ex-escravizados que foram deixados à sua própria sorte, sem emprego e sem ter onde habitar, uma vez que não eram mais escravos e o trabalho assalariado começou a ser atribuído a novos imigrantes chegados no Brasil. Ainda que a mão de obra negra fosse mais adequada, tivesse já expertise para o trabalho nos campos do

Brasil, os imigrantes europeus tiveram preferência, em grande medida devido ao racismo, que impedia que os brancos portugueses e brasileiros aceitassem assalariar os negros e tê-los como empregados.

Esses grupos iam a busca de novos lugares para habitar, em busca de empregos ou outras fontes de renda, e assim foram se formando comunidades. Nota-se que, mesmo após a abolição, as consequências cruéis da escravização permaneceram e acabaram por atingir até os dias atuais os homens e mulheres negros. Houve, portanto, um processo em que os negros foram – e continuam sendo – marginalizados, excluídos e injustiçados.

Foram quatro séculos de escravização e apenas um século para iniciar a discussão sobre reparação dos danos que ocorreram contra esse povo – não foi ainda suficiente. A cultura afrodescendente teve que resistir a muitos desafios, racismo, violência e brutalidade para que os povos negros tivessem ainda hoje a oportunidade de ter a sua religião. Para Almeida (2019), o racismo estrutural é resultado da colonização e da escravização. Dessa maneira, na atualidade há muitos empecilhos ainda para que os afrodescendentes tenham seus direitos garantidos e igualdade social; também há muito o que se fazer para reparar os danos causados.

O racismo ainda permeia as relações sociais, atos criminosos contra homens e mulheres negros devido à sua raça ainda são praticados, quase tanto quanto agressões por causa de suas crenças ou religiões.

A cultura africana sofreu adaptações ao longo do tempo no Brasil. Houve muitos intercâmbios culturais entre os negros de diferentes origens que vieram para o país contra a sua vontade, mas que aqui acolheram uns aos outros, apesar de conflitos que houvesse entre suas tribos, nações e clãs de origem. Assim, algumas religiões afro-brasileiras atualmente podem ser mais ou menos semelhantes às de sua origem africana, outras podem apresentar grandes variações, de acordo com a sua região no Brasil. Podem ser encontrados muitos matizes do candomblé, da umbanda, e ainda outras variações regionais.

O candomblé, por sua vez, é uma das religiões afro-brasileiras mais conhecidas em todo o País, sendo seu panteão constituído pelos orixás, inquices e voduns, divindades dos povos Iorubá, Banto e Jeje, respectivamente.

O racismo é expresso além da rejeição ou agressão a pessoas devido à sua cor; ele também é expresso em forma de intolerância religiosa e cultural. Assim como o trabalho negro, embora fosse mais adequado e qualificado do que dos migrantes

européus, foi preterido devido ao racismo, do mesmo modo as religiões de matriz africana, embora sejam acolhedoras e ajudem a organizar afetivamente todos aqueles que ali chegam, são atacadas e perjuradas, devido ao racismo. O racismo religioso não ataca as religiões que possuem pessoas negras em sua congregação, mas sim aquelas cujo panteão não advém do referencial “euro-monoteísta cristão”, como alerta Antonio Bispo (SANTOS, 2015). Ou seja, os terreiros são atacados por serem de origem africana.

Dessa forma, por muito tempo a visão etnocêntrica europeia, a qual tinha por religião o cristianismo como eixo principal, guiada pela Igreja Católica, condenou as religiões africanas, bem como outras de outras etnias. Assim, muitas pessoas foram perseguidas por sua religião, ocorreram genocídios devido a essa questão.

Logo, essa intolerância foi perpetuada no Brasil. Atualmente, uma nova onda de perseguição e ataques vem se constituindo pela via neopentecostal, perpetuando a ideia dualista do bem e do mal, colocando as religiões africanas como uma expressão do mal, uma vez que consideram apenas a sua religião como a correta, como a única e possível expressão do bem. Sendo assim, muitos indivíduos sofrem ainda nos dias de hoje repressão por sua religião. A violência praticada contra os negros devido a sua cor da pele também é praticada contra a sua cultura, contra a sua religião, contra seu modo de viver e existir.

Dessa forma, percebe-se que ainda há uma crença dualista e rivalidade entre as religiões, pois compõe a estrutura da sociedade, por isso, o racismo estrutural. Isso faz com que a camada da sociedade que, desde o início da história desse país foi a base de seu desenvolvimento e injustiçada, continue tendo dificuldades de estabelecer seu espaço, exercer direitos de cidadão e ter a sua religião e cultura respeitadas.

Esses fatos estão atrelados, de acordo com Almeida (2019), a um processo de construção histórico-cultural de povos que se consideram superiores a outros povos em termos culturais e étnicos.

CAPÍTULO 1 - MINHA HISTÓRIA, MINHA MOTIVAÇÃO

Meu interesse pelas tradições de matrizes africanas e seus desdobramentos é fruto de um compromisso que começara no terreiro de minha Vó, a senhora Silva Costa

de Oliveira (conhecida por Mãe Guiame de Lembá²). Minha vó começou sua jornada espiritual no ano de 1954, com 30 anos de idade. Como esposa, teve cinco filhos homens e, com ajuda dos seus cinco filhos, fundou o Abassá de Lembá dilê no candomblé de nação Angola, no município de São João de Meriti – região da Baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro.

No ano de 1962, minha avó mudou-se para o Município de Nova Iguaçu e trasladou o axé para o novo terreiro, permanecendo neste local até o dia 29 de abril de 2002, data de seu falecimento. Lembro-me que, quando criança, dançava nas rodas das festas com chupeta na boca e brincava de frango perto de um fogão à lenha ao lado do barracão que ficava próximo a minha residência. A minha infância se misturava com as rodas de candomblé e brincadeiras com as minhas primas na rua.

No ano de 1994, com 14 anos de idade, iniciei-me para o inkice mutakalambo³ na casa do Senhor Jeusamir Alves da Silva (tata Anangue), senhor de grande confiança de minha avó. No ano de 2003, aos 25 anos, depois de todo processo fúnebre, assumi o compromisso com o sagrado, herdando o axé(casa de santo terreiro) que minha avó deixou.

Na atualidade, com 28 anos de iniciada, anseio ser melhor todos os dias, como pessoa e como mameto de Inkice (mãe de santo). Ao longo desse processo, sigo iniciando filhos de santo, acompanhando a feitura de netos, abrindo terreiros para os meus filhos de santo e fazendo amigos maravilhosos.

No tocante aos amigos que tenho em tantos terreiros, penso que é por eles que a minha motivação para esta pesquisa começar. Atualmente, a minha função é escrever sobre a intolerância religiosa que tanto me angustia, mas também sobre a força e a sabedoria que faz com que nossa religião sobreviva, resista e se reinvente para seguir. Assisto, com relativa frequência, a expulsão de amigos de suas casas de santo. Muitas casas são quebradas, depredadas por grupos opositores que desrespeitam a religião de matriz africana e a pessoa humana. Ainda assim, seguimos.

Falar sobre intolerância religiosa é um compromisso que assumo como Assistente Social, mãe de santo, mãe, esposa, mulher e negra para os meus filhos, netos,

² Inkice da procriação e da paz, pai de todos os inkices, equivalente ao orixá Oxalá para os yorubanos e ao vodun Lissá para os daomeanos.

³ Inkice da caça.

amigos e sociedade. Dessa forma, acredito na motivação que tenho para pesquisar e entender a intolerância religiosa e resistência negra, do ponto de vista de quem a sofre e resiste. Considero fundamental aprender, *in loco*, atos de intolerância contra afro religiosos, especificamente na Baixada Fluminense, onde simbologias e características marcantes do candomblé parecem ser demonizadas por outros religiosos, em especial aqueles associados às forças paramilitares (BASTOS, 2020).

É de suma relevância discutir essas questões, pensando o processo de construção histórica sobre essa violência que estamos vivendo e, sobretudo, pensar também como resistir diante de tal cenário. É preciso dar atenção ao manifesto destas pessoas!

O que se opõe ao descuido é o cuidado, cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, representa uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro (Boff apud GUARÁ, 2010, p. 59).

Assim, ouvir, acolher vítimas de práticas racistas e intolerantes e denunciar essas práticas tem sido a minha meta. Para atingir este intento, procuro conciliar a minha vida espiritual com a minha vida de pesquisadora (Figura 1).

Figura 1 - Protesto realizado pelo Comitê inter-religioso da Baixada Fluminense acerca da intolerância religiosa, Nova Iguaçu, 2019.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

CAPÍTULO 2. A PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada a partir do campo das narrativas dos povos de terreiros no município de Nova Iguaçu, na Região da Baixada Fluminense, identificando experiências de sacerdotes acerca da intolerância e racismo religioso, e suas estratégias de resistência. É uma descrição de minhas vivências, angústias, anseios e crenças mais íntimas. Consiste, portanto, na análise, a partir do meu espaço de fala, como mãe de santo e assistente social, não apenas das experiências de violência, mas como o povo de terreiro vem resistindo a toda essa violação do direito de liberdade de culto na atualidade.

Segundo Silva e Santos (2020) o racismo enquanto parte fundamental das relações de poder, constitui a formação histórica do Brasil, com atos extremos de violência e desumanização realizados contra pessoas negras, como por exemplo, da diáspora africana e da escravidão negra. Nesse processo de formação histórica, as resistências negras são muitas.

Assim, segundo Antônio Bispo dos Santos, pode-se afirmar que::

A guerra da colonização nada mais é que uma guerra territorial, de disputa de territorialidades. Nesse contexto, nós, povos contra colonizadores, temos demonstrado em muitos momentos da história a nossa capacidade de compreender e até de conviver com a complexidade das questões que esses processos têm nos apresentado. Por exemplo: as sucessivas resignificações das nossas identidades em meio aos mais perversos contextos de racismo, discriminação e estigmas; a readaptação dos nossos modos de vida em territórios retalhados, descaracterizados e degradados; a interlocução das nossas linguagens orais com a linguagem escrita dos colonizadores (SANTOS, 2015, 5).

Da mesma forma, Jesus, Barros e Filice (2020), descrevem que esses movimentos de resistências são relativos aos projetos coloniais e tem interface com as ideias do quilombola Antônio Bispo dos Santos, quando reconhece como contra coloniais as diversas estratégias, práticas de subversão e experiências de exposição desses povos.

“Os africanos influenciaram profundamente a sociedade brasileira e deixaram contribuições importantes para o que chamamos hoje de cultura afro-brasileira” (MATTOS, 2012, p. 155). As formas que os descendentes africanos possuem para expressar sua fé é apenas uma parte da sua cultura que precisa ser valorizada,

respeitada, assim urge que medidas sejam tomadas para o combate ao racismo religioso e intolerância religiosa no Brasil, a fim de que as culturas afro-brasileiras não precisem ser resistências, mas ter seu espaço garantido e respeitado tanto quanto outras religiões e culturas, conforme se asseguram seus direitos igualitários em uma democracia e em um Estado Laico – ou, na verdade, um Estado pluri-religioso, como deveria de fato ser caracterizado o Estado brasileiro, que respeita feriados e costumes de várias religiões (mantendo feriados católicos, mas ao mesmo tempo respeitando outras denominações, chegando, por exemplo, a fazer concursos públicos com previsão de salas especiais para os batistas, que não podem fazê-lo aos sábados).

De acordo com Silva e Santos (2020):

Mobilizadas pela urgência e pela necessidade de adoção de medidas para combater esse cenário, junto com outras organizações e movimentos sociais, a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq) e a Terra de Direitos têm desenvolvido um conjunto de iniciativas buscando a denúncia, a visibilização e a responsabilização das autoridades públicas e dos demais agentes envolvidos (p. 72).

Porém, assim como na Baixada Fluminense, o distanciamento entre a lei e o cotidiano é prática comum no país. , O racismo e intolerância religiosa estão presentes no cotidiano dos povos de terreiro, indo ao contrário do que foi assegurado pela Carta Magna de 1988 que estabelece em seu artigo 5º: “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”, assim tratando a questão da liberdade de culto e crença.

Como pode ser visto na figura 3, os terreiros da Baixada Fluminense vem enfrentando a intolerância religiosa de muitos modos, inclusive por meio de protestos públicos.

Figura 3 - Imagem Reportagem Frente contra a intolerância.



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Dessa forma, o que evidenciamos é uma distância entre o que determina a Lei e o que acontece no cotidiano das casas de candomblé, conforme exemplificado no caso das instituições que se encontram no município do Rio de Janeiro e na periferia, em especial na Região da Baixada Fluminense, foco da pesquisa.

Conforme Moura (2020), as comunidades afro religiosas demonstram o complexo processo de reafirmação de identidade e de efetivação do exercício total da liberdade religiosa e de culto. Indo de frente aos ataques e falta de respeito voltado para tal prática, vemos a força e a sabedoria dos conhecimentos ancestrais vivenciados cotidianamente nesses espaços, inclusive sobre como sobreviver à máquina de

genocídio e epistemicídio historicamente instaurados junto com os sequestros dos corpos africanos na dita experiência moderna.

De acordo com a matéria produzida pelo jornalista Douglas Corrêa à Agência Brasil (2018), os municípios com maiores índices de intolerância religiosa são: o município do Rio de Janeiro (55%), seguido do município de Nova Iguaçu (12,5%) e Duque de Caxias (5,3%). O tipo de violência mais praticado nestes municípios varia desde a difamação (10,8%), passando por depredação e arrombamento (20%) indo até a discriminação dos frequentadores das casas de candomblé (32%).

Diante de infortúnios pelos quais os terreiros de candomblé passam na atualidade e, que tanto comprometem a sua funcionalidade e existência, interessa-nos, a priori, identificar quais as principais estratégias de controle e resistência que são utilizadas pelos sacerdotes e ‘filhos de santo’ no enfrentamento aos ataques deliberados de grupos opositores aos cultos de matrizes africanas.

Segundo Moura (2020):

As religiões de matriz africana sofreram perseguições e se, ultimamente, temos vivido um crescimento assustador de casos de ataques, intolerância e racismo religioso, o povo de santo sempre resistiu e ainda resiste! Quando estou falando de ataques, refiro-me não somente às situações de destruição e profanação de terreiros Brasil afora, mas de ataque direto à dignidade e à liberdade da comunidade afro religiosa, pelo avanço de pautas conservadoras e racistas. Querem fazer silenciar e amedrontar o povo de santo, que, no entanto, segue mostrando a força dos orixás, dos caboclos, dos voduns e de tantas outras divindades e entidades que pertencem às práticas afro religiosas (p. 281).

Com o intuito de descrever esses desafios vivenciados pelos terreiros de candomblé, justifica-se a realização desta pesquisa que visa somar esforços no campo da psicossociologia, além da militância voltada para a valorização da etnia negra, que promova a superação da história de opressão e marginalização sociocultural, como na denúncia dos mecanismos opressivos que construíram e constroem a condição subalternizada.

Além disso, esperamos que esses estudos fomentem o empoderamento dos adeptos de terreiros em áreas hostis, identificando os códigos e regras que são compartilhadas e que dão o sentimento de pertencimento e coesão ao grupo, bem como, por meio de rodas de conversa entre os membros, que contribuam para identificação das principais tensões e expectativas acerca do funcionamento cotidiano das casas de candomblé.

2.1 JUSTIFICATIVA

De acordo com Moura (2020), a crescente publicização dos eventos de ataque a terreiros, demonstra que existe perversidade racista cotidiana, com alta nos discursos de ódio. Apesar da Constituição Federal de 1988 elencar a liberdade religiosa de maneira clara e inequívoca, o fenômeno da violência, do racismo e da intolerância religiosa se revela um desafio ao convívio numa sociedade que deveria ser plural, e uma barreira para a efetivação plena da liberdade religiosa no Brasil.

As formas de manifestação da intolerância podem ser variáveis, indo de atitudes preconceituosas, passando por ofensas à liberdade de expressão da fé, até as manifestações de força contra minorias religiosas. De todo modo, as muitas práticas de intolerância religiosa demonstram falta de respeito às diferenças e às liberdades individuais e que, devido à ausência de conhecimento do discriminador e de acolhimento da vítima por ações sociais em sua defesa, podem levar a atos extremos de violência física e até mortes.

Ainda segundo Kilomba (2019): “o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente representadas por pessoas brancas que ironicamente tornam-se ‘especialistas’ em nossa cultura, e mesmo em nós” (p. 51). Neste intento, o trabalho ressalta sua importância pela possibilidade de reforçar a luta contra o racismo religioso e discriminação contra as religiões de matrizes africanas, evidenciando os desafios de sacerdotes das casas de candomblé que vivenciam tais atos infringentes e como os mesmos resistem a tais confrontos e embates.

2.2 OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo geral identificar e analisar as experiências de intolerância e racismo religioso, bem como as estratégias de resistência de sacerdotes que atuam em áreas dominadas por forças paramilitares e extremistas neopentecostais. Visa, ainda, identificar possíveis convergências nas experiências de violência e confluências nas estratégias de resistência dos/das narradores/as.

CAPÍTULO 3. REVISÃO DA LITERATURA

3. O CANDOMBLÉ NO BRASIL

Como adverte Grada Kilomba (2019), ironicamente são os autores brancos que dominam o conhecimento sobre a cultura negra. Serão aqui citados alguns desses autores, com a forte esperança de que, em futuro próximo, possamos recorrer cada vez mais aos conhecimentos e aos autores negros, que falam e escrevem sobre nossa cultura.

De acordo com o Novo dicionário banto do Brasil, de Lopes (2003, p. 62), o termo candomblé talvez tenha se originado da palavra ‘*kiamdombe*’ (negros), acrescida de outra palavra, de origem iorubana ‘*ilê*’ (casa), significando, portanto, ‘casa de negros’ corroborando com Carneiro (1991, p. 33), que define como “lugar em que os negros realizam as suas festas religiosas”.

Para Biancardi (2006, p. 304), o candomblé é: “um modelo ritual-religioso fortemente influenciado pelas religiões maometana e iorubá”. Para Santos (2015, p. 58), “a abstração, imaterialidade, unidade e hierarquia são perfilados com concretude, pluralidade e circularidade a partir dos comparativos entre cultos religiosos do Estado e da Igreja com vivência da espiritualidade nos terreiros de umbanda e candomblé”, assim na sociedade, pode se observar certo preconceito nessa religião, devido a fatos racistas.

Barros (2009, p.17) acrescenta que o candomblé é “o resultado da reelaboração de diversas culturas africanas, produto de várias afiliações, existindo, portanto, vários Candomblés”. Essas são apenas algumas das possibilidades de significado da palavra candomblé.

Definições diversas à parte, o que se tem plena certeza é que o candomblé é uma prática africana nascida na diáspora, no interior das senzalas, pelos negros que aqui foram escravizados. Portanto, podemos definir o candomblé como uma festividade religiosa, inicialmente praticada nas fazendas e latifúndios pelos negros que prestavam homenagens aos seus orixás, voduns ou inkices. Entretanto, o termo candomblé surgiu a partir de propostas “modernas” no final do século XIX, por negros e negras já alforriados ou sobreviventes da escravidão.

Os negros trazidos para o Brasil, em sua maioria, tinham como registro de sua procedência os portos em que eram embarcados na África; no entanto, parte deles foi capturada no interior, situação que, ainda na atualidade, faz prevalecer incertezas sobre a origem desses cativos (SILVA, 2005). Importante informar que o sistema escravista

fez com que africanos inimigos, de diferentes etnias, em território brasileiro, tivessem que se unir em prol de sua própria sobrevivência.

De acordo com Bastide (1960, p.67), se distintas etnias africanas cultuavam cada uma a sua própria divindade, no Brasil os “deuses ao entrarem em contato se juntaram constituindo o candomblé”. Para Simas (2019), o racismo está na raiz dessa situação escravista da população negra, que na sociedade contemporânea, tem sido apresentada de forma constante e ganha novos formatos, tanto voltados para fé, e estão cada vez mais intensos desde o crescimento de certas denominações evangélicas neopentecostais.

No que tange especificamente à união forçada das etnias africanas escravizadas no Brasil, Prandi (2005, p.20-21) esclarece que o candomblé “é o nome dado à religião dos orixás formada na Bahia, no século XIX, a partir de tradições de povos iorubás, ou nagôs, pois há outras correntes da religião que originaram-se em outras regiões do Brasil, com influências de costumes trazidos por grupos fons, aqui denominados jejes, e residualmente por grupos africanos minoritários”.

Marques (2017, p.94) acrescenta que o Candomblé constitui-se de uma “organização social, que os negros se tornam membros de uma coletividade familiar, espiritual, [...], proporcionando-lhes uma segurança e uma estabilidade que nem sempre encontra em nossa civilização [...]”.

Podemos entender o candomblé como o conjunto de cultos, com seus fundamentos e tradições culturais e religiosas, onde a principal característica continua sendo a devoção aos deuses africanos. Em suma, “o candomblé é uma religião de matriz africana constituída no Brasil a partir dessa memória da vinda da África e seu empenho em mantê-la” (PAULA, 2014, p.13).

3.1 A DIÁSPORA E O CANDOMBLÉ NO BRASIL

Segundo Santos (2015, p. 8), “o quilombo pode ser considerado o símbolo maior da luta pela terra comunitária e pela liberdade em toda a Diáspora”. Várias foram as comunidades de negros que vieram para o Brasil, deixando enormes vazios demográficos em regiões definidas para o sequestro da população, podendo ser concentrados em dois grandes grupos étnicos, os sudaneses e os bantos, e também indivíduos pertencentes as populações Keto, Ijexá, Jeje, Efon e Angola..

Os sudaneses se dividiam em dois grupos culturais fundamentais, o primeiro situado no litoral do centro-norte africano, nas regiões sudanês-nigerianas, abrangendo a

o ‘padroeiro’ e Jeje tem no vodun Bessem o *chair* da nação.

O quadro a seguir faz um pequeno comparativo entre as cinco principais nações suas respectivas características (Quadro 1).

Quadro 1 - Principais nações do candomblé no Brasil.

Nação	Cultura	Culto ao	Língua falada	Principal Divindade	Função cosmológica da divindade *
Keto	Sudanesa	Orixá	Iorubá	Oxosse	Senhor da caça
Ijexá	Sudanesa	Orixá	Iorubá	Oxum	Senhora das águas doces
Jeje	Sudanesa	Vodum	Fon	Bessem	Senhor do arco-íris
Efon	Sudanesa	Orixá	Iorubá	Oxalá	Senhor da criação
Angola	Banto	Inkice	Kibun do	Kavungo	Senhor da morte e da cura

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

* POLI, Ivan (2019, p. 239-244).

Como se pode perceber, a liturgia iorubana (bem como existem outras nações e liturgias que se pode enquadrar como candomblé, como por exemplo, o batuque, que é mais praticado na região sul do Brasil), domina o território brasileiro e é exatamente por esse domínio fruto de intercâmbio de culturas que, salvo algumas exceções, os nomes dos inkices e dos voduns são mais cultuados nos fundamentos internos de suas respectivas casas de candomblé do que no dia a dia dos filhos de santo.

Dessa forma, não é incomum que um filho de santo iniciado na nação Angola dizer, por exemplo, que é filho de Oxalá, ao invés de dizer que é filho de Lembarenganga. Do mesmo jeito que um filho de santo iniciado na nação Jeje pode dizer que é filho de Iansã, ao invés de dizer que é filho de Vodun-Jó. Essas afirmações são fruto de nosso próprio desconhecimento identitário, mas também de nossa invenção/produção religiosa a partir de nossa experiência diaspórica, que teve sua fase de sedimentação em períodos que não havia acesso às informações de origem que dispomos atualmente.

Assim, esta associação pode não causar estranheza para o povo do candomblé.

Da mesma forma que diferentes grupos étnicos conviviam na mesma senzala e compartilhavam alguns ritos, as casas de candomblé, de diferentes nações, também promovem intercâmbios, isto é, pessoas iniciadas na nação Keto convivem com pessoas iniciadas na nação Jeje e vice-versa, promovendo trocas culturais e de fundamentos religiosos (orôs), o que pode levar a uma deterioração geral dos ritos.

3.2 O CANDOMBLÉ COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E ENFRENTAMENTO

“Devemos lembrar que os povos afrodescendentes estão entre os mais afetados pelo racismo. Muitas vezes, eles têm seus direitos básicos negados, como o acesso a serviços de saúde de qualidade e educação” BAN KI-MOON (Secretário-geral das Nações Unidas Década Internacional dos Afrodescendentes - 2015-2024).

De acordo com Moura (2004, p.22), o candomblé não surge apenas para adoração aos deuses africanos, mas também para fins de preservação da própria identidade africana e acrescenta que “ao invés de um mecanismo sincrético, o que houve foi uma síntese dessas religiões oprimidas no sentido de formarem uma unidade de resistência simbólica”.

Paula (2020, p. 13) esclarece que o candomblé “a partir de toda a dificuldade imposta pelo sistema hostil, se reorganiza para fins de sobrevivência”. A hostilidade ao candomblé materializa-se por um tipo de violência conhecida por racismo religioso, a qual é entendida por práticas de discriminação e violação de direitos (ARAÚJO, 2007; PEREIRA, 2019).

Essa forma de racismo emergiu nas práticas colonialistas, perdurando até os dias atuais, no imaginário social, com a premissa de que religiões de matrizes africanas são consideradas inferiores ou demoníacas (PRANDI, 2004; MARIANO, 2007; MIRANDA, 2018).

O racismo religioso retoma uma visão distorcida e grotesca de práticas utilizadas na Idade Média pelas atuais igrejas neopentecostais quando assumem uma cosmovisão cristã “que concebe relações humanas, atitudinais, pautadas entre a influência de demônios (espíritos maus) e do deus único, associado ao bem-estar, à ordem e ao sucesso” (LEANDRO; SANFILIPPO, 2018, p.93). Portanto, qualquer religião que não siga essa lógica é considerada imprópria. Os autores acrescentam que:

Não há espaço para quaisquer discussões sobre diversidades culturais, direitos e valores civilizatórios que não sejam pautados pela cosmovisão cristã, ou seja, não existindo argumentos, prevalece a **palavra de deus**. A bíblia (livro sagrado dos cristãos) opera como **carta magna**, a única constituição a ser seguida. Qualquer argumento contrário a ela será devolvido como heresia (LEANDRO; SANFILIPPO, 2018, p.93, grifos dos autores).

Nesse sentido, todo o conjunto de mitos, canções, histórias e outros componentes culturais do povo de candomblé que, em sua essência é negro, é revestido por um manto de ódio e desprezo, culminando “em intensos e sistemáticos ataques às casas de santo” (NOGUEIRA, 2017, p. 58).

Fernandes (2017, p.123) afirma que o termo racismo religioso surge para enfatizar uma perseguição que em outras religiões não cristãs não acontecem. Para a autora, esse tipo de “preconceito estaria ligado à formação colonial, à divisão e valorização racial negativa, influenciando na compreensão da religião”. E conclui:

[...] pode-se defender o uso do termo “racismo religioso” como mais adequado para caracterizar as ações de discriminação/intolerância contra as religiões afro-brasileiras, uma vez que, conforme explicitado no artigo, a africanidade das práticas vinculada ao contexto histórico colonial racista são as principais motivações das ações praticadas (FERNANDES, 2017, p.132).

Desse modo, podemos compreender que o racismo religioso vai além da **não aceitação do outro**. Nesse caldeirão de desconforto encontramos ingredientes como: o histórico de marginalidade dos ritos á qual parte da sociedade branca não compreende e prefere ignorar; a demonização promovida, no início, pela igreja católica e que, atualmente, exacerba nas igrejas evangélicas neopentecostais e facções criminosas.

Cabe aqui mencionarmos que a prática da demonização, como modelo de segregação e desrespeito às religiões de matrizes africanas, advém de uma prática bem antiga já declarada por Prandi (2013), na qual materializa a figura de Exu (Orixá da comunicação e virilidade, representado por falos eretos) como a personificação do demônio pelos cristãos. Esses discursos atingem muito mais pessoas além das que combatem a religião do candomblé no país.

Nessa equivocada comparação de Exu ser o diabo, ainda muito presente no imaginário social de muitas pessoas, tem promovido como bem afirma Miranda (2018, p.31), uma violação de direitos por praticantes que “incumbidos por suas igrejas de evangelizar [...] passam a enfrentar agressivamente o que eles chamam de **inimigo de deus e da humanidade**” (grifos da autora).

Dessa forma, esta pesquisa deve identificar nos discursos das Mametos e Tatas de Inkice yalorixás e babalorixás (sacerdotes do candomblé) quais as estratégias de resistência são utilizadas pelos mesmos (as) para manterem a continuidade do culto. Haja vista, o grupo amostral escolhido para a realização desta pesquisa localiza-se em uma área de intensos conflitos, ora com as igrejas neopentecostais, ora com uma determinada facção criminosa.

Portanto, enquanto mulher negra, mãe de três filhos, iniciada no candomblé a mais de 20 anos e zeladora de um terreiro, tomo o meu lugar de fala e por meio da pesquisa-ação e procuro contribuir para o empoderamento da voz do povo de terreiro, através de um método participativo e impulso democrático.

O candomblé pode ser visto como mais que um sistema puramente intelectual e cognitivo, ou mesmo místico, emocional e ritual, no sentido formal do termo. Mais que um sistema de crenças ou mesmo uma “religião”, o candomblé é, sobretudo, um conjunto de práticas e um modo de vida.

É preciso levar realmente a sério o que todo pesquisador do candomblé sem dúvida escuta, a saber, que as informações a ele fornecidas e as festas a que todos têm acesso não passam do aspecto visível de coisas muito mais profundas; que o mais importante não são os grandes ritos ou os belos mitos, “mas um certo tipo de saber, saber que, sem dúvida, a eles está ligado, mas que os ultrapassa em várias direções; saber de caráter secreto a que só têm acesso os iniciados ou, para ser mais preciso, aqueles dentre os iniciados capazes de aprendê-lo” (GOLDMAN, 2005, p. 9).

Ainda, segundo Júnior (2009), a cultura mundial e brasileira traz em si muito da cultura africana, visto que os povos africanos foram espalhados por todo o mundo durante o longo período em que foram escravizados, antes mesmo da grande diáspora. Dentro dessa cultura as religiões vieram, e assim se fazem presentes no Brasil, mesmo que com grande sincretismo envolvendo principalmente cultos e costumes católicos, boa parte ainda preserva os ritos trazidos pelos antepassados africanos, promovendo a perpetuação das tradições.

As religiões de base africana influenciam de forma importante o pensamento social brasileiro. A sociologia e a antropologia demonstram, sob diversos aspectos, que os conhecimentos das religiões de base africana estão presentes nos conhecimentos processados na atualidade na sociedade brasileira (JÚNIOR, 2009).

.De acordo com Silva (2005), até o século XVIII, no sudeste do Brasil, o nome mais frequente para as religiões de matriz africana, ao que tudo indica, foi o Calundu,

expressão de origem banta que, da mesma forma que o Batuque ou Batacajé, abrangia de modo não preciso toda variedade de dança coletiva, músicas e cânticos com acompanhamento de instrumentos de percussão, invocação de espíritos, sessão de possessão, adivinhação e cura mágica.

Os Calundus, no sudeste, teriam sido a forma urbana de realização do culto africano com determinada organização até o século XVIII, antecessores das casas de Candomblé do século seguinte e dos Terreiros de Candomblé dos nossos dias (SILVA, 2005). Pretende-se, assim ressaltar elementos para discussões capazes de transitar pelo campo teórico da psicossociologia e pelo campo teórico-prático das religiões de matrizes africanas, buscando compreender os processos que impulsionaram a construção da subjetividade afro-descendente e sua contínua resistência, diante dos processos de violência e desestruturação que lhe foi imposto.

3.3. A PSICOSSOCIOLOGIA E O CANDOMBLÉ

A psicossociologia é um campo da ciência formado por contribuições interdisciplinares, sendo, entre as muitas disciplinas, alimentado também pela Psicologia Social. A psicossociologia, na forma como vem sendo produzida e consolidada no Brasil e na América Latina, é o campo da ciência que se dedica a questões sociais e comunitárias, em suas vertentes éticas e política, e funda seu modelo de investigação na contínua produção de conhecimento no campo complexo de encontro e composição de saberes acadêmicos, comunitários e institucionais.. Com base em seus estudos, são produzidas explicações sobre a criação e evolução do vínculo entre os indivíduos, e também sobre a dinâmica social e seus processos de mudança. A Psicologia Social se interessa justamente por essa interação física e simbólica entre as pessoas (MYERS, 2000). Logo, compreender as trocas entre os adeptos e estratégias de resistência dos terreiros é um tema relevante para a psicossociologia.

A experiência de viver em comunidade, a interação por meio dos ritos provoca um sentimento de pertença e traços de identidade. Esse sentimento é fundamental para constituirmos seres sociais. O terreiro de candomblé é assim: Você não fica o tempo inteiro tendo que fazer ajuste para se relacionar você fica à vontade porque está em família, há laços que se constituem pelo sagrado e há o respeito pela natureza humana, cada adepto possui uma divindade e é exatamente essa divindade que nos importa.

Se você vive uma experiência de comunidade, sua ideia de pessoa é fortemente constituída, com perspectivas próprias, mas com base comunitária, interagindo com os demais. Esse sentimento de interagir com outros iguais é fundamental para sermos uma pessoa equilibrada. Você não fica o tempo inteiro tendo que fazer ajuste para se relacionar, você fica à vontade numa comunidade. Cada um é cada um, não tem padrão. As pessoas não se surpreendem se você tem uma ou outra escolha.

O reflexo do processo de colonização da América, especialmente da América Latina, ainda é marcante nas estruturas de poder e nos modos de ser e saber dos países desse continente. A concentração de terra, as desigualdades sociais, o novo coronelismo, o racismo, o machismo, o patriarcalismo, a imposição de ideias neoliberais e o lugar que essas nações ocuparam e ainda ocupam no sistema-mundo atual, são provas que permanecem fortes a materialidade e a subjetividade construída pelo eurocentrismo no período colonial. “Com velhas ou novas roupagens essas construções estão longe de romper com a essência eurocêntrica”. A perspectiva decolonial se constitui em um importante movimento de renovação epistemológica para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI (SUESS; SILVA, 2018, p. 2).

Além de negros e indígenas, outros grupos sociais, historicamente renegados e até criminalizados, como abastados, mulheres, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, camponeses sem terra, quilombolas, ciganos e comunidades tradicionais, foram engrossando as parcelas dos excluídos no país e sendo desprezados nos processos de construção da nação. Nota-se que o processo de reconhecimento cultural e de auto identificação desses grupos tem sido fundamental para a luta contra as imposições sofridas por esses coletivos (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 38).

Sabe-se que o trabalho da psicossociologia discorre sobre as resistências, que também podem ser o lugar das mudanças (ENRIQUEZ, 1997). A psicossociologia traz a discussão que possibilita a autonomia e criatividade dos sujeitos e comunidades, ressaltando a anterioridade dos processos sociais com relação ao indivíduo, o qual só existe no interior de uma sociedade e no interior de uma cultura. Favorecedora da construção coletiva de sentido e proposta concreta de intervenção com vistas e ações transformadoras das relações institucionais comunitárias coletivas interpessoais (AZEVEDO *et al*, 2002).

Concluindo, trata-se de um processo vivo que deve e possibilita o surgimento de novas significações sobre a vida e suas organizações, palco de manifestações de

contradições sociais e valorização da vida. A psicossociologia é um caminho de desconforto, de construção e de desconstrução do que é vivo. Da vida.

Figura 5 - União de participantes (Família)



Fonte: Arquivo Pessoal (2022)

A abordagem psicossociológica se considera sempre em construção e cresce nos interstícios de disciplinas distintas. Ela concebe os objetos de investigação como complexos e multifacetados e, por isso, estende as discussões articulando abordagens e ferramentas diversas e distintas, levando-se em consideração os limites epistemológicos de cada uma. A intenção é a de estabelecer um diálogo que considere a importância do pensamento complexo, uma proposta de criação de um conhecimento que seja multidimensional (BARUS-MICHEL; ENRIQUEZ; LEVY, 2005; DUBOST, 1987).

Caminhando entre as fronteiras disciplinares e convocando diverso saberes para iluminar a questão pesquisada, fica evidenciado que a psicossociologia se interessa pelos sujeitos, pela cultura, pela história, pelos valores e pelas práticas. Para Gaulejac (2001, p. 41), “Se o indivíduo é produto de uma história, esta condensa, de um lado, o conjunto de fatores sócio histórico que intervêm no processo de socialização e, de outro, o conjunto de fatores intrapsíquicos que determinam a sua personalidade”.

O sujeito é multideterminado, um produto da história complexa que diz respeito, ao mesmo tempo, à sua existência singular, portanto, ao seu desenvolvimento psíquico inscrito numa dinâmica familiar, e à sua existência social, vista como uma encarnação

das relações sociais de uma época, de uma cultura, de uma classe social. Todas estas determinações são equivalentes, embora sejam dificilmente indissociáveis (GAULEJAC, 2001, p. 37).

Figura 6 - Possibilidade da Psicossociologia



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

3.4 INTOLERÂNCIA E O RACISMO RELIGIOSO

Segundo Kilomba (2020), podemos apontar que tal descaso e descompromisso com o “povo de santo”, além de ser recorrente, é fruto da imbricação entre o racismo e a intolerância religiosa. Sim, pois compreendo que o racismo e a intolerância religiosa estão de mãos dadas e compõem, estruturam e hierarquizam as relações sociais no Brasil.

A intolerância e o racismo existem e estão aí, no convívio cotidiano estão presentes em movimentos fanáticos religiosos com suas ideologias não democráticas, geradoras de ódio racial, atos de terrorismo e guerras. O medo e o terror são utilizados por seus seguidores fanáticos, são movimentos destrutivos e de total negação à ordem social vigente da pluralidade.

A intolerância religiosa é uma categoria maior e mais universal. A categoria generalizante. Mas ela não dá conta do racismo porque ela é igualmente cordial, gentil,

suportável e feita para justificar a própria intolerância. Ela é um grande eufemismo.

O processo de dominação se dá sobre os corpos e sobre o território, que passa por transformações forçadas do ponto de vista cultural, religioso, linguístico, dentre outros. Indígenas, africanos e seus descendentes que sustentavam o sistema escravista eram obrigados a abrir mão da própria identidade, de modo a contemplar os interesses da elite dominante — essencialmente branca e fortemente influenciada pelo modo de vida europeu.

O que nos preocupa hoje, enquanto famílias da Religião de Matriz Africana, é o caso do processo de evangelização dos traficantes nas favelas e periferias, pelo Brasil afora. Vemos nas linhas dos jornais citarem com muita frequência a expulsão de mães e filhos de santos das favelas por iniciativas de traficantes evangelizados. Inspirados pelo fundamentalismo religioso, ‘os meninos do tráfico’, categorizam nas favelas a premissa de que as religiões de matrizes africanas são reflexo do mal e que, de certa forma, a permanência delas na favela não é passível de convivência.

Acredito que o vazio deixado pelo Estado, somado ao enfraquecimento da Igreja Católica nas áreas faveladas, permitiu o crescimento das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, que de certo modo levantam o discurso equivocado da demonização das religiões de matrizes africanas. Essa não é necessariamente a regra, mas um número considerável de pastores reproduzem essas práticas em seus territórios de ação.

Nos muros das favelas vemos as pichações de demarcação territorial das facções criminosas emendadas a frases de salmos e passagens bíblicas. Cultos no meio dos bailes funks acontecem na maioria das favelas, somados a pedidos de orações aos evangélicos por parte de traficantes. Segundo registros da Associação de Proteção dos Amigos e Adeptos do Culto Afro Brasileiro e Espírita, pelo menos 40 religiosos foram expulsos pelo tráfico de favelas na cidade do Rio de Janeiro entre 2018 e 2020.

De acordo com dados do Disque 100, serviço de proteção dos direitos humanos, somente no primeiro semestre de 2019 foram registradas 354 denúncias, ou seja, um aumento de 67,7% ao comparar com o mesmo período do ano anterior. A maior parte dos relatos foi feita por praticantes de religiões de matriz africana.

A quantidade de casos pode ser ainda maior, uma vez que muitas vítimas preferem não realizar a denúncia por medo de que a violência se repita ou não receber o apoio necessário. Os estados com mais ocorrências foram São Paulo (48), seguido por Rio de Janeiro (35) e Minas Gerais (14).

Os números podem ser ainda mais expressivos, já que em muitos casos as vítimas não realizam a denúncia, por medo de que a violência se repita ou de que o Estado não preste o apoio necessário. Nos últimos anos, facções religiosas vêm privatizando determinados espaços públicos. “E lamentavelmente o atual presidente (em 2021) é um dos mais entusiastas defensores da privatização do Estado por interesses religiosos”, “Para a sociedade não interessa qual é a religião do presidente da República, mas o que ele faz em termos de política pública, serviços públicos, criação de oportunidade, garantia de direitos, etc.

O problema está nos discursos que propagam o medo e a tentativa de materialização da figura do demônio em templos de religiões de matriz africana, segundo Mesquita e Miranda (2018), este discurso se destina para propagar o ódio e a estimular os cidadãos a acreditarem que os seus problemas se devem à existência das religiões afro-brasileiras, assim este público vive um tempo desafiador.

Porém, pode-se ver na própria dor a manifestação também da resistência e até da reexistência do terreiro-família, que se une para um propósito criativo de proporcionar conhecimento e encantamentos. Como mulher preta de terreiro, lugar de produção de cuidado, penso na vida como afirmação, como um ser supremo, um ser que existe, resiste e reexiste como forma de nos encantar nas possibilidades de habitar.

Vale ressaltar sobre o processo de reexistência, que segundo Souza (2011), trata-se das práticas assinaladas pelas identidades sociais dos sujeitos, que podem ser afetadas por aspectos da história da vivência no território brasileiro, estas são capazes de influenciar o percurso pessoal e coletivo do uso social, entre outras práticas da vida.

Compreendendo o mundo e a biointeratividade, Santos (2015), afirma que todos os seres da natureza, podem ser considerados, como o canto, na dança, no cuidado do santo e no fazer dessas maravilhas há um significado maior, há o compartilhamento de saberes. Reexistir é ter um propósito para se manter vivo, é sonhar para além da lágrima, é sobretudo resgatar a resistência de encantos perdidos. Encontrar os caminhos para os encantos e encantamentos é pensar e viver com um olhar de cura, cuidado e escuta sensível; é olhar com direção na confluência de Nego Bispo (SANTOS, 2015), é compartilhar saberes nos encontros de sentimentos com outros seres. É ser plural, é descolonizar, é ser movimento como rio. Pensar a existência como afirmação do direito à vida, é entender a reexistência como símbolo de resistência desse existir, é a reinvenção de si, da coletividade, do mundo.

Os Terreiros mostram, no seu cotidiano, que são construídos a partir das raízes

das memórias e sensações, gerando novas existências. Segundo Grada (2019), esses processos envolvem apreensões que possibilitam os questionamentos percebidos entre as experiências e os procedimentos subjetivos da pessoa humana. Dentro destes meios capitalistas formados no período colonial, é possível verificar as consequências, as feridas, os traumas e dores gerados para a população negra, que foram marginalizados.

Um dos assuntos mais polêmicos na sociedade atual são as manifestações de atos de intolerância religiosa, dentre eles os que se referem às religiões de matriz africana, como o Candomblé e/ou qualquer outro segmento afro-religioso. Possivelmente, a gênese de tal problema se deva a um histórico de marginalização e perseguições por consequência do proselitismo cristão representado por parte da visão religiosa predominante no país no período colonial - o Catolicismo.

Devido ao comércio de escravizados realizados por portugueses, com o uso de força extrema, por meio de sequestros, assassinatos e muitos tipos de violências e brutalidades covardemente cometidas contra povos africanos, mais da metade dos negros trazidos para o Brasil morreram ainda nos navios negreiros, caracterizando um dos maiores genocídios da história, de acordo com N'Diaye (2021), também chamado de “genocídio velado”.

Com a abertura dos portos às chamadas nações amigas, em que houve a quebra do pacto colonial, iniciou-se um processo de imigração de europeus também escravagistas ao longo da história brasileira; uma visão distorcida de superioridade destes povos perante os africanos estabeleceu-se, financiada pelo desejo de aumento de capital e relações de mercado de países colonizadores (HIGA, 2022)..

Essa visão eurocêntrica permeou o desenvolvimento da sociedade brasileira, a qual ainda necessita lidar com injustiças e desigualdades sociais até os dias atuais, herdados desse sistema cruel, que justificava os massacres cometidos por quase quatro séculos de história, através de crenças ou dogmas religiosos e teorias pseudocientíficas, como a do “Darwinismo Social”, de forma a favorecer apenas os interesses econômicos dos exploradores, o que causou danos irreparáveis a milhões de pessoas e aos seus descendentes, que sofrem as consequências.

Neste contexto, a discriminação e o preconceito com a cultura africana foram instituídos de forma muito intensa na sociedade colonial brasileira e, mesmo tendo se passado mais de 500 anos da invasão portuguesa, e após mais de três séculos da chegada dos negros trazidos da África, ainda persiste um sentimento aversivo com as

pessoas, com a cultura, com a existência afro-brasileira.

Percebe-se que, mesmo na atualidade, há uma grande desigualdade étnico-racial, consequência de um processo de construção social conhecido por racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) que transmitiu, ao longo da história, estereótipos discriminatórios com esta cultura, pois é um elemento que integra a organização política e econômica da sociedade.

Segundo Almeida (2019) o racismo fornece o sentido, a lógica e a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. Igualmente, o termo raça sempre esteve ligado a classificação de plantas e animais, e foi aplicado aos seres humanos, dando a noção de classificações em diferentes categorias de seres humanos, consistindo em um conceito relacional e histórico, em que há por trás conflito de poder, e portanto, possui um sentido controverso. Essa classificação de seres humanos serviria como uma das tecnologias do colonialismo europeu para submissão e destruição de populações das Américas, África, Ásia e Oceania.

É preciso reestruturar e reaver muitos conceitos sobre a temática para promover respeito à cultura afrodescendente, uma vez que “os africanos influenciaram profundamente a sociedade brasileira e deixaram contribuições importantes para o que chamamos hoje de cultura afro-brasileira” (MATTOS, 2012, p. 155) e as formas que os descendentes africanos possuem para expressar sua fé são apenas uma parte da sua cultura.

Os africanos, quando chegaram ao Brasil, passaram a conviver com diversos grupos sociais – portugueses, crioulos, indígenas e africanos originários de diferentes partes da África. Nesse caldeirão social tentaram garantir a sobrevivência, estabelecendo relações com seus companheiros de cor e de origem, construindo espaços para a prática de solidariedade e recriando sua cultura e suas visões de mundo (MATTOS, 2003, p. 155).

Um dado importante que se faz presente é o pensamento de determinadas igrejas de matrizes evangélicas ligadas ao neopentecostalismo, indo de encontro com as crenças do candomblé. Lamentavelmente, o pensamento destes religiosos neopentecostais se faz presente em vários espaços da sociedade, inclusive nas esferas de decisões políticas, tais como a câmara de vereadores e as assembleias legislativas, contribuindo para a difusão do ódio, o desprezo e a tentativa de conversão imediata de fiéis afro-religiosos (SILVA, 2007, p. 2).

O pensamento de demonização prevalece nesse segmento religioso e, dessa

forma, compreendem que é preciso eliminar a ação dos demônios, os quais se "disfarçavam" em divindades africanas cultuadas nas casas de candomblé (SILVA, 2007).

Ainda Silva (2007), apontou que este processo de demonização está muito presente na sociedade, quando os povos acreditam na dualidade básica entre mundos opostos, como a luz e trevas; o bem e mal, também são procedências do mundo racista. Outro ponto importante que merece ser destacado é a correlação que se pode fazer do crescimento exponencial do número de grupos evangélicos neopentecostais com o número de ataques aos terreiros. Segundo Almeida e Monteiro (2019), o aumento de novos evangélicos parece ter relação direta com os números dos casos de discriminação religiosa.

Portanto, segundo Oro (2007), nas últimas têm surgido atos de intolerância contra essas religiões, em especial pelas religiões neopentecostais. Estas religiões usam os meios de comunicação para propagar a ideia de que a causa dos males deste mundo se deve à presença do demônio, que segundo estes, o candomblé está associado aos deuses das religiões afro-brasileiras.

3.5 - RESISTÊNCIA - BELL HOOKS E O AMOR TRANSFORMADOR

Para Bell Hooks (2006), o amor é uma ética poderosa para mudar a visão e a conduta sobre como vemos o mundo e as pessoas ao redor. Os extremismos existentes na política não falam sobre o amor, são incompatíveis com a visão que o amor pode proporcionar. Para a autora, a ausência do amor e a preocupação excessiva com a materialidade do mundo atual e capitalista dá continuidade à opressão e à exploração à qual a população está condenada.

O amor está exposto pela autora como uma força libertadora, sem a qual as aspirações políticas e socioeconômicas estão sempre vinculadas à uma luta contra a opressão sofrida, mas a qual está baseada no apoio a outras formas de dominação. Segundo a autora, as formas de dominação são muitas, tais como imperialismo, sexismo, racismo, classismo, e o fato de lutar contra uma dessas formas de dominação mas apoiar outras não a torna uma luta pela liberdade de fato.

Dessa forma, a autora pauta sobre o individualismo das relações, no qual há uma defesa de seus próprios interesses na luta contra a opressão, e não genuinamente há uma luta contra todo o tipo de opressão, mesmo que essa não afete pessoalmente o indivíduo,

mas ciente de que afeta a outros. A ética do amor está relacionada com a capacidade de empatia com a demanda de outros grupos sociais que compartilham de outras formas de repressão e violência diferentes das suas, de forma a quebrar os paradigmas que mantém toda e qualquer forma de opressão.

Assim, a luta pela liberdade não seria individual mas sim coletiva, uma vez que os sistemas de opressão e dominação estão interligados e baseados em opressão de minorias. No entanto, para a autora, só é possível chegar a tal nível de pensamento a partir do amor, de uma visão baseada no amor, de uma ética de ação baseada no amor transformador.

Hooks usa Martin Luther King como seu exemplo e inspiração, o qual expressou que, diante de tudo, ele resolveu amar, pois a busca pelo bem mais elevado se daria através do amor. No entanto, os movimentos de lutas contra racismo ou sexismo, apesar de engajados inicialmente em uma luta fundamentada nesse amor, passaram a ser um movimento de massas em busca de poder, uma vez que os líderes antirracistas permaneciam machistas, por exemplo. A preocupação de Hooks ainda está atrelada ao fato da ética do amor ter sido reprimida e deixada para trás diante das lutas sociais.

O amor e o ódio se opõem, e não há maneira de haver uma libertação pelo ódio, que gera a violência - que cabe à dominação. Assim, sem o amor, a busca pela liberdade feita de modo individual e movida pelo transforma o oprimido em algo parecido com o seu opressor, tornando apenas uma disputa por poder e não por libertação de fato. Assim, para a autora, se for manter o sistema de disputa e dominação, a luta do movimento negro pode perder as esperanças de justiça social, pois em uma cultura de dominação não cabe o amor. Para a autora, uma cultura que nega o valor do amor, nega o valor humano e prioriza e valoriza a cultura do materialismo.

Tomar a religião enquanto campo de prática do amor comunitário ou da disputa individual, portanto, é uma decisão que define os caminhos da luta. Não é algo trivial, mas sim a base do processo de luta, enfrentamento e resistência.

O fanatismo religioso age como um preenchimento de uma estrutura interna que apresenta indícios de inconsistência, caos e fraqueza. Está fundado na lógica do indivíduo e da disputa. Nessa lógica, um conjunto de indivíduos se identifica como massa, e não como um corpo comunitário. É uma forma de destruir a sensação de importância e relevância, pois quanto menos relevante a pessoa se sentir, maior é a tendência dela usar a religião para substituir a sensação de desamparo (ENROTH, 1977).

Muitos fanáticos religiosos foram criados em famílias abusivas que aplicavam regras e costumes de certas formas irracionais e contraditórias (ENROTH, 1977). Ou seja, a religião também pode e tem sido utilizada como forma de dominação, e tirando o foco, como a preocupação genuína de Bell Hooks, dos valores humanos e do amor que deveria sustentar as relações humanas.

4. ETAPAS METODOLÓGICAS

4.1 LOCALIZAÇÕES DA PESQUISA

Esta pesquisa está geopoliticamente localizada em Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense. O município de Nova Iguaçu, criado em 1833, faz parte da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, localizado geograficamente na Baixada Fluminense e tem uma população estimada de 823.302 pessoas distribuídas em um território de 517,995 Km², possuindo uma densidade demográfica de 1.527,60 hab/km² (IBGE, 2020).

Distante 31 km do centro do município do Rio de Janeiro, faz limite com os municípios de Mesquita, Belford Roxo, Duque de Caxias, Miguel Pereira, Japeri, Queimados, Seropédica, Itaguaí, e Rio de Janeiro. A tradição do território iguaçuano, no passado, era de território de passagem da rota de exploração do ouro que vinha de Minas gerais para o Rio de Janeiro, notabilizando-se pelos seus diferentes caminhos que proporcionam pontos de pouso, favorecendo o desenvolvimento do comércio; assim, quase paralelamente, foi se consolidando a vocação mercantilista da cidade (RODRIGUES, 2006)

O território de Nova Iguaçu possui 35% da cidade coberto de floresta do tipo Mata Atlântica – o que desperta o interesse do povo de santo, visto que a iniciação ao culto precede o uso de folhas.

Ademais, possui um grande número de patrimônios históricos materiais e manifestações imateriais, como: folias de reis, baianas do acarajé, terreiros, igrejas, grupos de maracatu, rezadeiras, grupos de cavalgadas de São Jorge e escolas de samba.

Para a realização desta pesquisa delimitamos somente as casas de santo localizadas próximas à comunidade intitulada “Buraco do Boi”⁴ (figura 7) - local

⁴ O nome “buraco do boi” se deve ao bairro chamado Jardim Ocidental bairro tinha varios curral de bois e porcos tinha muitos vaqueiros incluse tinha varios bingos que os premios eram, bois eu ganhei um touro branco quando tinha 17 anos e foi um vaqueiro com um laço na mão que trouxe meu boi em minha casa que meu pai Itamar chamou de Turuna. Era um lugar sem violencia sem medo....aonde todos se

composto por inúmeras igrejas neopentecostais e comandado por uma facção criminosa que se opõe aos cultos de matrizes africanas, totalizando, portanto, a pesquisa foi realizada em dez casas de santo.

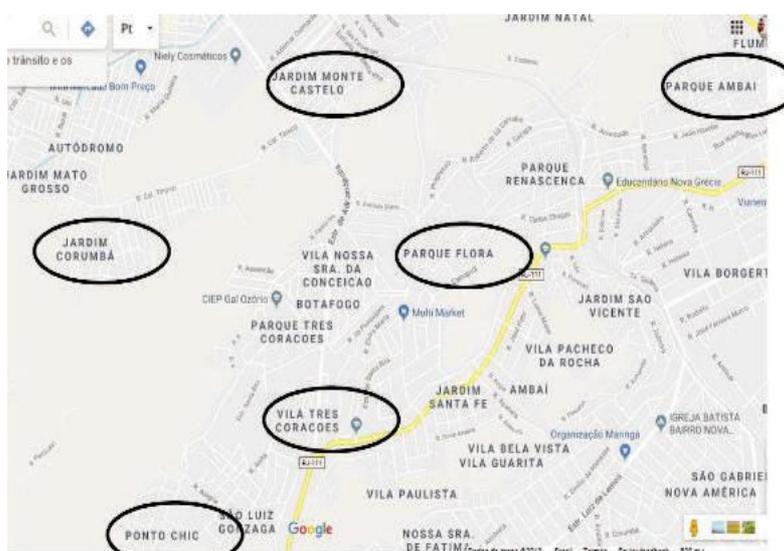
Figura 7: Bairro Ambai N.I foto tirada do morro da Bacia, território tomado pelo tráfico.



Fonte: Jornal da Baixada (2020)

Na figura 8, podem-se identificar essas localidades e sua distribuição no território do município.

Figura 8 - Localização geográfica dos bairros do município de Nova Iguaçu – foco da nossa pesquisa, 2021.



Fonte: Arquivo Pessoal (2022)

conheciam....

A pesquisa ocorreu em Jardim Monte Castelo (01 casa de santo); Parque Flora (02 casas de santo); Parque Ambaí (01 casa de santo) e Vila Três Corações (02 casas de santo), totalizando dez casas.

4.2 CARACTERIZAÇÕES DOS PARTICIPANTES

Nesta etapa foi realizada uma breve conversa com questionamentos acerca dos participantes, a fim de explicar a pesquisa, ler o Termo de Consentimento e solicitar consentimento, bem como identificar informações como faixa etária, tempo de santo e sexo biológico. Em seguida, foram realizadas longas conversas com pedido de tecer narrativas de suas vidas, focando nas experiências de intolerância, racismo e resistência.

Como representado na tabela 1 abaixo, vemos a distribuição de idade, tempo e santo e sexo dos e das participantes:

Tabela 1 - Quadro de Distribuição dos participantes

NOME	IDADE	TEMPO/SANTO	SEXO
Maria	68	43 anos	Feminino
Pai Genesio	62	38 anos	Masculino
Sergio Pina	60	40 anos	Masculino
Rosane	58	42 anos	Feminino
Georgete	76	44 anos	Feminino
Adriano	40	20 anos	Masculino
Andreia	45	23 anos	Feminino

Fonte; Os entrevistados.

4.2.1 IDENTIFICAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

A partir de encontros com sacerdotes de terreiro da Baixada Fluminense, foram realizadas produções de narrativas temáticas de memória de vida, com foco nas experiências de intolerância religiosa, racismo e resistências. Ainda que houvesse a intenção de fazer várias rodas de conversa com esses sacerdotes e sacerdotizas desde o

início da pesquisa, o necessário cuidado com nossos mais velhos nos levou a adotar radicalmente o isolamento físico imposto pelas condições sanitárias do período da pandemia de SARS-COV.19. Assim, houve apenas uma roda de conversa, já ao final do campo da pesquisa, quando a totalidade dos participantes já se encontrava vacinada.

A partir de meu próprio lugar enquanto mãe de Santo na mesma região estudada, e considerando as informações e redes de contato e mútuo apoio que desenvolvemos ao longo dos muitos anos de enfrentamento, as primeiras narradoras e narradores foram escolhidos a partir das experiências já conhecidas, e em seguida surgiram também narradoras/es por indicação das que já haviam colaborado com a pesquisa.

Inicialmente esta etapa seria realizada em forma de roda de conversa reunindo membros da comunidade de terreiro, porém o advento da pandemia da Sars Cov-19 nos levou à reconfiguração da metodologia.

Uma vez que a condição sanitária no Brasil e no mundo orientava para protocolos rígidos que incluíam distanciamento social físico, especialmente antes do início da vacinação, e ainda, considerando que a população negra e periférica foi a que mais sofreu e morreu com a pandemia, além de considerar também que a sabedoria e o sacerdócio dos terreiros se concentram principalmente em seus anciãos – grupo de risco ao longo de toda a pandemia – as narrativas foram feitas principalmente em encontros individuais, com adequados protocolos de proteção.

- As questões que orientaram as conversas tiveram o seguinte teor: Você encontra dificuldades na execução dos rituais e/ou toques na comunidade do entorno? Se sim, quais?

- São realizadas algumas estratégias de resistência e enfrentamento em relação aos grupos que se opõem ao culto?

- Você recebe alguma ajuda policial para a realização da prática religiosa?

- Diante da dificuldade encontrada por alguns sacerdotes na realização do culto, como é ser pai/mãe de santo neste contexto?

As narrativas não foram tratadas como objetos categorizados, mas como componentes de um discurso do sujeito coletivo, sendo discutidas com base nos recursos da pesquisa qualitativa (LAKATOS, MARCONI, 2003). Entendemos como Discurso do Sujeito Coletivo os discursos individuais que apresentam uma mesma ideia central (LEFEVRE; LEFEVRE, 2003).

Desta forma, as narrativas não foram tomadas como objetos de estudo a serem recortadas e categorizadas. Ao contrário, são aqui tomadas em sua íntegra, enquanto

produção relevante de conhecimento acerca das religiões de terreiro e de suas relações com a cidade.

4.3 ESCUTA SENSÍVEL

O nosso estar no mundo é repleto de ações que nos levam a aprender. A aprendizagem, por sua vez, acontece num entrelaçamento entre informação, conhecimento e saber. A escuta sensível e atenta percebe os detalhes indo além do que é dito por palavras, levando também em consideração os olhares, a postura e os silêncios manifestos no encontro entre ouvinte e narrador/a. A escuta sensível é ver com olhar, ela procura compreender com empatia o sentido de algo mais. A escuta sensível aceita surpreender-se pelo desconhecido que incessantemente anima a vida.

A escuta é mais uma arte que uma ciência, é como arte de escultor sobre a pedra que, para fazer aparecer a forma, deve antes passar pelo trabalho do vazio e retirar todo excesso para que surja a forma. Requer confiança entre os mesmos, requer aprendizagem e, sobretudo verdade. O ouvinte sensível não julga, não mede, não compara. Entretanto, ele compreende profundamente.

O terreiro é um lugar de escuta sensível e produção de cuidado, lugar de oralidade, de memórias e narrativas singulares de todo corpo de gente. No terreiro precisamos sair do eu sei absoluto para reconhecer o eu não sei. Por sua experiência de participação comunitária, o terreiro entende que não há como compreender o mundo afetivo sem estar junto, sem fazer parte, sem ser constituinte neste processo de conhecimento, sem ser atuante, na expressão do autor.

A ideia de René Barbier com sua noção de escuta sensível é de propor uma nova olhada e uma nova escuta no mundo das ciências sociais e humanas, talvez uma atenção mais implicada da parte da/o pesquisador/a. Barbier (1997) considera que a/o pesquisadora/or é uma pessoa que tenta dar ou prestar um sentido às situações sociais e pessoais encontradas, onde a pura objetividade não faz sentido, o conjunto do universo Assim, a/os pesquisadoras/es estão necessariamente implicados em seus trabalhos de pesquisa, e se comprometem a trabalhar com a existencialidade interna das/os atrizes com quem trabalha.

Nesse trabalho de pesquisa, gostaria de defender a escuta sensível como possibilidade metodológica envolvendo um compromisso ético e político com a prática acadêmica. Isso implica em considerar minha história pessoal, familiar, acadêmica,

minhas relações com as/os outras/os e com o universo, minha posição no mundo, meu projeto social e político, como parte integrada ao conhecimento produzido nesse trabalho de pesquisa, mas também reconhecer em cada narrador e narradora uma fonte via de interlocução e conhecimento.

5. RESULTADOS E ANÁLISE: NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA E DE RESISTÊNCIAS

5.1 MATRIZ AFRICANA E POVO PRETO: INTOLERÂNCIA, RACISMO E RESISTÊNCIA A MUITAS VOZES

Com o objetivo de conhecer a visão de sacerdotes de culto do candomblé sobre intolerância sofrida e quais as estratégias de enfrentamento para permanência do culto, foram realizadas produções de narrativas sobre estes temas. As dimensões destacadas foram a respeito das dificuldades de realização de suas práticas religiosas e acerca das estratégias de resistência e enfrentamento a essas dificuldades encontradas pelo grupo.

Aqui tem início a parte principal desta pesquisa, o texto escrito a muitas mãos e muitas vozes, trazendo para o presente gritos ancestrais guardados em muitas gargantas de ontem e de hoje.

5.1.1 MÃE ROSANE

Mãe Rosane é moradora de Nova Iguaçu, no Bairro Parque Flora e seu axé tem 54 anos de existência. Foi fundada por sua mãe carnal Jacira de Oxum Opará no ketu.

Rosane é herdeira do axé de sua mãe há 20 anos, iniciada para o orixá Oxaguiã em 23 de janeiro de 1980 na nação Efon. Ela nos relatou que foi iniciada porque estava muito doente na época e precisou fazer o santo (ser iniciada na religião) às pressas.

Mãe Rosane disse que, naquele tempo, mudou muita coisa, a começar pelo tempo que ficava de preceito. Ela nos disse que ficou vinte e um dias recolhida e três meses de kelê (colar de pescoço com as contas do orixá da pessoa), enquanto que hoje as pessoas não estão cumprindo o tempo certo das obrigações e que por causa da intolerância religiosa as pessoas não podem mais mostrar suas contas e suas vestimentas.

Disse que, mesmo na época em que foi iniciada, já existia a intolerância

religiosa. Muitas vezes quando saía nas ruas com suas contas e vestimentas religiosas, passavam pessoas com bíblias nas mãos querendo colocá-la em sua cabeça e por conta disso voltava para casa virada de santo, ficava de Erê⁵.

Segundo mãe Rosane, “com toda essa evolução acabaram muitas dessas essências antigas que nossos ancestrais nos deixaram”. Falou também da fidelidade dos orixás aos pais e mães de santo, que era muito forte, e que hoje o yaô⁶ entra no Roncó⁷, pega seu santo dizendo que vai embora do terreiro e o santo não passa – é a tal da evolução, segundo ela.

Ela lembra que, na sua época, havia muitos preceitos que hoje não são feitos mais, por exemplo: um ano sem ir a praia, cachoeira, sem carnaval, sem poder sair do terreiro e outros. Ela disse que até entende que as pessoas precisam trabalhar que os tempos mudaram. Mas, mudar tudo, acha muito radical: “a gente perde nossa essência”.

Mãe Rosane acha que o período de abian tem que ter mais tempo para a pessoa se adequar à hierarquia e ter tempo de aprender a cuidar do terreiro, saber se as pessoas querem aquilo para suas vidas. As pessoas estão sendo iniciadas muito rápido.

Ela acrescenta que hoje as pessoas já vêm com a receita do seu santo pronta e que, na sua época, a pessoa vinha pura e não sabia de nada. Hoje, com a Internet, o yaô pensa que sabe mais que o seu zelador espiritual.

Acerca das violências que os terreiros vêm sofrendo, ela nos relata que se sente muito triste, pois é muita luta...

A gente deixa de fazer várias coisas da vida pessoal pra fazer tudo para o Orixá, para casa do santo e não precisamos ter que passar por isso. E quando herdamos uma casa a responsabilidade é maior porque temos que levar o nome do ancestral e o nosso. E eu quero mostrar a Oxum que vou dar o meu melhor pra ela. Tem que ter mais respeito por nós e pela nossa história (Mãe Rosane, 2021).

Para ela:

Essas violências são praticadas pelos evangélicos com seus discursos preconceituosos de ódio contra nós religiosos de matriz africana. Mas, muitos de nossos irmãos também são culpados, pois fingem que estão com o santo, existem pais e mães de santo que pegam os companheiros dos filhos... Isso tudo é de causar ódio (Mãe Rosane, 2021).

No que tange aos preparativos antes do culto, mãe Rosane nos relatou que

⁵divindades infantis responsáveis pela ligação entre o adorador e seu orixá (SOUSA, 2022).

⁶filho de santo que já foi iniciado (SOUSA, 2022),

⁷compartimento sagrado no interior do terreiro (SOUSA, 2022).

sempre pede aos seus ancestrais e seus guardiões para proteger sua casa da violência. Disse que, para evitar conflito com os vizinhos, evita jogar Padê⁸ na rua, jogando apenas na sua calçada.

Ela, a mãe Rosane (figura 9), nos relatou que na festa em Jacarepaguá, no presente de Iemanjá, um vizinho e um bandido da localidade invadiram o terreiro e quebraram tudo, “foi uma cena horrorosa”.

Figura 9 - Mãe Rosane



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

5.1.2 MÃE “MARIA” (SÃO TANTAS MARIAS...): razão pela qual resolvi entrar na “briga”

O caso aqui relatado é verídico e os discursos constarão com os demais outros casos, em nossos resultados. Entretanto, a pedido da própria fonte, será utilizado nome fictício e sua identidade será protegida. Assim, Maria (nome fictício), é moradora do bairro chamado Jardim Ocidental, atualmente conhecido pelo nome de Buraco do Boi. Comunidade situada em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, estado do Rio de Janeiro.

Maria é mãe de santo há mais de 40 anos e nos relatou que no dia em que oferecia uma festa de *erê* foi avisada, por um rapaz que pilotava uma moto, que interrompesse a festa. Naquele momento, a casa estava cheia de crianças e, por isso, Maria não parou.

No dia seguinte, Maria foi abordada por pessoas chamando na porta do terreiro,

⁸Festa de Ere e uma festa realizada para as crianças

eram mais de 20 pessoas. Ela nos informa que tinham idade de serem seus netos. Os indivíduos invadiram seu terreiro e sua casa que ficava ao lado, e quebraram tudo. Sua mãe (uma senhora de 86 anos, vítima de um acidente vascular cerebral) não suportou tal violência, passou muito mal e veio a óbito.

Maria chorava muito enquanto contava sua história de dor e sofrimento, me emocionei de tristeza ao ver o que eu vi, pois entendi perfeitamente todo amor e devoção que há dentro de um terreiro. E não tendo pra onde ir resolveu largar, nos disse uma frase impactante: “somos invisíveis, aqui pobres não têm vez, tanta luta para nada!”. No entanto, sabe que tal ato também teve como motivação o cunho religioso, sendo comum ver práticas semelhantes contra adeptos da religião.

O grupo, enquanto depredou seu Terreiro, dizia que quem mandava naquele espaço era o senhor Jesus Cristo e que os demônios não poderiam morar mais ali.

Este pequeno relato nos direciona a enfrentarmos definitivamente as sequelas deixadas pelo nosso passado colonial e escravagista. Enquanto não nos apoderarmos, nossos terreiros continuarão sendo vítimas do ódio neofacista. É nossa obrigação não aceitar o avanço dessa intolerância.

Importante lembrar que a capacidade de resistência dessas manifestações culturais e religiosas foi forjada dentro das senzalas e é parte da luta e identidade da população negra, que tanto contribuiu na construção da nossa nação e identidade. Todo o passado colonial e escravocrata não pode ser desconsiderado quando olhamos para a intolerância presente na sociedade atual. A violência e a barbárie, bem como a falta de empatia devem ser questionadas sob o aspecto da dominação a outras motivações.

O preconceito manifesto nas agressões contra os templos e os adeptos de religiões de matriz africana, não se trata apenas do preconceito contra uma religião específica, mas também contra todo um segmento da sociedade brasileira, marcado por um processo histórico de exclusão social profunda.

5.1.3 MÃE GEORGETE

No dia 16 de Abril de 2021 visitei a mãe Georgete Maria, de 76 anos, na Inzo Ia Nsumbo, em Barra de Guaratiba, conhecida pela sua dijina – nome religioso – de mãe Kaelezimbe. Mãe Kaelezimbe (figura 10) em 1975 era Abian (nome dado a pessoa que ainda não foi iniciada) na casa de sua mãe Elenide de Dandalunda Oxum, filha de Joãozinho da Goméia. Mãe Kaelezimbe foi iniciada em 1977 e está hoje com 44 anos

de iniciada para o Inkice Omulu Kavungo. Sua narrativa está na primeira pessoa, a pedido seu.

Na minha trajetória religiosa eu não gostava da vida da casa de santo, não queria aquilo pra mim, então fiquei um ano na casa da minha mãe de santo e decidi ir viver minha vida. Fui trabalhar, estudar e me formei em Direito, Serviço Social, Contadora e Diretora de creche. Exerci todas as minhas profissões, não queria nada com a vida religiosa e nem aceitar meu cargo.

Então, fiquei 14 anos fora da casa do santo, comecei a perder tudo, até que um dia passei mal no trabalho, uma irmã minha me levou para o hospital, mas ela viu que meu problema não era hospital. Daí me levou para casa de minha mãe de santo, onde fui iniciada.

Quando cheguei na casa da minha mãe, ela disse: “quanto tempo minha filha! você trouxe saia?”. Eu respondi “não mãe, estava no trabalho”. Eu já estava frequentando outra casa de santo e não queria nada com nada. Minha mãe mandou que eu fizesse acarajé e um ajeba para xangô e levasse na mata no pé de bambu. Quando cheguei lá, minha santa Iansã virou, então fiquei no barracão por um tempo. Melhorei e voltei para o trabalho.

Consegui na época minha licença prêmio e dei todas as minhas obrigações para meu santo na casa de minha mãe Elenide.

Eu, atualmente, não estou recebendo visitas por conta da pandemia, tenho medo de pegar doença, mas estou vacinada. O candomblé decaiu muito, não é como antigamente, os interesses de hoje são outros. Eu sofri muitos preconceitos e comentários racistas quando era mais nova, talvez isso fez me afastar da vida religiosa e me motivou a estudar os racistas são cruéis.

Toda essa violência nos terreiros hoje é fruto do passado, fruto do racismo que sofremos todo dia. Sofri muito com comentários horríveis, muita dor carreguei e ainda carrego, a gente não esquece as dores da vida. Nós de religião de matriz africana, não incomodamos ninguém, nossa religião é a natureza, gosto muito de agradar o santo, não agradar pessoas. tudo que eu tenho hoje é fruto do meu trabalho e agradeço a meu santo OMULU E IANSÃO por tudo.



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

5.1.4 PAI GENÉSIO

Pai Genésio (figura 13) se apresentou e iniciou imediatamente sua narrativa, aqui mantida na primeira pessoa.

Começando a contar minha trajetória religiosa e de vida: Tenho 38 anos de iniciado no candomblé de Angola na casa de Pai Vangolegi, filho de senhorzinho de lokoia na casa de Pai Celso do Ogum, em Rocha Miranda, Rio de Janeiro. Celso do Ogum é filho de Luiz de Jagun, filho de Zezinho da Boa Viagem, no Rio de Janeiro, e de Oxum, filho de santo de Tata Fomotinho, que foi filho de Maria Angorense. Então essa é minha raiz, tenho 30 anos de Gege Marri e 38 anos de iniciado.

Emocionalmente tudo na minha vida o vodun me mostrou que é existente em cima do mundo, que essa energia ela existe diante do que se possa dizer santo. É por isso que é comum se dizer “meu santo é fulano de tal”. Eu sou do santo Azauane, que é um vodun Marri - pela historicidade é uma das energias mais antigas do mundo.

Quero deixar a importância de orientar os mais novos, porque muitas das vezes eu também reconheci uma lição que eu tinha escutado com os mais antigos. Nem sempre o mais velho é responsável pela minha situação na atualidade. Às vezes foi o mais novo que me ensinou a ter o posicionamento que eu tenho hoje em dia. E aí sim, essa continuidade de um Iaô tem mais importância pra mim do que uma pessoa que tem a minha idade de santo. Porque o mais novo é a nossa continuidade.

Tem que ter muito pé no chão para sobreviver dentro da religiosidade. Eu tento passar para os meus filhos que já sofrem intolerância religiosa pela minha religião –

não, pela religião deles - que eles são discriminados na escola que estudam, na rua que moram, na comunidade, na cidade. Os meus filhos são vistos diferentes a ponto deles se afastarem de mim, porque eles querem ter outro tipo de vida. Não sei se haverá continuidade no meu sangue, mais aqui meu filho Guilherme Augusto, criança que sofreu também intolerância religiosa, sem ver como uma pessoa normal tinha respondido uma pessoa.

Pensei em ir lá pedir desculpa, imaginei que ele, como qualquer moleque poderia estar desrespeitando alguém mais velho, já que eu tenho o entendimento de respeito ao mais velho. Eis que essa pessoa quebrou uma cadeira de praia no meu corpo, rasgou meu braço, e a pessoa ainda pegou uma barra de ferro e ameaçou quebrar minha cabeça e me proibir de estar na rua.

Eu, morando há trinta e cinco anos na rua, e a pessoa morando há cinco anos, dizendo a pessoa que eu estava proibido de morar naquela rua e que eu me mudasse; que meu filho, que é filho do CAPETA, estava proibido de brincar na rua, de soltar pipa, de andar com a bicicleta dele e jogar futebol. Mas meu filho era uma criança, ele não pertence a religião, meu filho ficou com muito medo dessas pessoas, Isso foi em 20 de agosto de 2015.

Meu filho sofreu muito e no dia 14 de outubro, jogando futebol a bola caiu no lado do outro vizinho. Esse vizinho devolveu a bola furada. Eu, achando também que ele tinha passado dos limites, fui pedir desculpas para o vizinho e esse vizinho disse que iria furar com a faca quantas bolas que caíssem lá, e que eu saísse da rua que ele iria me matar. E fechou a porta.

Mais tarde eu vi a filha do homem e fui pedir desculpas. Então a filha dele e o meu filho viram o homem vir por trás de mim com uma barra de ferro. Se eu não me esquivasse, eu iria ser agredido brutalmente com a barra de ferro. A filha disse “não faça isso, o menino está pedindo desculpa pra gente”. Ele falou que eu tinha que sair da rua mesmo, que “MACUMBEIRO IA TER UM FIM MUITO TRISTE, vocês merecem morrer desse jeito, com a barra de ferro na cabeça, porque vocês são capeta”.

E essa pessoa aluga uma casa na minha rua, eu moro há trinta cinco anos nessa rua. Eu estou perplexo até hoje, sempre fui uma pessoa que sempre tratou seus vizinhos como família. Meu avô cigano morou anos nessa rua, essa casa que eu moro é herdada. Tem gente que eu nem conheço, que trato com o amor que tenho ao meu filho.

Aprendi dentro do meu seio familiar tão fechado, o amor ao próximo. Ainda mais da onde eu fui iniciado, especificamente há trinta anos, pelo senhor Celso do

Ogum.

(Nessa parte Pai Genésio chora muito - confesso que eu, Itamara, choro com ele).

É uma honra quando falo do Pai Celso do Ogum. É o que existia na sociedade da casa do ogum, em Rocha Miranda. Até hoje são sobreviventes das tragédias, porque Celso do Ogum também sofreu intolerância religiosa, ele foi morto por três tiros, ficou na sombra o que aconteceu de verdade para que Celso do Ogum fosse assassinado. Nesta casa era construída uma família, esse era o sentimento. Não se fazia obrigação sem a presença do outro, todos tinham o dever, a obrigação, de participar do que fosse qualquer coisa, obrigação de qualquer pessoa.

Devo tudo, tudo que eu sei hoje, e repasso aos meus filhos. Porque meu filhos, ainda hoje eles pedem bênção uns aos outros. Eu tenho minha religiosidade pelos meus antepassados, pelo meu sangue. E pode também ter outras pessoas, com uma religiosidade bem diferente da minha, com a conduta e o respeito ao próximo. Espero que isso seja uma conduta comum.

Nós, os sobreviventes dessa comunidade, o Ile de Santo Antônio, que foi destruído por uma escavadeira, ficamos sem casa. Essa casa de santo foi destruída e nós corremos quando todos nós soubemos e pegamos o que pudemos e fomos soltos no mundo.

Cada um tem uma missão, cada um tem o que responder em cima do mundo e acredito eu que Nelson do Logum Edé tenha me dado essa oportunidade. É por isso que eu bato palmas pra ele. Seu Nelson de Logun acolheu meu vodum e me fez um Doté.

Eu não estou aqui pra dizer pra vocês o que é certo ou errado, não existe isso. Existe é a responsabilidade ética, existe a vontade de conhecer a sua história, existe o querer ser de bem. Talvez seja por isso que eu sofri a cada pancada, a cada humilhação aos meus filhos (Pai Genésio começou a chorar novamente).

Sofri a cada olhar de ódio que eu via ao sair da minha casa para trabalhar, pelos vizinhos. Mas o contrário também é verdade, recebi muito abraço, muito acolhimento, muita indignação, muita gente me cuidando, muita gente me protegendo. eu fui até a delegacia e dei parte as duas vezes. A Delegacia não quis aceitar a denúncia. Até hoje nada aconteceu.

Ainda bem que eu tenho minha grande amiga, que é a minha esposa, que ajudou meu filho a sair desse terror, desse medo. Por mais que ele ainda mantenha resquício desse terror, ele está sobrevivendo. Garanto a vocês, ele está sobrevivendo.

Muito obrigado, kolofé Aure, mukuiu e saravá. O mesmo direito que eu peço a vocês de respirar, eu também, em nome do meu vodun, em nome de Azauane, agradeço a cada um de vocês, posso ter o direito de respirar e ter o carinho do meu filho. Um pai que chora pelo filho e pela família, um pai que só quer a liberdade, mas esse direito lhe foi tirado. Todos somos vítimas dessa violação de direitos.

Figura 13 - Pai Genésio



Fonte: Arquivo Pessoal (2022)

5.1.5 PAI ADRIANO

Por ter sido gravada, e buscando garantir a máxima fidelidade à narrativa, a fala de Pai Adriano está escrita na primeira pessoa.

Deixei minha cidade natal, chamada Fagundes, na Paraíba, e vim pra cidade grande em busca de uma vida melhor. Então cheguei na tão famosa e próspera Rio de Janeiro. Aqui cheguei e vivi, como vivo até hoje. Trabalhei e por volta do ano 2000 tive uma grande surpresa: comecei a sentir coisas estranhas que eu não sentia antes. Então resolvi procurar um centro espírita.

Chegando lá no centro espírita, me deparei com uma senhora de nome Odete, num dia de segunda-feira, que trabalhava com uma preta velha chamada vovó Cambinda. Chegando lá fui falar com a vovó, a vovó falou que eu tinha que colocar as roupas do terreiro, porque eu era uma pessoa espiritualizada. Eu não entendia nada, mas sabia que eu tinha que me cuidar. Comecei a me cuidar na Umbanda. Era uma Umbanda pequena com a vovó Cambinda, todas as sessões eu ia.

Vovó Cambinda, um belo dia, me chamou e disse: “meu neto, chegou a hora da Rabuda falar com você, a Rabuda tem muitas coisas pra lhe falar”. Até então eu não sabia que eles chamavam as pombagiras de rabudas. Quando cheguei no dia marcado, falei com a Pombagira Cabaré. Cabaré me falou muitas coisas, disse que eu tinha que me cuidar no santo, mas que não seria na Umbanda, teria que ser no Candomblé.

Então chegou meu grande problema, porque no candomblé tinha que raspar a cabeça, e nessa época eu era travesti hormonizada. Aí eu falei que eu não iria, porque não conhecia: “*não quero isso pra mim*”. A Pombagira disse que não adiantava, que mais cedo ou mais tarde eu iria, por amor ou pela dor.

Foi passando o tempo e mais tempo. Então o Malandrinho, a entidade que a mãe de santo Odete incorporava, disse: “*moço, a sua caminhada com a gente aqui acabou, é hora do senhor procurar outros caminhos, porque chegou seu tempo espiritual e o senhor terá que raspar a cabeça*”. Eu já tinha falado que não queria ir embora, seu Malandrinho disse “moço, não adianta o senhor falar que não quer, porque o senhor já foi escolhido, o senhor terá sua casa espiritual”.

Passado uns tempos as coisas pra mim foram piorando, aí comecei a procurar realmente casas de Candomblé, para poder jogar búzios. Foi numa dessas procuras que cheguei aqui no Pantanal em Nova Iguaçu (região comandada pelo tráfico que depois a milícia invadiu e tomou o território). Cheguei na casa do senhor Eraldo de Jagum e comecei a frequentar o candomblé dele. Fui conhecendo, fui vendo algumas coisas, fui conhecendo as práticas dentro do candomblé, fui conhecendo Ebós, saídas de iaô. Aí fui vendo como tudo funcionava, eu fui tentando aceitar aquilo tudo. Aí foi tudo entrando na minha cabeça, até que chegou um ponto que xangô e Iansã pediram pra fazer alguma coisa na minha cabeça - não era pra raspar ainda. Fui, tomei obi, depois tomei bori. E foi numa dessas etapas que vi como funcionava como acontecia. Logo em seguida arrumei santo, arrumei Exu e Pombagira. Mas teve um problema, o Exu que foi arrumado era meu, mas a pombagira não.

Então passaram dois anos, a pombagira que não era a minha continuou quieta,

mas a minha , Maria de Padilha, começou a perturbar e enrolar o meio de campo. Foi quando comecei a me desgostar da casa, porque depois que eu tinha feito tudo, todas as coisas que eu participava eu não incorporava com mais nada, nem com Orixá nem com Exu, nem com pombagira, nada. Chegado um tempo, uma irmã de santo minha disse: *“Adriano, procura um lugar, porque você tem que raspar a cabeça. Está visível que você tem que ser iniciado para o santo, e o meu pai Eraldo está deixando passar isso, e vai te prejudicar”*. Fui procurar outra pessoa, até que eu cheguei na minha mãe de santo que me raspou que me iniciou. Através da ekede da casa ela jogou. Maria Padilha falou tudo no jogo de búzios. De início eu falei que não aceitava, mas ela falou que eu não era de Xangô, que eu era de Iansã com Xangô.

A Maria Padilha pediu que eu levasse um presente para ela na calunga, no cemitério. Eu era uma pessoa complexada, disse que no cemitério eu não iria. Tudo estava acontecendo e eu queria sair dessa situação, mas tudo estava muito enrolado. Então chegou uma segunda-feira, eu comecei a ficar peturbado. Eu estava sem dinheiro, o único dinheiro que eu tinha era dez reais. Então peguei esses dez reais, comprei algumas coisas - farinha, mel, dendê. Quando vi por mim eu estava chegando na porta do Pexinxá em Jacarepaguá, no cemitério. Fui, fiz as coisas dela, voltei. Eu tinha um prazo de vinte um dia para fazer as coisas da Maria Padilha. Depois que eu voltei do cemitério, descobri várias coisas que estavam acontecendo pelas minhas costas. E daí eu vi que as coisas eram por aquele caminho mesmo, nesse prazo de vinte um dias estava varrendo o terreiro para recolher.

E então recolhi para fazer o santo, para me iniciar. Não entendia nada, não sabia nada, não sabia o que iria acontecer. Minha mãe de santo começou os preceitos para eu entrar, cortou meu cabelo - essa parte do cabelo eu já estava aceitando, porque queria melhorar minha vida. Quando foi um belo tempo, minha mãe de santo vinha para me ensinar as rezas, os banhos da madrugada, as comidas.

Um dia perguntei à minha mãe se ela vinha todos os dias, ela disse que não, que lá não tinha mãe criadeira. Eu me criei com meu erê de Inhasã. Nas horas certas ele me acordava para fazer os preceitos. Um belo dia minha mãe de santo chegou de madrugada de ponta de pé e eu estava rezando e ela disse: isso aí, eu recolho pessoas; quando eu não estiver presente, o orixá tem que fazer o papel dele também. Aí eu comecei a entender a entrega que tinha que ter para o orixá, porque percebi naquela situação que era eu e meu orixá. Aconteceu tudo isso, e teve a saída. Depois da saída, foi aquela coisa toda.

Depois de tudo, me afastei da casa de santo. Não cheguei a fazer a obrigação de um ano por problemas pessoais, e tinha o lado que eu ainda não entendia nada. Passei dois anos afastado, depois encontrei uma antiga irmã de santo que foi minha irmã de santo na casa de pai Eraldo de Jagun, que veio a ser minha segunda mãe de santo. Ela veio cuidar de mim e da minha vida espiritual, fiquei durante cinco anos.

Com ela aprendi como se raspa uma pessoa, com ela aprendi a doutrina de falar menos e ouvir mais, aprendi muitos preceitos da casa de candomblé. Depois de muito tempo ela ficou doente, ela deveria ter se abraçado com todos de casa, mas ela espantou todos de perto dela e o último a sair fui eu. Lá vou eu de novo, mas com ela eu tomei minhas obrigações de três anos e cinco anos, ajudei em tudo, lá. Depois, passei mais três anos fora de casa de santo.

Nesse período minha pombagira virou em uma festividade que teve lá no terreiro e disse que estava no tempo que mãe Inhasa iria pedir a casa dela, que mãe Inhasa não queria ir mais pra casa de ninguém, e como eu era uma pessoa que vim com cargo de babalorixá, que eu teria que ter minha casa própria. Quando eu me vi, eu estava de novo no bairro de Nova Iguaçu, no Pantanal.

Dia 25 de janeiro 2015 estava aqui com meu vizinho do Rio das Pedras, que me trouxe para ver o terreno, terreno em que hoje se localiza meu axé casa de mãe Inhasã. Vim, comprei o terreno. A minha mãe de santo, quando eu falei, disse que não concordava com a compra porque era um lugar longe de tudo, que eu ficaria sozinho. Mas mãe Inhasã falou que ia acontecer porque ela queria. E outra: se ela tivesse nascido nestas terras, porque seria ruim? E foi no Pantanal que foi plantado o axé de mãe Inhasã.

Logo depois que eu raspei o santo, eu descobri que tinha certo período para receber exu e pombagira, para voltar incorporar como Maria Padilha. Não tinha pegado minha cabeça, ainda estava tudo bem. Mas Maria Padilha fez um trato com minha mãe de santo que, quando fez os preceitos pra ela antes de raspar a cabeça, ela falou que não ia ficar presa a isso tudo, que ela veio trabalhar. Maria Padilha disse que se ela cumprisse o que ela prometeu de me dar minha casa própria, poderia ser solta antes do tempo. Aí então eu comecei a conhecer a energia de Maria Padilha, logo em seguida ela começou a vir me segurar pela mão me acolher, então hoje meu caminho é Maria Padilha..

Maria Padilha é uma mulher que eu confio, é uma mulher que me leva. Aí chegou minha obrigação de sete anos. Sigo tudo direitinho em minha casa, a partir dos

comandos de exu e orixa.

Nunca dei muito valor a preconceito, porque fui uma pessoa que eu sempre batalhei pelas coisas que eu quero e busco luto com dignidade. Continuando minha trajetória, e quem tem casa de santo sabe que é muito difícil ter um pai de santo que realmente some junto, que fique junto pra tudo, sem inveja, sem mentira, para o bom e o ruim. Com muito sacrifício consegui erguer meu exe. Quando consegui construir minha casa de santo, ela deixou o recado perguntando a mim se as minhas andanças já tinham acabado, já estavam boas, que um ciclo tinha que ser fechado, com os sete anos de iniciado.

Minha tia Nana quando me viu sentado na cadeira dos sete anos de iniciado, me abraçou e disse “bem vindo a cadeira da ingratidão. As pessoas se iludem muito com obrigação de sete anos, mas esquecem o tamanho da responsabilidade que isso traz, além da ingratidão”. Hoje eu sou Dofono de Inhasã, filho de Erica Nadjara da Luz, de Inhasã do axé keto.

O preconceito que eu senti foi como gay, não como santo, porque eu sempre me pus no meu lugar, eu sempre soube entrar e soube sair. Sofri preconceito quando eu era travesti nas ruas, pelos olhares das pessoas. Mas quem não deve, não teme. O preconceito espiritual foi dentro da minha própria família, que nunca veio me perguntar da minha religião para entender a religião. Minha família não aceitou minha religião, mas eu já estava morando sozinho com a minha luta, fui trabalhar.

Passei também o preconceito nas ruas, porque estava com tudo: as contas, pano de cabeça, de branco. As pessoas me olhavam diferente, e hoje eu sou muito grato ao meu orixá e meu esforço, tenho muita gratidão. Busquei tudo que meu orixá determinou, se tivesse que fazer tudo de novo, faria tudo. Mas com algumas modificações - tiraria algumas pessoas que entraram na minha vida, que não entraram mais. Mas tenho muito a agradecer. Tive alguns problemas, mas quem não tem? Agradeço à mãe Inhasã e à dona Maria Padilha. Gratidão por tudo, só tenho a agradecer.

Figura 14 - Pai Adriano



Fonte: Arquivo Pessoal (2022)

5.1.6 PAI SÉRGIO PINA

A minha vida começou dentro do orixá assim: de pai e mãe. Meu pai tinha um problema com alcoolismo, meu pai carnal, e aí eu acabei sendo criado por outra família com certa idade. Essa família era toda pronta pelo finado pai de santo Siriaco, meu pai era feito pelo finado pai siriaco, ele era ogan. Minha mãe foi raptada por Odilha Molunderi, que é filha também do pai Siriaco. E aí com nove anos de idade conheci o candomblé de Angola.

Aos doze anos, no dia doze de outubro, numa quinta feira próxima do meio dia, eu havia tomado banho e me arrumado para ir para escola. Estava colocando o meu prato de comida, meu pai já estava sentado à mesa. Quando eu vi, entrou o homem sem camisa, suado, sujo, e me agarrou pela camisa e começou a me puxar. Isso eu vi. A minha mãe disse que viu que eu estava com o prato na mão e comecei a sacudir a comida, a comida caiu toda no chão e eu comecei a gritar. Ela não entendeu o que era.

Começou a minha história dentro do orixá de Angola quando me pegaram. Depois comecei a ter pesadelos, sonhos, minha irmã que dormia comigo acordava na

cabeceira da cama, a gente via um homem em pé olhando pra gente, e isso começou a me perturbar muito. Foi aí que me levaram para o pai Dioclécio do Tumbajussara, e pai Dioclécio viu que era um problema com espírito, não com orixá. Foi descoberto que eu tinha um tio avô que tinha uma casa de santo que tinha esse caboclo, e vinte anos antes havia dito que voltaria na família.

Aí foram feitas algumas coisas. Eu comecei a ficar em Angola um período mais. Ao quatorze anos eles queriam me iniciar, porém eu tive um nascimento diferente. Aí, de um lado falaram que não podia me raspar, porque ele nasceu assim nasceu assado. Mas dentro do meu coração eu não aceitava não ser raspado iniciado, eu ouvia ao quatorze anos como eram tratadas as pessoas que não eram raspadas, os cabeludos.

Meu pai tinha uma grande influência e amizade no seio do Orixá. Foi quando eu conheci o axé de keto, e aí conheci meu pai pequeno, que é onde estou até hoje. Eu fui iniciado ao quatorze anos de idade, no dia 10 de junho de 1974, sou iniciado para o orixá Oxossi, Pai Dior fez os trabalhos. O caboclo sumiu, desapareceu, Nunca mais apareceu. Eu já com dois anos de santo, em uma festa que teve de caboclo, eu fui para ajudar, o caboclo Zé Mineiro chegou e está até hoje na minha vida.

A respeito de intolerância, a minha casa começou em Caxias e ali eu tive problemas. Tive que vender a propriedade e comprei aqui em Nova Iguaçu, num espaço maior, cheguei aqui em 1987.

Comecei a ser perseguido por um senhor que se intitulava comandante. Ele tinha um sítio aqui perto, esse senhor fez um abaixo assinado para me tirar daqui. Ele não queria Candomblé aqui, esse senhor juntou na época duas mil assinaturas no abaixo assinado. E eu morando aqui, na época verifiquei que não moravam ali duas mil pessoas. E uma vizinha na época me chamou e me avisou: “*Sérgio, tem um abaixo assinado para você aqui no meu barraco. Você está aqui há muito pouco tempo, ele está tentando tirar você daqui*”. Moral da história, eu peguei o documento, tirei uma xerox para poder abrir um processo contra ele.

A prefeitura veio e embargou minha obra diversas vezes. E eu lutando, essa perseguição durou muitos anos, eu consegui que esse processo fosse extinto. Essa pessoa que me perseguiu dez anos depois ficou meu amigo. Já na velhice dele, seguiu o caminho da verdade - ele voltou e fez uma amizade.

Foi o único problema que eu tive. Eu me dou bem com os protestantes daqui. Aonde eu moro, onde eu resido aqui na Cobrex, a maioria das pessoas são protestantes eu me relaciono bem com eles eu vou até aos cultos. Tinha um pastor que agora é

falecido, que vinha até minha casa tomar café comigo. Ele era muito criticado, mas o pastor dizia “se ele vem até a minha igreja, porque não posso tomar café na casa dele?”.

Intolerância, minha irmã, às vezes parte da gente, nós às vezes também somos intolerantes. Minha irmã Itamara, fui a Nova Iguaçu e fiquei perto de duas mulheres negras conversando, então eu escutei a conversa das duas. Uma das mulheres questionava o relacionamento do filho dizendo o seguinte: “o meu filho arrumou aquela negra, aquela tição, macaca, pra botar dentro de casa, não gosto daquela negra não, a mulher parece um carvão”. Aí você vê irmã, achei importante trazer essa história pra você pensar - uma mulher negra conversando com outra negra, falando essas barbaridades. A mulher queria que o filho arrumasse uma mulher de pele mais clara para clarear a família, o preconceito começa no quintal de casa, dentro das casas.

E aí você não pode progredir você não pode crescer um pouco. Ficar um pouco melhor, que os outros que ficam para trás começam a apedrejar. Começam a arrumar defeitos e arrumar problemas para você. Isso é dentro da religião, também. Quando falo em unir forças, temos que saber com quem. Porque no meio do caminho dessa corda bem apertada, alguém pode soltar o nó. Hoje eu não frequento casa de ninguém, se alguém me vê em alguma casa de candomblé é porque lá eu considero, lá tenho amor e amizade verdadeira.

Figura 15 - Pai Sergio Pina



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

5.1.7 MÃE MUTALANGUE ANDREIA

A minha trajetória espiritual começou quando eu resolvi Eu e meu primo ir a um bar em Nova Iguaçu e lá nós encontramos um pai de santo chamado Gilberto de Iansã ele morava no Carmari e o meu primo homossexual e eu tenho a minha opção também ele se interessou pelo meu primo e eu acompanhei até o barracão dele aonde nós passamos a noite. Quando amanheceu é que eu fui ver exatamente onde eu estava pela primeira vez na minha vida dentro de um centro espírita.

Eu era muito leiga, só ficava observando as coisas admirando as imagens até que eu conheci uma filha de Santo dele por quem eu me interessei, e devido eu ter gostado dessa menina eu e meu primo acabamos ficando por lá passamos uma boa temporada de 5 meses aonde eu comecei a conhecer o espiritismo e daí eu comecei a colocar roupas de brancas, comecei aprender no caso as hierarquias e foi me interessando pelo candomblé.

Porém, ele tinha umas coisas muito louca ao qual nos deixava bastante assustado ele saía de manhã todo dia de manhã e voltava à tarde cheio de coisas e eu comecei a desconfiar disso quando eu e meu primo descobrimos que ele passava lista de Defunto matando parentes para as pessoas batendo de porta em porta aonde aí arrecadava dinheiro e era disso que ele vivia. Bom ao ver né uma coisa tão errada eu tenho que me retirar mas a menina acabou se apaixonando por mim e ela queria vir comigo então ele baixou uma pomba gira dizendo que era dona sete.

Inclusive essa pomba gira que eu viro hoje, e fingindo estar incorporado eu falo fingindo devido que aconteceu, fingindo estar incorporado com essa Pomba Gira ele pegou uma galinha e começou a comer lá viva bebendo uma cachaça o qual ele quebrou o casco de vidro né e começou a penetrar os pedaços de vidro na própria pele começou a introduzir os vidro e ele perguntou para menina você gosta dela e a Viviane na época Viviane respondeu eu a amo.

Então ele pegou uma faca e as meninas as ekedis na hora até virou na Oxum virou para poder amenizar o ambiente que já estava bastante quente pesado, ele jogou a faca na direção de Oxum a menina tava virada eu não impulso até mesmo Por Amor eu acho que eu já amava, eu pulei na frente eu entrei na frente da faca onde a faca e entrou no meu braço até hoje eu tenho a marca ela fez um corte bastante profundo e daí surge

uma confusão onde as ekedi Disseram que ia chamar a polícia então a pomba gira foi embora foi embora e eles para me acalma me deram um suco que tinha o boa noite cinderela aquele remédio que botar para dormir quando eu acordei meu braço tava costurado.

Bom eu tô contando isso mãe para a senhora ver que a minha primeira experiência dentro do Espiritismo, já foi um verdadeiro caos e mesmo assim eu não desisti; Ele para nos separar recolheu a menina e quatro dias depois que ela cumpriu os 3 meses de preceito, vários policiais invadiu o quintal estavam todos e dormindo invadiu o barracão a imprensa na época era aquele programa do Ratinho então imprensa a polícia procurando por este pai de Santo né Gilberto de iansã.

Então quando a gente deu por nós ele já tinha fugido ele tinha pulado o muro da vizinha mas até então a gente não sabia o porquê da ordem de prisão nem eu nem as meninas que morava lá , Viviane a irmã dela, eu e meu primo lá. Parecia até uma coisa eu já suspeitava muito do jeito dele um jeito muito estranho mas eu gostava da menina eu só iria embora com ela dali então comecei a me preocupar depois da facada Aí ele os próprios vizinhos entregaram ele para polícia e foi quando o policial chegou perto da gente e falou perguntou o que que nós éramos dele nós somos filhos de Santo.

E se nós sabíamos de alguma coisa que ele fazia a gente não, aí foi quando ele falou para Viviane que ele estava sendo preso por ter assassinado a mãe e o irmão dela que até então ela nem sabia né que é uma história até cavernosa e dali quando ela soube que ele que tinha matado o irmão e a mãe dela para ficar com ela e a irmã nossa ela na mesma hora né pegou as coisas dela foi embora comigo e daí começou a minha trajetória espiritual daí ele foi preso foi cumprir com o tempo de cadeia dele graças a Deus.

Até hoje eu não tenho nenhum contato e nunca mais eu vi falar dele, mas foi um susto então quer dizer a minha história espiritual já aconteceu desse jeito e foi quando a Renata na época a digna dela era..... então a Renata nos levou até o barracão da minha avó wanda eu e a Viviane para lá , que ela era madrinha da Viviane, levou ela para lá.

E não só depois da bela experiência que tive, ficava só observando já não queria mais assim vou ver logo de imediato com Barracão eu não queria compromisso e fiquei só acompanhando até que um belo dia o caboclo da minha avó me chamou e pediu para que eu desse adobar nos pés da leda eu dei, mas até então estava entendendo aí ele falou a partir de hoje sua mãe de santo é a ledo bom não era minha intenção nenhuma ser filha

de santo dela então na volta para casa eu simplesmente.

Decidi não voltar mais lá porque eu não queria ser filha da leda e eu fiquei um ano sem aparecer no barracão da minha avó quando eu comecei a sonhar com a Maria vestida de Santa Bárbara e minha avó vestida de Nossa Senhora da Aparecida mexendo no meu camutuê (cabeça) no meio do quintal virava e mexia e eu tava tendo esse sonho isso já estava me perturbando e até que um dia eu varrendo a sala na casa da vó Viviane eu estava morando lá eu comecei a passar mal eu comecei a tremer a sentir algo algo que eu nunca havia sentido antes e foi me dando uma agonia uma vontade de chorar eu larguei a vassoura sair correndo encontrei com a Renata na rua.

Perguntei aonde mora aquela moça que tem uma queimadura no corpo ela falou ah tá a maria ela mora ali em cima e a vó dela morava no Carmari também então eu fui em direção à casa da mãe bem doida me lembro como se fosse hoje no dia no caso era dia 22 de Agosto de 1999 eu bati na casa dela ela estava na companhia de joana a ekedi mais velha de minha avó e eu quando ela abriu o portão e eu abracei e comecei a chorar e foi quando ela levou para dentro da casa dela me deu um copo com água e perguntou o que que houve minha filha? eu simplesmente olhei para ela chorando e perguntei a senhora pode ser minha mãe de santo? e ela é posso mas você não é filha de leda? eu falei não sou filha da minha mãe que é Solange Rosa Fernandes Eu sou filha da minha mãe eu não tenho mãe de santo foi aonde ela e joana olharam uma para cara da outra também falou o maria Santo da menina que escolheu agora você abraça e vai lá conversa com a mãe e foi o que ela fez ela aceitou.

E daí nós fomos lá à minha vó conversa, minha vó entendeu; Bom aí veio outra guerra.... a leda achando que era minha mãe de santo Então minha avó aceitou o que eu fosse ser filha de maria elas jogaram.. Aí quando foi no dia 6 de setembro festa do Caboclo novisalá de minha avó eu bolei e o caboclo da minha mãe Seu Pena Branca e seu novizala me botam pra dentro Eu fui para curtir o Candomblé e de repente eu me encontrei catulada dentro do ronco(quarto aonde as pessoas ficam para fazer o santo) foi um susto porque eu não tinha intenção nenhuma de te fazer santo tão cedo e dá mais com a mão na frente e outra atrás mas me recolheram assim mesmo e eu acabei tendo que ficar e o que que acontece eu dentro do Ronco escuto uma brigalhada palavrões e discussões era leda e a família dela batendo boca com maria por minha causa eu dentro já tá passando por isso porque eu fiquei dois dias acordada dentro fiquei muito assustada com tudo.

Não esperava que eles me recolhessem, eu não estava preparada. Mas enfim,

Maria acabou ganhando a luta e veio a minha saída dia 3 de outubro de 1999 aí o que aconteceu aí começou a minha luta - que a vida toda foi uma luta para mim espiritualmente né - eu fiquei um mês recolhida dentro do roncó. Tive que passar meus três meses de quele (colar que os iniciados botam) dentro do barracão da minha avó lavando, passando, arrumando, cozinhando de graça, até que saiu caro e depois em dezembro já para janeiro tirei o quelê, a minha avó falou que eu tinha que ficar um ano morando com a Maria.

Talvez para pagar também né que eu servir de empregada lavando passando, arrumando, cozinhando cuidando da filha dela, e isso tudo durou 9 anos eu morei 9 anos na casa de maria ralando muito trabalhando fora ajudando construir Barracão que eu não me arrependo mas foi uma luta porque eu fui muito humilhada eu levei na cara eu apanhei de cabo de vassoura ou de uma ocasião dentro da casa da minha avó que eles me deram uma maianga(banho) no tempo e meu pai Oxossi foi nu do tempo andando até o com todos no quintal.

Inclusive os meninos também enfim eram várias humilhações que eu passei eu sou muito grata por tudo tá porque minha avó abriu as portas para mim mas nossa eu sofri muito bom foram 3 anos na casa da minha avó é porque infelizmente ela veio a falecer mas antes disso eu sofri muito na mão de Peterson quero o pai pequeno da casa nós não batemos de frente porque eu não aceitava as coisas horrenda que ele fazia é então eu dei graças a Deus quando maria abriu casa e eu achei que fosse ser melhor mas não foi porque logo em seguida ela né chegou os filhos de santo que foi a família de zaya.

Daí ela começou a me pisotear a desfazer de mim porque bom eu não supria as necessidade dela como zaya e a família e daí eu só fui ficando para trás não é a família e daí ela só fui ficando para trás mas até Então eu ralava muito era muito filha a senhora lembra disso meu Deus como eu ralava e ajudei muito financeiramente, até que chegou o tão sonhado deká.(deka quando o iniciado faz sete anos e atinge um grau maior dentro do terreiro.)

Aquele deká tão sonhado que nossa foi um adeus na verdade. Maria pediu pra que eu me organizar para tomar o me da meu deká então eu eu trabalhava e eu também acionei pessoas conhecida como a senhora mesmo e a sua família né eu posso dizer que na época Nossa e até hoje vocês sempre foram muito presente na minha vida e então eu batalhei muito correr atrás perguntando as coisas um belo dia ela chegou lá em casa do nada então você pega suas coisas que você vai recolher;

Tomei um susto aí pega o que você tem aí abrir uma mala grande é isso aqui que eu tenho em dinheiro tenho tanto e o que as pessoas vão me ajudar que eu ainda não tinha em mãos ela então vamos que eu vou-te recolher hoje e assim fui... para o barracão aí começou a pior humilhação as piores bom ela me levou para o barracão eu muito feliz.

Comecei fazer minhas contas eu comecei a perceber que meus irmãos não estavam indo na roça os ogans só estava eu e ela mas até então foi quando eu soube que ogan velho tinha viajado Zaya estava em casa enfim né E até então eu não tinha imaginado que poderia vir.

A Dandara a filha dela que já estava com 13 anos pediu para eu fazer um bolo eu falei sim eu não sei muito não mas vamos juntar nós duas e vamos fazer um bolo aqui bom o bolo saiu meio solado nesse mesmo dia um ogã marcelo chegou o ogã de oxalá chegou na roça sentiu cheiro do bolo e pediu um pedaço aí a Dandara deu um pedaço de bolo aí ele perguntou quem fez esse bolo a Dandara né brincando rindo falou foi a Andrea.

Ele pegou o bolo e jogou no chão e falou para mim a Andrea não serve nem para tirar seu ebó nossa aquilo ali doeu mas eu me calei aí o'ogã que tinha ido viajar que é o José tinha chegado de viagem e quando ele soube que eu estava recolhida na roça para tomar obrigação ele voltou viajou de novo. Bom eu não tava entendendo nada porque até então eu sempre fui uma pessoa muito boa muito pacata eu não estava entendendo o que tava acontecendo e então chegou a menina de oxum cristina e a mãe dela vivia chegaram e foram as únicas pessoas que ficaram na roça já era sexta-feira quando minha mãe recebeu um telefonema do seu marcos ela desligou o telefone veio na minha direção me chamou senta aqui Andrea.

Então, sentei e ela falou minha filha olha só Eu não vou poder dar sua obrigação de sete anos e eu falei não mas aconteceu alguma coisa tá faltando alguma coisa ela não não tá não graças a Deus você é uma pessoa muito querida e todos estão te ajudando mas é porque eu não posso recolher você na frente da zaya e eu falei não pode, mas perai não não posso deixar para recolher em abril.

Quando a zaya foi recolher falei para a senhora tá esquecendo de um detalhe a Zaya e minha filha pequena e a minha obrigação é um deka ela é de 3 anos ela botou a mão na cabeça e fez um gesto de assustada né nossa Ai meu Deus que é mesmo aí agora o que que eu vou fazer Mas deixa.

Vamos guardar tudo em abril você toma Aquilo acabou comigo simplesmente acabou comigo depois que ela cancelou a minha obrigação e convite já tava até na praça

eu ia sair dia 30 de janeiro ela me levou para dentro do ronco aí depois ela cancelou a minha obrigação e sim pô todo mundo e foi chegando todo mundo aí ela me levou lá para dentro do ronco junto com a Zaya que tinha passado a noite toda no Botequim cheirando a cachaça pura.

Ela levou nós duas para dentro do ronco me sentaram numa cadeira, a Zaya em outra na frente, assim dos inkices dela sentou a Zaya na frente de pai angorô e eu na frente de pai Oxóssi e jogou canjica em cima da gente daí eu não sei mais o que ela fez quando nós acordamos quando eu acordei que ela diz virou a Zaya primeiro....

Quando eu acordei a zayaa já tava em pé no outro ronco não né aí ela só me diz virou foi pedir o Zaya para ir lá para fora quer dizer ela me deixou virada conversando não sei o quê com a Zaya. Depois me virou, ela me levantou e falou que minha filha eu sinto muito mas você vai ter que esperar até abril.

Falei mãe eu só queria saber porque? Porque? que eu vou ter que esperar Zaya a senhora só me deu motivo para que eu possa entender e ela falou que não me devia satisfação e eu falei mas tava tudo certo para eu poder entrar e quando ela se irritou e falou para mim olha só eu não posso perder o meu cartão de crédito tá sim por Deus pela alma da minha mãe e eu abaixei minha cabeça e peguei a minha bolsa.

Peguei minhas coisas e fui embora para casa uma semana depois eu fui buscar o meu santo Porque para mim foi a gota d'água foram várias humilhações desfeitas mas essa por parte dela foi a pior a pior de todas né mas eu passei por muita coisa inclusive quando ela tomou obrigação é porque eu passei humilhação por parte do meu avô também que hoje a gente não se fala por isso né antes de eu sair da casa dela tomou uma obrigação e um dia da festa a gente lá cantando batendo palma ele pediu para que eu desce adobar junto com ela.

Poxa tantos irmãos lá dela e ele pediu justo eu já apareceu uma implicância eu virei para ele e falei vô ela é minha mãe Santo e ele falou na minha casa Ela é filha Então e você também eu falei eu não eu não vou conseguir bater a cabeça junto com a minha mãe ele agarrou No meu braço na frente de todo mundo abriu o portão e me jogou de baiana daqui a pouco minha mãe foi lá abriu o portão me botou para dentro me dando uma sessão de esporro quer dizer eu não sei implicância eu não sei o que que é não sei explicar mesmo.

Enfim né aí daí foi uma implicância atrás da outra ela colabora muito para isso eu tava arrumando a cozinha e tinha chegado de viagem uma sobrinha do seu da Europa lá e eu tinha dado um anel para para maria o anel que quando eu trabalhava em

Copacabana uma patroa me deu e era em forma de cobra e eu dei para maria porque ela era de angorô dei um anel para ela ela já tinha esse anel um ano pouco e nesse dia que essa sobrinha do seu marcos estava lá.

Ela resolveu dar uma faxina na cozinha eu tava com ela lá que ela me levou para poder recepcionar essa tal sobrinha então a Maria foi embora porque ela tinha que resolver não sei o quê e me deixou lá ainda fazendo alguma coisa que eu iria depois quando eu fui na cozinha eu vi o anel de cobra dentro da Fruteira eu tinha certeza que aquele anel era da Maria o que que eu fiz eu falei e o anel da minha mãe ficou aqui e peguei o anel para devolvê-la bom eu tinha tanta certeza que o anel era dela que eu achei que ela tivesse tirado o anel para poder lavar a louça né Afinal de contas ela estava arrumando a cozinha e como ela saiu com pressa era algo que ela tinha que resolver

Por isso ela me deixou aqui eu terminar o serviço, pois ela teria que se ausentar por algo muito importante que ela queria que fizesse enfim eu achei o anel dentro da fruteira o guardei e quando eu fui para casa né que eu morava muito próximo ao Barracão e não lembro nem se eu morava ainda com ela, mas não acho que eu morava próximo eu já não morava mais com a minha mãe então eu cheguei no barracão né de minha antiga zeladora mãe maria e peguei o Anel e falei mãe aqui o anel que a senhora esqueceu lá na cozinha do avô e ela olhou para mim e me mostrou o dedo com um anel igual no dedo

E falou Andrea esse anel não é meu eu falei não é da senhora ela aqui meu anel quando eu olhei falei e mãe eu me tremi toda nossa me creme mesmo eu perdi o chão falei mãe pelo amor de Deus então de quem é esse anel eu trouxe porque eu achei que eu fosse da senhora é igual ela falou Andrea eu não sei de quem é não mas ele tá aqui que eu vou na casa do meu pai amanhã para poder conhecer né

A tal sobrinha eu aproveitei e levo o anel eu já tinha conhecido a sobrinha dela que ela chegou lá elas também só me cumprimentou assim por alto e visitou todos os cômodos do Barracão enfim.... É porque eu não fiquei só na cozinha junto com a minha mãe eu fui fazer um monte de coisa porque lá é uma imensidão então né então eu falei então toma mãe tomou um anel pelo amor de Deus coloca lá no lugar para mim mas foi um engano pelo amor de Deus senão como eu poderia estar entregando a senhora se não fosse engano.

Eu não tenho mal costume pelo amor de Deus enfim bom minha antiga zeladora né maria ela devolveu o anel mas não da forma que eu imaginei que ela fosse entregar

eu não sei porque cargas d'água ela ajuda uma maneira muito diferente sendo que ela me conhecia tantos anos morei 9 anos em sua residência sem nunca ter afanado nada e muito menos faltado com respeito né Graças a zambi de Graças a Deus e a minha mãe Solange eu sou uma pessoa de bem que eu não tenho mal costume e muito menos vício

Não sou a perfeição do ser humano, mas eu procuro ser o melhor possível pois ela chegou para o meu avô seu tata ananguê não sei se ela procurava agradar o tempo todo mas ela virou para ele falou aqui pai o anel que não está mais com ele pegou dentro da fruteira de dentro da sua casa e Nenhum momento ela cogitou

Ela explicou que foi um engano não ele falou de uma forma como se eu tivesse afanado assim chegou ao meu ouvido porque tinha testemunha lá foi a irmã dele que depois passou para mim a forma o qual ela se dirigiu ao meu avô entregando o anel mas de uma forma me acusando bom ele já não era muito simpático para o meu lado eu não sei porque cargas d'água ele nunca nunca teve uma simpatia por mim só piorou né Se tivesse alguma chance de nós entendermos e hoje, pela satisfação em tê-lo como meu avô ela quebrou ali né ela acabou

Com isso ali e ele esperou uma oportunidade para poder me maltratar desfazer de mim mediante a esse ocorrido então foi quando há que na época a minha zeladora de hoje keualombo estava recolhida para tomar os seus 14 anos e bom eu fui toda com toda minha satisfação porque na época ela era minha tia minha amiga uma pessoa ao qual eu gosto muito até hoje tá sempre tive uma grande admiração uma pessoa que uma família no caso né porque não é só ela toda a família dela sempre me receberam muito bem sempre me trataram muito bem.

Então eu fui até o barracão do meu avô para poder ajudar em alguma coisa que eu pudesse ajudar nessa obrigação na época era minha tia kalombo e eu cheguei lá nossa muito feliz por ela, eu vi fui lá direto do colégio, onde estudava à noite. Fui direto para lá para Amanhecer Lá para poder ajudar no que eu pudesse e a minha tia na época né que hoje é minha mãe quando me viu também ficou muito feliz eu lembro que o esposo dela o Jorge e o irmão estavam fazendo uma obra lá se eu não me engano essa obra era até no banheiro de fora.

Cumprimentei-os que foram eles que abriram o portão para mim poder entrar e eu cumprimentei e assim esfriei o corpo tudo a mãe da minha tia pode de longe me ver e ficou muito satisfeita na época. Então, eu fui fazer o meu papel de neta, depois que esfriar meu corpo, fui e chamei o meu avô.

Assim Baixada da casa dele só para avisar que havia chegado e que podia fazer

nossa, quando ele chegou na sacada da varanda da casa dele, veio olha se ele tivesse uma arma, ele me matava, ele não conseguiu me ferir com um revólver, mas em palavras ele dilacerou o meu coração, falou palavras horríveis me chamando de roçona.

Olha onde eu passei o preconceito dentro da minha própria família dentro da minha própria raiz ele me chamou de roçona de ladrona e falou que as pessoas da minha raça né roçona sapatona tinham vícios.

Esse costume de roubar como se ele não fosse um homossexual, mas fazer o quê então, ele faltou pouco para me agredir fisicamente, pois em palavra ele me passou e escoraçou, com xingamentos, apontando o tempo todo, me expulsando da casa dele, como se eu fosse um cão leproso. Nem um cão leproso merece um tratamento desse, pois o coitado não tem culpa de estar doente, foi uma cena horrível que a minha tia ouvindo entristeceu e o tio irmão dela que estava lá e o meu amigo Jorge, esposo dela, também viu essa cena horrenda.

Ficaram bastante assustados e tristes, foi uma coisa muito triste, bom dali eu fui embora eu saí tão desesperada tão magoada tão arrasada vamos dizer assim de lá não é porque eu cheguei tão bem tão disposta com todo a minha consideração e carinho para com a minha mãe hoje Queualombo. Na época minha tia eu saí de lá arrasada hein prantos eu saí de lá tão descontrolada né no meu no meu pranto que eu fui de Corumbá a pé até o Carmari para o barracão de minha zeladora na época.

Mas Maria para ver o meu descontrole o meu desespero que eu não senti que eu fui até quando eu dei por mim eu já estava subindo o morro onde fica o barracão de Maria e ao chegar lá eu bati no portão chorando ela abriu não me deixou entrar pois eu ananguê já tinha ligado para MARIA e ela não me permitiu que eu entrasse eu na época Ronbônia da casa dela amiga filha mas vai entender então ela abriu o portão e eu falei chorando mãe contei o ocorrido.....

Ela simplesmente olhou para minha cara e foi assim que me Nossa acabou de me derrubar ela olhou para minha cara e falou é Andrea eu não posso fazer nada ele é meu pai você tirou o objeto de dentro da casa dele que ele não gostou e por alguma razão também Ele te tratou assim eu não posso fazer nada ele é meu pai entendo uma coisa eu não posso perder meu pai filho a gente perde um ganha dois três fatos mas se eu perder meu pai eu não vou ter que cuide do meu santo.

Então vai para casa tomar um banho esfriar sua cabeça daqui a pouco passa se ela veio para mim porque daqui a pouco ele melhora foi o que eu ouvi e Nenhum momento ela me puxa para dentro pra me acalmar porque eu estava no Estados de nervo

muito grande e eu tive que voltar do portão da minha casa de Santo e continuei minha trajetória e a pé tá até Rancho Novo.

Fui ape para o Rancho Novo onde eu morava próximo a Nova Iguaçu a pé e mais arrasada do que eu já estava Então é isso aí foi uma das coisas muito ruim que eu passei na minha trajetória de Santo o tá eu era iaô e aonde eu fico assim às vezes muito triste com as pessoas que tanto por tão pouco.

Eu na minha no meu início né A minha trajetória foi tão difícil e eu estou até hoje dentro da religião e o mais incrível dentro da mesma Raiz e família, pois eu entrei para o santo por amor a orixá e não há ser humano bom é só os fatores assim de abalar qualquer um são situações bastante complicada e eu continuei continuei até mesmo na companhia dela até acontecer ocorrido né dela tem embargado a minha obrigação de 7 anos onde eu fiquei né esses dois anos vagando cuidando de meus filhos que na época também foi mais uma decepção Ao qual eu passei dentro da minha religião na companhia da minha primeira zeladora eu com 9 anos de tanto

Eu ganhei quatro filhos pessoas que me procuraram em busca de ajuda escolheram a mim para cuidar do Santo deles eu não tinha o meus 7 anos pago mas eu tinha uma zeladora que podia cuidar dos meus filhos Bom enfim uma dessas três pessoas tinha né o seu lado homossexual também as suas opções de vida e não era assim filho de uma dessas pessoas que eram homem mesmo

Aliás era 5 ainda tinha o meu sobrinho enfim eu levei essas pessoas até a casa de maria apresentei como netos Mas sabendo que eu não ia poder fazer nada até então mas ela permitiu que as meninas colocarem roupas baianas uma vez na segunda vez ela ia dar um candomblé Então ela me chamou antes da festividade e me fez um pedido para que eu não levasse meus filhos para que eles não colocassem porque ela não estava acostumada com tanta sapatona dentro da casa dela sendo que minhas filhas colocavam baiana como eu e também eram pessoas respeitadoras como eu ninguém tava ali pra cantar e nem arrumar mulher a gente tava ali para cuidar de Santo inclusive umas hora até casal enfim

Foi um preconceito que eu sofri novamente então eu imagina né como foi difícil para mim chegar para minhas amigas até então né minhas filhas e pedir para que não colocasse mais roupa na casa da minha mãe porque ela não estava preparada para receber tanta sapatona dentro da casa dela inclusive ela até cogitou que já bastava eu como sapatona que já foi muito difícil ela ter na casa dela uma sapatona e ela tendo outras filhas mulheres com se eu tivesse alguma maldade com alguém mas tudo bem né

infelizmente é uma É uma opção uma escolha de vida não tem visto Infelizmente o homossexualismo.....

Ele é igual a macumba né a gente tem que conquistar nosso território porque estamos muitos recriminados igual ao candomblé é o que eu falo né o homossexualismo é igual candomblé não é todo mundo que aceita é isso e fora o preconceito que não é diferente então eu tive que eu vi isso enfim mediante a essa trajetória né com a Dona Maria que tem mil e outras coisas que aconteceram as coisas pequenas que magoaram Mas se eu for contar tudo vai ser um áudio você vários áudio e muitos longos só com a minha primeira mãe de santo tá ela foi foi boa um certo período Foi sim me ensinou muita coisa ao qual eu sou muito grata tá quando eu precisei me teve seus braços como filha me fez voduns e me deu essa digna.

Ao qual eu amo tanto Andrea enfim eu sou grata apesar de tudo que eu passei eu sou grata pois tudo que eu aprendi com ela eu usei minha defesa os dois anos que eu fiquei sem zelador com cinco filhos de Santo e eu usei tudo que ela me ensinou durante 15 anos para poder me manter de pé e me defender e defender meus filhos então eu sou grata por isso por isso mas é óbvio que não foi uma boa mãe de santo para mim não foi se tivesse sido estaria até hoje da companhia dela mas não fui tá então infelizmente existe aí o lado bom e o lado ruim mas o que eu quero dizer que nossa eu passei por muita coisa para poder chegar onde eu estou e nenhum momento eu blasfemei contra meus ínkice contra meus exu enfim eu nunca os culpei ou julguei

Pelo contrário sempre agradei por me manter em forte de pé né é depois de tantas coisas ruim que eu passei bom não acaba Aí como eu falei na época né que keualombo era minha tia então eu frequentava casa de minha tia keualombo onde eu sempre fui muito bem recebida e acolhida e bem tratada e minha tia por acompanhar toda a minha trajetória não só ela como a família dela toda acompanhou minha trajetória. Também os filhos do santo dela que também hoje são meus irmãos que me ama o eu também amo muito graças a Deus eu tenho uma ótima relação com todos, pois eu sou uma pessoa que tem boca e não falo você ser uma pessoa extremamente reservada e eu tenho meu jeito carismático e bastante educado para estar até hoje dentro da casa de minha mãe queualombo desde a época que ela me acolheu.

Ela então ela por saber quem eu era e também noção e consciência do ocorrido de tudo que aconteceu ao qual eu não tive culpa ela me acolheu em sua casa me deu seus 7 anos onde eu me realizei como zeladora que é o que eu sou hj ela me fez uma mameto de inkice ela veio me preparando, ensinando bom aí veio porrada dentro da

minha casa mas eu digo minha casa de santo de senhor oxossi que eu construí tá minha mãe inaugurou a minha casa e eu fui recebendo filhos tanto e aí o meu sofrimento já foi dentro da minha própria casa de Santo com filhos com filho tá não foi dentro da casa de minha mãe queualombo eu nunca sofri nada nenhuma humilhação e eu não tenho que me queixar de nada como

Então, falei eu tenho uma boa relação com meus irmãos com a minha mãe com todos fui muito bem recebida eu fui adotada de coração e eu só tenho agradecer essa mãe maravilhosa que apareceu na minha vida que me acolheu que me preparou está comigo até hoje essa família linda,

Aí eu abri o meu axé já com meus sete anos pago e com mais de 15 anos de santo que infelizmente devido tudo que aconteceu eu paguei meu Sete com muito atraso e eles filhos e eu tinha do meu lado uma guerreira uma guerreira de muita fé de muita força de muita coragem chamada Solange Rosa Fernandes minha mãe carnal minha mãe e minhas irmãs Talita Rosa Fernandes e Vanessa Rosa Fernandes e senhor Oxossi me deu também três filhas maravilhosas chamadas Ivaneide Aline e Cíntia Moraes a família Moraes junta o meu sobrinho Anderson Fernandes bom minha família e essa família Moraes nós construímos o nosso axé Nossa com muita luta o morro né bastante íngreme e não tinha asfalto então a gente come aqui para regar o material do pé do morro até a metade dele Onde fica hoje a casa de senhor Oxossi

A minha casa e a gente subindo latas de 20 de material puxando o carrinho até que Deus dê todos os santos abençoou asfaltaram graças a Deus asfaltaram morro então o caminhão de loja de material já podia deixar o material na porta e assim nós fomos uma luta eu não tinha tantos filhos mais um pouco que eu tinha foram Bravos Guerreiros eu sou grata até hoje não Residem mais em minha casa do Santo, mas com todos meus amigos falam comigo me respeitam e temos aí continuidade com muita luta eu comecei com um barracão de lona.

Na verdade eu comecei tocando no tempo aí ele veio uma lona e depois fizemos um barracão de bambu depois fizemos tábua até que graças a zambi veio tijolo e com a metade da parede erguida tem uma chuva e jogou tudo no chão quase três mil de material que a chuva jogou no chão e ainda por cima aterrou o com barro perdi foi um prejuízo muito grande bom eu perdi material mas não perdi a minha força e nem minha fé continuei com a minha luta consegui uma kitnet para eu poder entrar dentro e não que eu não tivesse lugar para ficar Eu sempre tive a casa da minha mãe da minha irmã e eu tinha uma kitnet

Também no quintal da minha mãe Andrade Araújo, mas eu não conseguia ficar longe do meus inkice né porque era tudo aberto e eu na minha preocupação só aqui em Itaipu (Bairro na baixada fluminense em Belfor Roxo) Eu me mudei para o terreno e eu vivi situações assim muito precária dormindo no chão de concreto paredes ainda de tijolo telhas usadas com uns certo de defeito a onde chovia bastante dentro de casa nossa eu eu vivia assim uma situação bastante pobre

Vamos ser, mas por amor a Orixá hoje todo o dinheiro que eu arrecadava né de ajuda dos meus filhos e consulta que seu Zé e dona sete sempre sempre me ajudaram então né com a consulta de meus guias jogos de buzios também né com a minha peneira de Búzios todo o dinheiro que eu arrecadava eu investia na obra do Barracão não comprava nada para mim nada meu pai Oxossi sabe que eu não tô mentindo eu não comprava nada para mim não dizer que eu não comprava nada na época eu fumava Infelizmente a única coisa que eu tirava era o meu pó de café e açúcar e meu cigarro que era o que eu passava a maior parte do dia né e tocando minha obra Bom

Enfim eu consegui Erguer as metades do Barracão sem que a metade da parede do Barracão sem que ela se caísse Então veio Minha Primeira bordoada quando eu achei que não viria mais nenhuma daí a primeira meu sobrinho de sangue Anderson Fernandes que então era o primeiro ogã da minha casa um rapaz eu criei desde os Vamos botar aí 10 anos com seis anos ele já tava em minha companhia mas com 10 anos a mãe dele me passou ele de papel passado e ele veio morar definitivamente comigo então ele tava no quartel já estava no quartel 19 anos estava noivo de uma filha de Santo minha aline e dentro da minha casa ele conheceu uma outra menina que também era filho de Santo Mayara glaciano e era ela e a mãe dela enfim ele fez uma ruassa junto ao outro filho de Santo meu Maicon Denis que na época era casado também com uma uma filha de santo que eles entraram casal né já para minha casa ele não formaram o casal dentro da minha casa eles vieram já casal então Maicon era esposo da Carla e o Anderson da Aline que hoje Aline é a Danda Dila no caso que ela dilamavuleual e Carla zambzraqueci são ambas makotas então eles o

Anderson e o Maicon se relacionaram com mais duas filhas de santo dentro da minha casa o qual Eu não aceitei né Eu não aceitei essa situação dentro da minha casa pessoas casadas Pessoas casadas né no caso comprometida envolvendo com outras filhas de santo t dentro da minha casa não admitir isso e meus dias também não Dona sete que não é uma pomba gira de brincadeira Colocou todo mundo para fora só que o meu filho né por estar apaixonado pela menina ele decidiu acompanhar essa turma aí

que fez arruaça dentro da minha casa me abandonando é esse minha primeira a porrada foi perder o meu filho um ogã que eu preparei desde dos 6 anos para servir a casa de senhor oxossi só acabou saindo da minha casa por conta de mulher esse confirmando com uma ex-mulher minha chamada Cristina

Foi uma porrada porque essa Cristina ela sabia do meu amor pelo meu filho e toda a trajetória que nós passamos juntos para chegar onde nós estávamos Então ela sabia o quanto ele era importante para mim e não perder o tempo em conquistá-los né ela conquistou meu filho a base da mentira virando como a pomba gira chamada Cruzeiro das Almas falando coisas horríveis que eu jamais teria coragem de fazer com meu filho até mesmo porque essa tal Pomba Gira esqueceu de uma coisa muito importante e ele é meu sangue ele é meu sobrinho

Eu sou incapaz de fazer algo com você que eu não conheço quanto mais da minha família ele era meu filho e ele esqueceu de mim, só viu a vantagem de ter um neto sargento do exército, para servir a casa dela. Ele já estava pronto, só bastava mesmo coroá-lo, enfim foi a primeira porrada e essa porrada eu tomei em 2015.

Com a saída dele, mais três filhos saíram da casa porque gostava muito dele e foi horrível enfim eu passei o período muito difícil por conta disso aí eu perdi o filho de santo Leonardo Caique e Mateus era três filhos muito bons e saíram da casa né Por conta dele enfim filhos entram sai, mas quando foi 2016.

Eu perdi o meu maior tesouro eu perdi a minha razão de viver esse hoje Eu ainda continuo viva é porque eu adquirir força para continuar Mas 2016 a minha mãe Solange uma macota de Ogum xoroquê adoeceu eu tava construindo Barracão Mas como eu falei as paredes pela metade minha mãe adoeceu de repente e rodeio com ela por vários hospitais e ninguém conseguia descobrir a doença dela até então luz de um que era pneumonia outros falavam que era tuberculose e aí foi uma trajetória muito difícil foi uma luta né porque minha mãe começou adoecer em Julho, Agosto.

Ela já tava bem caidinha Setembro eu trouxe ela para morar comigo no barracão para que eu pudesse cuidar melhor dela que minha irmã tinha o filhos que morava tudo no mesmo quintal só que era uma brigalhada muita criança então eu trouxe ela para ficar perto de mim para que eu pudesse né levar ela para o hospital enfim eu consegui internar minha mãe no hospital federal de Bonsucesso dia 18 de novembro e 15 dias depois que ela tava internada já nesse Hospital ele começaram fazer exame afundo.

Por que eles não estavam encontrando até então ela tava numa sala isolada porque eles estavam achando que era tuberculose quando foi detectado o câncer de

garganta ela fez uma né traqueotomia e foi bem difícil foi muito difícil não poder mas ouvir a voz da minha mãe que ela fez uma traqueostomia.

Então ela teve que botar aquele tubo na garganta minha mãe já não falava mais isso a deixou bastante debilitada descoberta do câncer na garganta estava no estágio bastante avançado que não tenha como operar tava colado na veia artéria dela do coração então eu tomei um baque Nossa, mas o médico chegou a nos dar uma esperança que com a quimio o câncer de garganta poderia diminuir bom.

Ela poderia viver bastante tempo, mas minha mãe não tava conseguindo respirar direito mesmo com a traqueostomia lá mesmo depois de ter feito né cirurgia minha mãe não tava respirando ainda direito então já era dezembro e minha mãe então foi detectada que fizeram uma no exame de imagem eles encontraram um tumor no esôfago dela Fase Terminal ele estava do tamanho de uma laranja comprimindo seus dois pulmões a doutora me chamou e falou para mim para ela.

Faltava 15 dias para o ano novo e falou olha eu sinto muito mas eu tenho que falar a verdade Dona Solange a senhora está com dois tumores na garganta que a senhora já sabe bastante avançado e o esôfago em Fase Terminal filha a doutora virou para mim falou Curta sua mãe o máximo que você puder porque ela só tem 15 dias de vida a sua mãe só tem 15 dias de vida foi o que a doutora falou para mim eu Meu Deus a minha mãe olhou para mim e nossa eu olhei para minha mãe eu não queria que a gente tá mas estava passando por aquilo ali meu Deus desculpa mas é impossível é impossível eu falar nessa foto sei que eu não chore porque eu sei que eu vivi aí 15 dias eu tinha

Minha mãe só por 15 dias dentro de um hospital desde o dia 18 de novembro eu dormindo sentada numa cadeira e depois eu esse x de dias já conseguiu mais estrutura para ficar sentada numa cadeira passei a forrar a no chão para me deitar no chão né Infelizmente correndo risco de adquirir uma bactéria, pois eu estava numa enfermaria com a mãe aonde as pessoas só esperar o seu tempo para morrer era uma enfermaria fatal onde os pacientes eram largados medicados, porém largados tá esperando a hora para morrer então minha mãe só foi piorando ela não tinha mais sangue para fazer exame já estavam perfurando seu pescoço, pé.

Dia 30 de dezembro a minha mãe abraçada comigo eu com ela e ela teve um momento que ela tão pouco para mim falou nunca permita que alguém lhe pare não permite que ninguém atrapalhe os seus sonhos permita pare faça da minha morte a sua maior força siga em frente sem olhar para trás Pois a partir de hoje a mãe é você você é a mãe hoje Cuide da nossa família cuide de suas irmãs e cuide das crianças não permita

que ninguém lhe pare.

E quando foi dia 31 ela começou a passar mal começou a passar mal começou a passar mal e quando foi 08h25min da manhã do dia 31 de dezembro ela começou passar mal do dia 30 na madrugada do dia 30 para o dia 31 quando foi no dia 31/12 8:25 da manhã o tumor dela estourou e ela começou a botar aquela secreção para fora segurou minha mão e eu chamei enfermeiro ele dizendo que não tinha jeito eu falei leva a minha mãe passava vermelha leva e a doutora ela vai.

Mas ela está morrendo eu falei a deixa morrer pelo menos com a sensação que a gente está tentando salvar a doutora virou para mim falou olha só tem uma injeção que a gente dar que a pessoa vem à óbito sem sentir nada que eu falei eu não vou matar minha mãe eu não vou eu quero que ela tenha pelo menos a sensação de que está sendo socorrida eu não vou matar lá então eles pegaram a cama dela e levaram para sala vermelha eu fiz um sinal um coração para ela com a mão ela sorriu meu celular de repente ligou numa música que hoje é a música que que marca a passagem da minha mãe na minha vida essa música do nada meu celular ligou e essa música Troco.

Então ela da sala eu na porta ela de novo falou não deixa ninguém lhe parar assim né falando já enrolado porque a secreção tava saindo eu só vi quando ela deu um sorriso para mim um sorriso e fechou os olhos a minha mãe foi embora dia 31 de dezembro de 2016 foi o pior momento da minha vida até hoje claro que passamos muita coisa junto né no hospital as idas e vindas dela até o Hospital do Inca Hospital Federal de Bonsucesso.

Eles não têm Portal recursos né para paciente com câncer então eles sabem, por exemplo, da quimio eles botar para minha mãe não bulância eu e ela e a gente ia para o Hospital do Inca ela chegou fazer uma e Nossa foi se eu for contar detalhes vai ser muita coisa, mas eu passei por isso então eu tive que aguardar eles limpar o corpo né que eles.

Faz aquela higiene e ensacar minha mãe no dia 31 de dezembro véspera de ano-novo eu fui até aonde faz toda a documentação né para poder liberar o corpo e depois que o cara pegou todos os meus dados dela enfim eu virei o cara para o moço lá né Eu perguntei eu agora posso vê-la ele é a Senhora por mais que saiba que a sua mãe tem que reconhecer o corpo e eu fui até o necrotério abri a porta e só tinha ela lá em cima da mesa dentro de um saco preto parece até uma coisa eu depois acionei que minha mãe veio a óbito eu eu informei né minha família meus filhos quando eu estava entrando na sala do coro até onde a minha mãe estava chegou a minha filha de Nanã e o

meu filho de Omolú.

Os dois quer casal Nossa cheguei até ficar arrepiado falei meu Deus aí foi a Diego de omolu e até Tula Miranda entraram comigo na sala e eu abri o saco minha magrela de apenas 58 anos a minha mãe só tinha 58 anos da escola de samba uma mulher Alegre Infelizmente o que acabou matando que foi seu cigarro e café cigarro café e só tomava uma cervejinha quando era festas na festa de família ou festa que eu dava de Candomblé mas graças a Deus era uma mulher guerreira trabalhadora Nossa minha filha de Senhor ogum xoroquê uma macota de até nos 58 anos e eu abracei abracei massagem seu corpo minha bichinha tava lá e eu perguntei ao rapaz se eu podia colocar lá na gaveta.

Pois no dia 31 de Dezembro de 2016 eu estava colocando minha mae Numa geladeira eu tive que ser realmente que ela pediu para que eu fosse forte então como dia primeiro era feriado no dia 2 eu acertei e tive que continuar minha jornada sepultei minha mãe no dia 2 de janeiro de 2017 o ano em que meu pai Oxossi estava regendo e quando foi a Abril do mesmo ano abriu eu coloquei um barco (um grupo de pessoas) de 6 para dentro inclusive uma dessas dia hoje seu ínkice veio homenageando a minha mãe trouxe o senhor ogum xoroquê minha filha Ivaneide Moraes.

Eu trouxe o ínkice da minha mãe a sala minha irmã se confirmou Talita rossejambaleci do ogum também homenageando minha mãe eu trouxe meu primeiro barco em companhia de minha zeladora queualombo e a minha família de Santo São meus irmãos eu trouxe esse primeiro lindo barco a minha sala ogum, iansã ,duas oxum, xangô foi o primeiro barco que eu trouxe e daí eu não tive luto né tive que continuar minha casa porque os meus filhos e não tinham culpa da minha perda então eu não podia parar a vida espiritual deles pois eles precisavam né da atividade de sua vida espiritual para que a vida material deles pudesse caminhar eu não podia transferir a minha dor para os meus filhos.

Até mesmo porque isso não ia trazer minha mãe de volta só que devido o período que eu passei no hospital com a minha mãe né que foi o mês e poucos dias dormindo sentada, dormindo no chão fora o sofrimento de ver minha mãe indo embora eu acabei adoecendo e eu já tenho histórico também infelizmente de câncer na mama eu acabei descobrindo uma hepatite B que eu não sabia que eu tinha sempre passei muito mal mas como eu nunca procurei saber de onde vinha uma dor de cabeça muito forte devido a um enjoo muito grande que eu sentia.

Então era uma ânsia de vômito eu vomitava muito passava muito mal mas até

então eu nunca imaginei que eu tivesse hepatite sabia que tinha problema de fígado só não sabia que era uma hepatite que foi descoberta depois que eu perdi a minha mãe que dizer ela se agravou no caso né devido tudo que eu passei gravou e acabou se mostrando e duas inflamação na minha coluna vertebral, eu tenho dois nódulos inflamado devido o meu problema na mama e uma osteoporose é um tipo de osteoporose rara que ela afeta todos os meus ossos onde eu também corro um risco muito grande de ter uma infinidade nos ossos infelizmente.

O meu grau de visão complicou bastante eu enxergo muito pouco eu tenho que usar óculos com o grau bastante forte porque a hepatite danificou bastante a minha visão e eu acabei ganhando bastante peso só complicações adquirir bastante peso por causa de uma tireóide a tireóide ela eu engordei 17 kg hoje 18 engordei quase 20 kg acima do meu peso então isso complicou bastante problemas que eu tenho na coluna hoje eu sinto muitas dores.

Mas estou me mantendo viva com a minha fé continua com a minha luta hoje casa do meu santo casa de senhor oxossi pronta linda não tem luxo Mas tem uma beleza de fé uma beleza de luta uma beleza de garra mas a casa de meu pai Oxossi está pronta bom depois desse barco que eu tirei eu tirei outros barcos e confirmei Tata outras mascotes tirei outro iaos hoje enfim já tem 9 anos que eu estou aqui já nesse lugar com a minha casa aberta e hoje pronta e tudo isso.

Agradeço a Deus primeiramente meu pai Oxossi minha mãe Iemanjá meu pai Omolú meu povo né que são meus exus dona 7, Zé Pretinho do Catimbó, meu pai mata serrada, Manoel de Angola , e claro ao meu nzila seu mavangofar meu vunge beija-flor e a minha energia eu só tenho agradecer e a minha zeladora minha mameto de disse minha mãe minha amiga que é minha mãe keualombo essa pessoa esse anjo que apareceu na minha vida makota dandalonã, pai mutala'Ngomba seus irmãos, seus filhos também que são também meus irmão enfim toda a família né Eu só tenho agradecer aos meus irmãos todos quer dizer a sua família que me abraçou e que me ajudou a dar continuidade meu parando não deixando eu cair que é o mais importante e os meus filhos nossa meus filhos minha família Fernandes da minha família carnal.

Minhas irmãs né meus sobrinhos primos e também grudaram na minha mão me puxando para frente não deixando eu cair regredi né e aos filhos bons que iniciaram comigo e os que ficaram os seus são até hoje e os que chegaram estão aí mas já tem uma história na minha vida e a minha companheira Elaine Viana makota e a filha dela não é hoje né a filha dela Helena que hoje é minha makota eu só tenho agradecer essas

peessoas por aparecerem na minha vida essa minha companheira que hoje me deu me proporcionar o conforto um lar decente ou descente para mim então eu só tenho agradecer essas pessoas maravilhosas que eu tenho hoje do meu lado para me manter firme porque a minha trajetória de vida espiritual.

E até mesmo material não é fácil é aquilo se eu for contar tudo em detalhes você muitos áudio e eu tô contando assim de mais importante que marcou a minha vida o que mais marcou minha vida espiritual que mais marcou foram muitas coisas inclusive os acidente com a minha irmã Caçula na época ela cortou o tendão do pé eu tive que passar 20 dias com ela dentro de um hospital sem vim para casa e o meu desespero por ver a que a minha irmã podia ficar aleijada mas graças mas graças a Deus.

Foram 2 anos de muita fé de muita reza de muita luta e hoje minha irmã está podendo caminhar sem muletas pois ela chegou andar de muleta durante vai dizer quase dois anos e hoje minha caçulinha tá caminhando já tá até sambando com seu Pezinho no Chão firme e eu agradeço meu pai Omolú eu agradeço a Deus primeiramente por quê seria mais uma porrada muito grande né ver minha irmã aleijada mas graças a Deus Deus foi misericordioso e abençoe aí o pé da minha irmã então foram muitas coisas nossa muitas bordoada muitas humilhações perdas irreparáveis traição punhalada dificuldade passei muita muita dificuldade meu Deus peguei sol, peguei chuva, cavei sapata meu Deus.

Mas hoje eu tenho uma casa confortável uma pessoa que me ama e eu a amo muito hoje eu tenho uma família né e sou feliz hoje eu sou feliz a única coisa assim que infelizmente me entristece é o fato de eu não ter uma saúde perfeita devido toda essa trajetória aí eu acabei adoecendo muito com tudo que eu passei e imaginar que eu posso infelizmente tenho mesmo destino que é minha mãe morrer tão jovem.

Depois de tanto que eu lutei imaginar que eu posso ir tão cedo é a única coisa assim que me entristece é saber que eu posso morrer tão jovem pois infelizmente eu estou muito doente e tenho muito medo estou com medo mas tá nas mãos de Deus que meu pai Oxossi é minha zeladora me deu meus 14 anos como sempre com muita perfeição com muito amor com muito carinho eu consegui pagar meus meus 14 anos com toda minha família meus filho com a minha companheira era que foi fundamental no batalhão no tudo me ajudou pode em que pode eu realizar mas esse sonho e eu tenho muita fé que mediante a sua obrigação eu posso ficar curada (figura 16).

Mas se for da vontade de Deus que eu possa viver mais um pouco toma aí meus 21 e cultivar ainda esse sim disse que estão aí na minha casa essas crianças para se

iniciar eu só peço a Deus que me dê mais uma chance só isso que me dê mais uma chance eu quero muito viver eu tenho muito amor pelo que eu faço eu só peço a Deus que permita que eu não vá tão jovem só isso porque eu amo minha casa de Santo Eu amo meus orixás eu amo eu amo todos que estão comigo eu amo minha vida de hoje eu amo minha casa aonde eu moro Eu amo minha família eu amo demais a minha companheira e a minha filha eu amo estar viva é isso é óbvio que eu não contei tudo como eu falei seria muita coisa mas eu falei mais importante.

Figura 16 - Mãe Andreia



Fonte: Arquivo Pessoal (2022)

5.2 ENFIM... A RODA DE CONVERSA ACONTECEU

Foi realizada uma roda de conversa (figura 17) com a participação de sete voluntários. As dimensões em que foi realizada a análise foram escolhidas de acordo com os objetivos principais do estudo. Para tanto, as narrativas foram compiladas e colocadas em diálogo com a teoria estudada de modo a trazer à tona maior compreensão

histórica e social dos fenômenos que têm ocorrido relacionados à intolerância religiosa e aos terreiros, os quais podem não estar restritos à baixada fluminense mas a qualquer outra localidade brasileira. Dessa forma o estudo pode vir a contribuir com futuras pesquisas de mesmo cunho.

A primeira dimensão escolhida é a dimensão da intolerância religiosa e em contrapartida a segunda dimensão é a da resistência dos indivíduos e das comunidades.

Conversa de Terreiro

Figura 17 - Roda de Conversa de Terreiro



Fonte: arquivo pessoal

No dia 12 de março de 2022 foi realizada uma roda de conversa reunindo as lideranças participantes do estudo e outras convidadas, com intuito de reunir narrativas e fortalecer o sentido comunitário da luta e da resistência com relação às violências relatadas.

Nesta roda de conversa foram discutidos temas sobre intolerância religiosa, racismo, assuntos jurídicos, família e terreiros com a participação do Sr Tata Ananguê, Filhos de santo, amigos, netos, o ex-ministro da cultura Edson Santos e o Professor Dr Nielson Bezerra.

A pandemia adiou esta roda, que teria ocorrido logo no início da pesquisa e poderia ter se repetido ao longo destes dois anos. Porém, a experiência da pandemia e do isolamento nos trouxe a questão do cuidado. Aprendemos algo doloroso com a pandemia: que é preciso celebrar a vida acima de tudo, segundo Nego Bispo (2020), é

essencial celebrar a solidariedade, as pessoas e a natureza, ver a vida como uma possibilidade, uma benção.

Durante a roda de conversa foram narradas e compartilhadas as experiências de violência. Também foram debatidos vários casos que alcançaram visibilidade na mídia, como jornal impresso e reportagens de televisão. Também foram apresentados documentos do Movimento Negro Unificado, em repúdio aos atos de violência sofridos.

5.2.1 DENÚNCIAS DE VIOLÊNCIA - NARRATIVAS NA MÍDIA

Estamos submetidos ao silêncio, mas não podemos normalizar a violência e os lugares de exclusão. Acredito como mulher de terreiro desde que nasci que temos que ‘FALAR POR NÓS’, e os racistas precisam nos ouvir, entendendo, sobretudo que o mundo é diverso na sua ética moral e seus costumes em saberes e fazeres. O discurso de que somos todos iguais e filhos de Deus é uma falácia, o terreiro tem sua própria identidade, Exu Nzila, Inkice Orixá da comunicação, nos mostra as encruzilhadas da vida pelas trocas de geração coletiva da Inzo, as continuidades que se dão bem com os mais novos.

a. Terreiro Pena Branca

Figura 17 - Terreiro de candomblé foi invadido e vandalizado em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense



Fonte: Reportagem G1 (2022)

A Polícia Civil abriu inquérito para investigar a invasão de um terreiro de candomblé, no bairro Cabuçu, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. De acordo com relatos do babalorixá Sérgio Malafaia, em uma rede social, o terreiro Pena Branca

foi invadido nesta madrugada de terça-feira (figura 18).

Num vídeo, Sérgio Malafaia relata que peças foram quebradas, paredes pichadas e o fogo chegou a atingir o teto de diferentes cômodos do terreiro. "Fora macumbeiro, aqui não é lugar de macumba", dizia uma das inscrições. O caso foi registrado na 56ª DP (Comendador Soares). Em dois anos e meio, pelo menos, oito terreiros foram alvo de vandalismo em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense (reportagem G1 Rio, 08/05/2018 16h50, disponível em:<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/terreiro-de-candomble-e-invadido-e-de-predado-em-nova-iguacu.ghtml>).

"A gente lamenta que os casos se repetem e nenhuma atitude é tomada. Isso é um incentivo à impunidade Lamento muito. E o que me preocupa é que a cada ato, esses agressores aumentam o tom e a ousadia", lamentou o babalorixá Ivanir dos Santos, interlocutor da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa do RJ(reportagem G1 Rio, 08/05/2018 16h50, disponível em:<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/terreiro-de-candomble-e-invadido-e-de-predado-em-nova-iguacu.ghtml>).

Figura 18 - Utensílios destruídos em terreiro



Fonte: Reprodução/TV Globo (2022)

Conforme os representantes do terreiro, o local já havia sido invadido no ano passado, quando o tráfico os impediu de fazer qualquer tipo de manifestação religiosa. A ordem foi atendida, mas, mesmo assim, a casa foi tomada novamente.

De acordo com a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância, o caso foi registrado como violação de domicílio, constrangimento ilegal, dano e furto – além

do Artigo 20 da Lei Caó, "Quem é que vai indenizar essa família? A segurança é uma responsabilidade do estado", destacou Ivanir que se trata de racismo(Reportagem por Bom Dia Rio 29/03/2019 07h29, disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/29/terreiro-de-candomble-e-depredado-em-nova-iguacu-religiosos-foram-expulsos.ghtml>).

b. Tenda Espírita Maria Conga e Caboclo Boiadeiro

Figura 19 - Violação do domicílio



Fonte: Diario do Rio.com (2022)

O terreiro de umbanda Tenda Espírita Maria Conga e Caboclo Boiadeiro foram queimados e depredados, nesta quinta-feira (28/01), em Saracuruna, Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. O babalawo Ivanir dos Santos postou em sua rede social que a Tenda foi invadida por um homem que diz ter recebido ordem de seu pastor para quebrar “todos os demônios que encontrasse pela frente”. A dirigente do terreiro, Maria Antônia dos Santos e suas filhas estavam no local e denunciaram o criminoso, que foi detido. A cada novo caso de intolerância religiosa percebemos a fragilidade do sistema de punição de pessoas que atentam contra os povos de matriz africana. O caso está sendo encaminhado para a DECRADI (Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância), disse Ivanir dos Santos em seu perfil no Facebook. (Reportagem Por Patrícia Lima -29 de janeiro de 2021, disponível em:

c. O Assassianto do Babalorixá Leandro de Agué:

'Se existir justiça, que seja para confortar meu coração', diz mãe de pai de santo executado.

Uma testemunha relatou o pânico que tomou conta do terreiro de candomblé na Rua das Marrecas, no bairro Nova Brasília, no dia 25 de outubro de 2018 em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, no momento em que o pai de santo foi executado. De acordo com ele, que ficou em pânico, havia cerca de 50 pessoas participando de uma cerimônia religiosa no local. — Fiquei sem saber o que fazer. Só queria tirar o meu povo daqui e não conseguia. Poucos escutam eu falando "corre". Foi horrível — contou um dos membros do terreiro, acrescentando que inicialmente todos pensaram se tratar de assalto. Segundo ele, após o crime, os criminosos passaram de novo em frente ao terreiro, para conferir o serviço, mas não chegaram a descer da moto. A testemunha contou que o babalorixá era uma pessoa querida e também não acredita na hipótese de rixa, levantada pela polícia. Porém, admitiu ter ficado claro que o alvo era o pai de santo. (Esse texto foi falado por pessoas que estavam no terreiro na hora do acontecido).

Outras pessoas que estavam no local contaram que os dois homens vestidos de preto não tiraram os capacetes, o que dificulta a identificação deles. Um dos bandidos deu um tiro para o alto para dispersar as pessoas, de acordo com um relato feito a policiais do 20º BPM (Mesquita). Depois, eles se aproximaram do religioso e dispararam pelo menos cinco tiros. Leandro estava perto dos atabaques. .

Após a execução, o atirador saiu caminhando tranquilamente, subiu na moto, deu uma volta e retornou para o confere — disse uma testemunha. O babalorixá ainda estava montando o terreiro — de madeira, palha e chão de terra — para onde se mudou há pouco mais de um mês. Ele morava num quarto de madeira, nos fundos. Nesta manhã integrante do terreiro limpavam o sangue da vítima que ainda estava no local. (Nós que somos de religião de matriz africana somos todos amigos um visita a casa do outro, então muitos de nossos amigos estavam no terreiro de leandro na hora que aconteceu a covardia com o mesmo.

Leadro foi assassinado e nada foi feito, como sempre morremos e viramos numero, leandro morreu com o sonho de construir seu terreiro leandro morreu incorporado com sua entidade cantando e dançando.leandro morreu com sonhos de liberdade e respeito por quem era.

Figura 20 - Reportagem do Jornal Extra no dia 25 de outubro 2018 Casos de Polícia



Fonte: Jornal Extra Casos de Polícia (2022)

Apesar de tudo que a constituição diz defender e proteger, ainda acontecem essas violações de direitos humanos. O conflito armado, a violência, os abusos de poder, a tomada de território, a discriminação as intolerâncias, as torturas físicas, morais, espirituais e psicológicas, a escravização. O direito à vida, enquanto um direito humano inalienável, só será de fato uma realidade quando todas as vidas forem protegidas e todas as formas de existência foram garantidas.

d. Nota de Repúdio ao Pastor Felipe Valadão - MNU

A mídia, enquanto arena de disputas de narrativas, também traz estampadas as notícias da resistência:

**MNU - MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DESDE DE 1978 NA LUTA
CONTRA O RACISMO E PELA VIDA COORDENAÇÃO ESTADUAL
SEÇÃO/RJ**

Nota de Repúdio Do MNU

Movimento Negro Unificado seção do Rio de Janeiro, vem através desta, prestar sua solidariedade aos representantes das religiões de matriz Africana e manifestar total REPÚDIO às declarações preconceituosas e ofensivas do pastor Felipe Valadão, por ocasião dos festejos dos 189 anos do Município de Itaboraí, ocorrido no último dia 19 de Maio de 2022, quando o citado pastor dirigiu-se aos praticantes de religiões africanas

como ENDEMONINHADOS e BAGUNCEIROS, ao afirmar que “o tempo da bagunça espiritual acabou, meu filho!” e ainda, em tom ameaçador, afirmou “prepara para ver muito centro de umbanda sendo fechado na Cidade!”, como se tivesse autoridade para tal. Ainda usou de arrogância ao afirmar que “Deus vai começar a salvar esses pais de santo que tem aqui na Cidade!”. É preciso lembrar ao pastor, que toda esfera de poder de Estado, é laica e que todas as pessoas têm direito à liberdade de culto, mantendo respeito às outras vertentes e denominações, a fim de manter a harmonia e o *equilíbrio* social. Esperamos que episódios como este, não se repitam e nem se tornem a constante em eventos públicos, especialmente, porque são custeados com verba oriunda dos impostos de contribuintes de todos ou de nenhum credo religioso e que nenhuma liderança ou membro, se sinta no direito dirigir ofensas ou pejoratividades a nenhuma outra vertente religiosa.

**Atenciosamente, Direção Estadual do MNU – Movimento Negro Unificado
Seção Rio de Janeiro.**



Além das reportagens e da nota de Repúdio do MNU, também identificamos em fragmentos midiáticos a publicação de dados relevantes, com relação às muitas violências sofridas pelos povos de terreiro.

Considerando que a publicização de tais situações, bem como suas denúncias legais, a roda de conversa também serviu como espaço para essas trocas de informações.

As informações publicadas pelo Instituto de Segurança do Estado do rio de Janeiro foram também mencionadas, pois seu teor destaca explicitamente as pessoas e grupos que vêm sendo mais afetados, como pode ser conferido na figura abaixo.

Figura 21: Dados sobre violência por discriminação étnico-religiosa no estado



INSTITUTO DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

ISP DADOS

ISP DIVULGA DADOS SOBRE DISCRIMINAÇÃO EM RAZÃO DA SUA ETNIA, RAÇA, COR, CLASSE SOCIAL, SEXUALIDADE OU POR INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

18/05/2022 11:14h

Segundo o levantamento feito por meio do Painel Discriminação, foram contabilizados, **apenas em 2021, 1.365 ocorrências** de injúria por preconceito em todo o estado do Rio de Janeiro, sendo **1.036 vítimas negras**. O relatório mostra dados estatísticos relacionados à discriminação contra **indivíduos** ou **grupos** em razão da sua etnia, raça, cor, classe social, sexualidade ou por intolerância religiosa. A pesquisa destaca também que **166 pessoas** sofreram preconceito de raça, cor, religião, etnia e procedência nacional, e **33 casos** por ultraje a culto.

O levantamento mostra que **56% das vítimas** por injúria de preconceito são **mulheres negras**, o que representa pelo menos uma vítima por dia durante todo o **ano de 2021**. Nos crimes de preconceito de raça, cor, religião, etnia e procedência nacional, das **77 vítimas negras, 26,5%** também são mulheres.

A injúria por preconceito é o ato de discriminar **um indivíduo** em razão da raça, cor, etnia, religião ou origem. Já o preconceito de raça, cor, religião, etnia e procedência nacional tem por objetivo a **inferiorização de todo um grupo étnico-racial** e atinge a dignidade humana. A tipificação criminal de **ultraje a culto** é determinada pela **ridicularização pública, impedimento ou perturbação** de cerimônia religiosa.

COMO DENUNCIAR

Esses crimes podem ser denunciados em qualquer delegacia. O estado do Rio de Janeiro conta ainda com a **Delegacia de Combate a Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi)**, que é especializada no atendimento de vítimas de racismo, homofobia e intolerância religiosa. A unidade funciona no Centro do Rio (Rua do Lavradio, nº 155). Os registros também podem ser feitos pela Delegacia Online da Secretaria de Estado de Polícia Civil (<https://delegaciaonline.pcivil.rj.gov.br/>).

5.2.2 FORMAS DE RESISTÊNCIA

A busca pela visibilidade se torna uma forma de organização coletiva como resistência às inúmeras tentativas de extermínio. Assim, aquilo que apresentaram como relatos midiáticos de violência (item 5.2.1), ou seja, as denúncias – à polícia, à justiça e à própria mídia - foram também compreendidas como formas de resistência comunitária.

O grupo participante da roda de conversas identificou também como formas de resistência aquelas já apresentadas como resistências pessoais, individualmente trazidas pelas narrativas (5.1).

Além dessas, apontaram também as principais formas de resistência comunitária, quais sejam: (a) o uso de espaços públicos para manifestação e conscientização popular; (b) a manutenção de atividades abertas à comunidade em geral visando dissipar a ignorância e o medo com relação aos terreiros.

a. Movimentos e uso de espaços públicos

Os movimentos de construção de redes coletivas, fortalecimento comunitário e ampliação do círculo de aliados também foram mencionados com importantes estratégias de resistência.

Nesse sentido, foi citada a Frente contra Intolerância na Baixada Fluminense, e suas importantes caminhadas públicas, como pode ser conferido nas figuras 22 e 23, abaixo.

Figura 22: Capa do Jornal “Mais Baixada”: Frente contra a Intolerância



FIGURA 23: Caminhada contra a intolerância religiosa na baixada Fluminense



No dia 14 de julho de 2019 foi realizada a primeira caminhada pela diversidade religiosa em Nova Iguaçu na Baixada Fluminense na Via Light, formamos um grupo um comite interreligioso com varios seguimentos relegiosos para conversar sobre como faríamos a caminhada e conversar principalmente sobre respeito. No dia da camainhada esperavamos mais pessoas por todo trabalho de divulgação mas entendo também que o povo de terreiro tem medo por sua gente tem medo de se mostrar ouvi varios relatos como essa preocupação do tipo (miha irma sai fora disso e perigoso) mais continuarei a nossa luta pela diversidade e pela força dos povos tradicionais, perdemos muitos destes amigos na pandemia da covid 19 em 2022.

b. Manutenção de atividades abertas à comunidade em geral

RESISTÊNCIA E REEXISTENCIA

Figura 8- Retratos de reivenção e reintegração com a comunidade



Acervo Pessoal

(Onde nos cortam nós brotamos de novo somos raízes ancestrais)

A Baixada Fluminense é a região que concentra o maior número de terreiros de candomblé no Estado do Rio de Janeiro, e é também o território com maior índice de invasões e violações de direitos das comunidades tradicionais de matrizes africanas.

Nova Iguaçu é lugar de gente na sua maioria pretos e pardos que forma um kilombo de gente que resiste. A possibilidade de existência e resistência de territórios – territórios corpos negros sempre foi alvejada das mais diversas formas pelo Estado, caso se cristalizasse sem a presença e controle dele. Os ataques desferidos a terreiros, desde o processo de criminalização da fé.

As casas de candomblé, enquanto comunidades pretas da Baixada, cumpriram e cumprem papel fundamental de preservação não apenas das memórias e histórias, mas também de corpos pretos invisível pela negação do Estado que não faz nada pelo nosso povo que sofre tanto pela sua via a fora.

Nossa resistencia e reexitencia vêm de nós de nossas memorias nossas lagrimas de nossos sorrisos de nossos atabaques de nossa dança de nossasa rezas, ervas, vem de nossa **força** do nosso amor ao sagrado.

Apesar dos ataques permanentes sofridos pelas religiões de matriz africana, Nota-se que existe uma movimentação buscando unir forças para dar maior visibilidade

à luta contra o racismo religioso. Mesmo com todo o sofrimento, intolerância e descaso, do poder público e de uma parcela da sociedade, as religiões de matriz africana seguem resistindo e unindo forças para continuar reverenciando seus deuses e lutando ainda hoje pelos seus direitos.

Para compreender a violência sofrida pelos adeptos das religiões de matriz Africana é necessário revisitar o nosso passado que é marcado pela escravidão, pela Intolerância e pela hierarquização dos sujeitos. Os africanos trazidos para o Brasil para Serem escravizados foi classificado como seres sem alma e sem cultura e isso reflete Ainda hoje nas suas relações sociais, políticas, econômicas e religiosas. É preciso Compreender quais foram os pilares utilizados para estabelecer os valores que ajudaram a moldar uma sociedade racista, misógina e intolerante. O desejo de estabelecer como Cultura uma cultura hegemônica, fez com que os portugueses com o apoio da Igreja, marginalizassem, excluísse, violentassem tudo aquilo que significasse uma ameaça para o seu projeto de sociedade. E assim o colonizador foi lutando para suprimir as epistemologias negras e indígenas.

Apesar de todas as dificuldades, os escravizados conseguiram criar estratégias. para sobreviver aos horrores impostos pela colonização.

O terreiro têm uma característica que muito favorece ao acolhimento e a auto-estima que é a forma de ver o ser humano, que faz com que seja diferenciada a sua visão de cura diante do quadro patológico.

Os descendentes de religiões de matrizes africanas cuidam do indivíduo por inteiro, dentro das três formas aqui já relatadas (corpo mente e espírito). Sendo assim não há discriminação diante da forma que o indivíduo se apresenta quando vai a busca de ajuda. Acolhe e cuida sem discriminar a sua etnia, raça, opção sexual ou mesmo a sua opção social de viver, simplesmente o assiste nas suas necessidades por acreditar que ele é um ser criado e merecedor de toda e qualquer forma de ajuda para se reequilibrar diante do sagrado. História e memória do corpo vivo, inscritas no corpo e no corpus da. História, com seus arquivos, forças, encantamentos, ancestralidades, rituais, Sabenças .

Na minha convivência com a minha vó, que era uma mulher forte que criou filhos e netos com um corpo sofrido que só levou amor enquanto viveu mais continuamos levando esse amor que essa senhora acreditava... Uma mulher de quilombo (que só

criamos

(Raízes onde há troca). Criar raízes é ação do tempo em um lugar situado. É ação do lugar no tempo e na experiência vivida de espaços de colheita e acolhimento; onde corpo traça memória e a memória revela o que esconde a consciência, como dizia Lélia González (2020b). Essa velha senhora, filha dos infinitos.

Caminhos, cuja voz é reativada em minha memória – posso ouvi-la... –, carrega comigo, em meu corpo, nesse território de ressonância e reverberação que sente, existe e é vivo

Figura Cachoeira de Andrianopolis



Foto arquivo pessoal cachoeira de Andrianopolis em Nova Iguaçu mostrando a importancia de preservar a natureza tão desrespeitada.

6. REFLEXÕES E PROVOCAÇÕES

6.1 DE ONDE VEM TANTO ÓDIO?

"Para os Brancos, o Negro evoluído é aquele que é cristão, fala e escreve numa língua Europeia, despiu-se da cultura africana." (Frantz Fanon, 1969).

Para entender de onde vem tanto ódio, as justificativas que alegavam a necessidade de acabar com as práticas religiosas podem ser percebidas por Oliveira (2014), onde ele diz que os motivos pelos quais o Candomblé passou a ser perseguido em todo o Brasil aconteceram com a finalidade de banir da cidade e do país essa representação do atraso proveniente da presença negra e tudo que derivasse de sua existência na composição da população. Tanto é que para isso a utilização da força policial e a criação de leis tiveram forças no incentivo de extinguir toda e qualquer manifestação representada por negros.

A intolerância conta a afro-religiosidade teve início com grau de perseguição e racismo durante o processo republicano brasileiro, este processo se deu de forma pacífica, em um golpe de estado sem muito estardalhaço, tendo como objetivo principal o estabelecimento de políticas nacionais que assegurassem o poder da oligarquia cafeeira de São Paulo (MATTOS 2010), paralelamente a esse golpe de estado, o Brasil tinha acabado de abolir a escravidão, e os que antes eram desprezados por serem escravos ou negros livres, agora teriam que ser tratados como qualquer homem livre perante a República.

Para uma sociedade onde o catolicismo imperava e tinha grande força, não se admitia nenhuma prática contrária as suas diretrizes, perseguindo qualquer manifestação religiosa diferente da sua (MATTOS, 2010). O Brasil apresentava um número muito elevado de negros que não podiam exercer suas praticas religiosas, tanto é que para isso utilizaram-se da estratégia do sincretismo religioso, que se iniciou durante a chegada deles ao Brasil na condição de escravos, mesmo estando sujeitos à conversão ao catolicismo (CARNEIRO, 1936).

Verger destaca que as convicções religiosas dos escravos eram colocadas a duras provas quando de sua chegada ao novo mundo, onde eram batizados obrigatoriamente “para a salvação de sua alma” e deviam curvar-se as doutrinas religiosas de seus mestres. (VERGER, 1981, p.14).

O batismo e a submissão às doutrinas da religião do colonizador representam bem a intolerância religiosa dessa época e como ela perpassou até os dias de hoje, sempre tendo como inferior tudo que deriva da cultura do colonizado ou escravizado.

Essa marginalização e menosprezo da religião nativa, e negra eram justificados pelo simples fato de associá-los a seres sem alma que estariam mergulhados nas trevas por praticarem feitiçarias e bruxarias, onde o catolicismo iria salvá-los. Para os portugueses estavam fazendo um grande favor, pois estariam dando a oportunidade dos negros converterem-se e assim alcançarem a salvação.

Com a cultura afrodescendente sendo tratada como algo pecaminoso, herege, inferior e associada ao barbarismo têm-se todas as suas expressões uma carga pejorativa e racista. O combate a todas as manifestações, expressões e principalmente a religiosidade representada pelo Candomblé parece ser a prova cabal da intolerância e do racismo religioso que persiste nos dias atuais.

Um grande exemplo militante que trabalhou essa questão do racismo, o [Frantz] Fanon, dizia que o racismo não se manifesta só na impressão da cor da pele. “Essa é a mais evidente, mas o racismo se manifesta também no campo simbólico, com a desqualificação dos saberes dos subalternizados, historicamente submetidos à espoliação colonial, à escravidão”, completa o historiador Luiz Antonio Simas. Para ele, “existe o racismo religioso evidente, porque não se trata mais de uma simples disputa pelo mercado da fé”, e sim de “um racismo que é estrutural, naturalizado”, e opera no campo simbólico também.

As práticas sagradas dos Povos Tradicionais de Matriz Africana ressignificaram símbolos e territórios. A África dentro de cada Terreiro de Candomblé ordenou a liturgia e resiste até hoje seguindo um caminho deixado pela nossa ancestralidade. A religião na África é comandada por homens, aqui no Brasil se deu o inverso, porque aqui as mulheres foram as primeiras a conquistar suas alforrias. Assim, quando falamos de intolerância religiosa, não estamos falando de qualquer intolerância. Estamos questionando o porquê da demonização da religiosidade de Matriz Africana.

Precisamos lembrar que não é somente o candomblé o alvo do ódio, o próprio Código Penal de 1890 criminalizava também o samba e a capoeira. Ou seja, tudo que fosse resultante da cultura afro-brasileira.

No período da República, o Candomblé foi proibido de exercer as suas atividades e os Terreiros ficaram subjugados à Delegacia de Jogos, Entorpecentes e Lenocínio (ação de explorar, estimular ou favorecer comércio carnal ilícito, ou induzir

ou constranger alguém a sua prática). Portanto, sempre estivemos à margem, e o Estado brasileiro não coibiu, de forma efetiva, as várias manifestações de racismo religioso que ocorreram no país até os dias de hoje.

Atos que parecem “inofensivos”, como: chuta que é macumba!, apedrejamentos, depredações de terreiros, pais e mães de santos sendo expulsos com seus filhos e familiares com a roupa do corpo de suas casas, situações que tive o desprazer de assistir

(Figura 7) parece naturalizar-se no cotidiano das casas de santo.



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Ao falar de intolerância religiosa a gente acaba tratando dos sintomas e não da doença. A gente acaba lidando com as manifestações e não com a estrutura em si. E eu acho que não adianta a gente lidar o tempo todo com os casos, mesmo que juridicamente, se a gente não consegue chegar na estrutura racializada do nosso país, do Estado, e a partir disso enfrentar o problema que é desestruturar esse racismo.

Ao usar o termo Intolerância Religiosa em casos de terreiros apedrejados ou adeptos verbalmente ofendidos por algum evangélico, se coloca uma dimensão pontual e que muitas vezes se acaba individualizando uma ação que faz parte do racismo estrutural.

6.2 COMO O CANDOMBLÉ EXERCE A SUA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVE A SUA RESISTÊNCIA?

Outro questionamento que tentaremos identificar nas falas dos nossos entrevistados consiste em saber quais as estratégias de resistência e como se dá, na atualidade, essa organização social. Haja vista que, mesmo diante de um cenário de violência, as casas de candomblé seguem existindo e resistindo.

Na militância tenho percebido que o diálogo, as manifestações nas ruas, o acolhimento aos pais/mães de santo que foram hostilizados tem surtido um efeito positivo, o que nós chamamos de empoderamento.

Na fala da yalorixá, observada no capítulo 5, “nos relatou que sempre pede aos seus ancestrais e seus guardiões para proteger sua casa da violência” percebemos a importância da ancestralidade e os valores praticados entre o povo de santo como elementos fundamentais para a resistência. É a força do nós e o saber que não estamos sozinhos é o que engendra a maquinaria da resistência. No movimento de militância pude ouvir uma frase que guardarei em toda a minha existência: “Eles podem quebrar tudo o que virem pela frente, só não conseguirão quebrar a minha fé. O meu Inkicce ou orixa está dentro de mim, para acabar com a minha fé terão que destruir o meu corpo”.

É preciso reivindicar a razão, manter a fé no sagrado parece ser a essência humana que o racismo tenta lhe tirar. Portanto a luta contra o racismo deve ser travada no campo da razão sem perder a fé na ancestralidade.

A existência do Terreiro como espaço social revela, de forma particular, a interação entre espaço/corpo/cultura, experimentada em relações materiais e sobrenaturais, e, especialmente, na transmissão de saberes e conhecimentos que mantêm a vitalidade das práticas religiosas tradicionais trazidas pelos povos africanos às terras brasileiras. Assim, diante da pluralidade religiosa apresentada na modernidade e, especialmente, na sociedade brasileira, o candomblé, ou seus saberes, como um complexo sistema religioso, consegue conjugar nos laços de parentesco mítico que estruturam a lógica da religião a possibilidade de o indivíduo reconstruir laços que ele nunca possuiu ou que estão fragmentados, rompidos. A certeza da aquisição de uma família extensa (pai, mãe, irmãos, tios) concede ao indivíduo o suporte necessário para que ele vença seus desafios e desequilíbrios.

Mesmo diante de um cenário de violência, as religiões de matrizes africanas seguem resistindo e existindo através das famílias ampliadas existentes nas casas de candomblé.

Existem diversas maneiras de resistir. Inclusive o fato de ainda estarmos com nossas

casas de Candomblé abertas, raspando Iyawos, muzenzas confirmando Ogans, kambonos, makotas e Ekedis, fazendo obrigações rezando pessoas diversas é a nossa forma mais ‘rudimentar’, quanto mais eficaz de fazer enfrentamento, de fazer resistência. Porque se dependesse do projeto de genocídio que está em curso neste país desde 1500, não estaríamos mais com nenhum terreiro de Candomblé com as portas abertas.

A saída para o racismo religioso está em colocar o negro em condição de igualdade, superando o pretense universalismo eurocêntrico. A luta do negro contra qualquer discriminação deve se dar pela conquista do reconhecimento de sua essência humana, e não de uma suposta essência negra (GUIMARÃES, 2004).

O sentimento que eu tenho que parte da cura do racismo religioso passa por um necessário movimento que eu denomino “nós falaremos por nós”. Os racistas precisam nos ouvir. Precisam saber quem somos e precisam entender que fora da cristandade e das religiões hegemônicas também existe ética, moral, costumes, pensares e fazeres que estão no interior e na vida cotidiana das múltiplas existências que habitam o mundo.

Portanto, permitir a invisibilidade e o descaso com as ações infringentes direcionadas aos sacerdotes de matrizes africanas aponta para a necessidade emergencial de uma análise profunda e de enfrentamento ao racismo institucional. Precisamos falar de intolerância religiosa, racismo religioso e tudo o mais que nos incomoda. Vale ressaltar que a Baixada Fluminense é o espaço mais negro do estado do Rio de Janeiro. A Baixada é a Nossa África.

6.3 DIMENSÃO DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

A intolerância religiosa, como observada anteriormente, tem sido motivação de violência cometida contra os terreiros e seus praticantes. Diante dos relatos é possível perceber que há diferentes formas de violência e até mesmo crimes cometidos devido aos problemas enraizados na sociedade, tais como o racismo estrutural e a intolerância religiosa introduzida por crenças e preconceitos existentes desde o início da formação da sociedade brasileira. De acordo com Florestan Fernandes (2008) o que existe é o “Mito da Democracia Racial” uma vez que existe “a persistência de uma diretriz ambivalente de repulsa ao tratamento igualitário do negro e de aparente acatamento de requisitos do regime de classes” (LIMA, 2017, p.2, apud FERNANDES, 2008, p119).

Diante do exposto pelo sociólogo, é perceptível que há uma luta por igualdade, mas no entanto, na prática não há igualdade de fato. Tal fato se reflete na expressão religiosa. As comunidades tradicionais de matriz africana foram por muito tempo espaços e símbolos de resistência, no entanto, a partir do início da década de 80 houve um processo de reabilitação da identidade negra anteriormente apropriada pelo nacionalismo. Dessa forma ocorreu um movimento de busca afrodiaspórica elevando as tradições de matriz africana no país (MAIO, 1995). Contudo, durante o novo milênio houve um crescimento de religiões cristãs e neopentecostais, os conflitos intensificaram-se e atualmente os terreiros voltam a representar espaço de luta, resistência, além de expressão da cultura africana no Brasil.

A dimensão da intolerância religiosa estudada, em consonância com os autores, verifica o neopentecostalismo como um grande desafio para a liberdade de expressão cultural e religiosa das religiões de matriz africana no Brasil. Isso se dá devido à características específicas das religiões originadas pelo cristianismo como religião hegemônica no país que se baseia em três pilares, exclusivismo, universalismo e proselitismo. Assim, a intolerância religiosa somada ao racismo resulta em um racismo religioso, ou seja, uma desqualificação da religião baseado não apenas nas crenças religiosas mas ligada à origem da religião e ao racismo estrutural na sociedade.

Nos discursos foram verificadas situações de intolerância religiosa relatadas vividos pelos entrevistados, identificando diferentes tipos de violência. A opressão é uma das principais situações vividas, foi relatado pelos participantes o fato de evitar realizar as práticas religiosas fora do espaço do terreiro, as quais seriam comumente realizadas em locais públicos devido a tradição, por receio de sofrer agressão. Além disso, as festas e cultos realizados em terreiros são motivos de ameaças, havendo casos em que há intenção de interromper a ocasião. Além disso, o vandalismo realizado a partir da invasão de terreiros também ocorre, em que muitos espaços pertencentes as tradições de matriz africana são destruídos. Não obstante a isso, agressões físicas e até mesmo assassinatos já ocorreram devido à intolerância religiosa e ao racismo.

Desta forma, cabe pôr em pauta os tipos de violência ocorridos contra os praticantes das tradições de matriz africana. Segundo Sacramento e Rezende (2006) a violência é um problema de saúde pública de cunho social, e tal termo pode ser empregado tanto para descrever crimes como homicídio e até mesmo maus tratos emocionais, verbais e psicológicos. Segundo os autores, a Organização mundial da saúde define a violência como:

Uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações (SACRAMENTO, REZENDE, 2006).

Cabe ressaltar que as consequências da violência afetam a qualidade de vida dos indivíduos, uma vez que podem resultar em prejuízos materiais, físicos, psicológicos, morais e afetivos. Nos casos observados a partir de entrevistas realizadas, podem ser observados todos os tipos de violência mencionados acima. Dona Maria informou a repressão sofrida durante as festividades e a invasão do terreiro que foi vandalizado, e como consequência de tal fato, os efeitos psicológicos e morais causados pela invasão causaram agravamento das condições de saúde de sua mãe idosa que veio a óbito. Não obstante a isso, dona Maria decidiu abandonar sua tradição, tal repressão causou graves traumas e consequências, mesmo que o Estado seja Laico e que as pessoas tenham direito à liberdade de expressão, na prática a religião de dona Maria sofre com a coibição devido ao racismo religioso existente.

Além disso, as motivações para tal violência estavam constantemente sendo justificadas pelas crenças cristãs-judaicas, trazendo à tona a dualidade das crenças inerentes ao cristianismo, em que as religiões de matriz africana são estigmatizadas como originadas do mal e comandadas por demônios, e que as pessoas deveriam ser salvas por Jesus Cristo, o qual representaria o único e verdadeiro Deus. Em uma discussão da visão socio-histórica e teológica, pode-se dizer que o racismo estrutural, a visão colonialista deturpada, o próprio sincretismo religioso, a falta de informação e ignorância, a imposição da cultura judaico-cristã, e o fanatismo religioso como causas para a intolerância religiosa vivida pelos adeptos à religiões de matriz africana.

Outrossim, o relato de Dona Georgete é um grande exemplo sobre como o racismo e o preconceito para com a religião são capazes de afastar as pessoas de suas origens. Mesmo sendo criada no terreiro e na religião de tradição de matriz africana ela decidiu afastar-se e não participar das reuniões, cultos e festividades, ação motivada por constantes comentários racistas e preconceituosos nas demais organizações sociais como no próprio trabalho. Tal situação pode ser caracterizada como uma violência psicológica e moral sofrida pela entrevistada, que repercutiu em sua vida pessoal. A entrevista realizada com Pai Genésio resalta que até mesmo as novas gerações, seus filhos e netos, já sofreram algum tipo de discriminação devido à sua cor ou à sua

religião na região onde residem, no ambiente escolar, fazendo com que os filhos procurem afastar-se dos pais a fim de não pertencer ao estilo de vida das tradições de matriz africana. Os casos de agressão mais graves relatados por Pai Genésio estão associados à ameaças e repressões, e até mesmo agressões físicas com ameaças de morte praticadas por pessoas que residem próximo à sua residência.

Em outros relatos como o do Pai Adriano vê uma mobilização das pessoas da comunidade para proibir o candomblé e retirar o morador de sua residência devido à sua religião, além disso, havendo perseguição e conflitos que levam aos praticantes de religião de matriz africana à resistir e lutar por seus direitos, ao mesmo tempo que sentem-se desamparados pelas leis e pela justiça, ou até mesmo coibidos por autoridades. A dimensão da intolerância religiosa pode ser compreendida como sendo as dificuldades encontradas nas relações do terreiro com a comunidade.

6.4 MEMÓRIAS E NARRATIVAS

Entender a História como uma narrativa ou como um discurso sobre o real pressupõe aceitar que ela está longe de revelar uma suposta verdade acontecida no passado ou se constituir como o próprio passado, como se pensava outrora. Significa perceber que o conhecimento histórico é uma construção que envolve inúmeras reflexões como, por exemplo, sobre as fontes a serem trabalhadas, as opções teórico-metodológicas, a trama, a tessitura do texto, as interpretações, a narrativa, a subjetividade de quem escreve e a mediação entre o passado (objeto de investigação) e o presente (tempo no qual escreve o/a historiador/a). “A História tem como meta atingir a verdade do acontecido, mas não como mimesis. Entre aquilo que teve lugar um dia, em um tempo físico já transcorrido e irreversível, e o texto que conta o que aconteceu, há uma mediação” (PESAVENTO, 2003, p. 50).

Adotar como colaboradores da pesquisa povos de terreiro e suas historicidades é, sem dúvida alguma, uma opção individual e está permeada por significações que cada autora/a empreende ao seu esforço investigativo. É também político porque circunscrito ao ambiente acadêmico, onde temáticas como essas se encontram, muitas vezes, nas zonas de sombra sendo responsabilidade do/a pesquisador/a trazê-las à luz, conquistar espaços, atribuir-lhes sentidos. Político também porque fazer pesquisa implica em fazer opções epistemológicas e metodológicas e estas nunca são neutras nem a-históricas.

Compreendo a História como uma narrativa capaz de fazer conhecer um tempo

que já passou, rememorando, assim, o passado no presente. É, pois, uma tentativa de estabelecer nexos entre diferentes épocas estando ciente de que o passado é algo que se pode conhecer e que esse conhecer é coisa em movimento, que se transforma ininterruptamente.

Povos de terreiros cujas memórias dizem de um outro tempo e que, na teia das relações, fizeram suas próprias histórias de sucessos, fracassos, frustrações e conquistas. Minha escrita sobre os povos tradicionais de matriz Africana, em especial no campo do lugar que minhas memórias e sentimentos, está enredada, e sentida pela violência que o povo de terreiro vem sofrendo.

Por isso que os nossos velhos dizem: "Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai". Isso não é importante só para o indivíduo, é importante para o coletivo, é importante para uma comunidade humana saber quem ela é, saber para onde ela está indo... (O Eterno Retorno do Encontro Ailton Krenak).

Conversando com as experiências, a partir do encontro com nego Bispo

Confluindo com Nego Bispo podemos dizer que o Terreiro é um lugar Politeísta. Porque o Terreiro é um lugar de gente e produção do cuidado, lugar de família de irmãos de seres que pertencem o mesmo lugar de compartilhar saberes e vida. O modelo Monoteísta não nos pertence o colonialista não Conflui com todos e uma só verdade.

Estamos nos movendo para dizer não ao preconceito. estamos nos movendo para a Liberdade de poder cultivar nossa Ancestralidade.

Estamos no movimento de Continuar existindo e Reexistindo com a Vida. Ecoa a voz da natureza, ela nos vem como batidas vibrantes de um tambor para nos guiar através dos nossos corações. O seu chamado ecoa através dos nossos espíritos.

Precisamos nos conectar restabelecer um olhar um relacionamento de amor correto como o planeta como ser vivo, somos todos responsáveis por essa grande mãe que é natureza.

Neste sentido, entendemos que tudo o que se move na teia da vida, influencia diretamente na ação de outra pessoa e outro ser. Ou seja, é preciso respeitar e preservar cada elemento da nossa natureza para que a biosfera e todo o seu sistema seja mantido

na mais perfeita ordem.

O ser humano, no entanto, não deve encarar a preservação da natureza como forma de se auto preservar: é preciso que o cuidado com o meio ambiente seja entendido como uma relação natural e consciente de respeito a todas as formas de vida existentes, entendendo-se parte delas.

Adiando o fim do mundo podemos cantar dançar e continuar contando nossas histórias Vivemos um mundo que não parece fazer sentido as coisas vão acontecendo vamos perdendo a fé os encantos. Ficamos inseguros com tudo. Ser negro ser indígena é motivo de problema desde que mundo é mundo

A natureza é sagrada para os povos tradicionais, esses povos têm que viver do seu jeito singular de ser com sua própria identidade é triste ver esse povo ser jogado para fora do seu lugar.

Os centros urbanos o capitalismo não entende o que são esses seres, os urbanos estão violentando a natureza. Querem calar nossa voz, o mundo globalizado nos aliena com sua falta de humanidade estamos nos destruindo. Busca-se dar consistência ao ato de reexistir, uma existência processual que possui seu modo de ser intrínseco e incomparável através de sua inserção em um ecossistema, sobrevivendo e fazendo sobreviver. Com isso, expressamos pontos de uma arte da existência, na qual o testemunho de existências pouco manifestas se desdobra em uma possibilidade de criação de outros mundos possíveis de se habitar.

A natureza responde ao modo como cuidamos dela. A paz depende de cada um de nós. A luz precisa de cuidados para continuar a brilhar. Tudo o que nos traz bem-estar e felicidade está ligado ao cuidado que se tem consigo e com o outro.

Amar é cuidar da vida que existe em cada ser, abrindo o coração para dar e receber amor.

Vejo que somente com uma mudança estrutural da educação na sociedade brasileira podemos trazer resultados efetivos quando o assunto é igualdade racial e religiosa. O exemplo do samba e da capoeira, que em outros períodos da história eram proibidos, servem de referências para o combate ao preconceito, e nos motivam para lutar pela proteção da população que tem suas referências nas religiões de matrizes africanas. Infelizmente, não podemos afirmar que já tivemos os mesmos avanços das políticas públicas que as expressões culturais citadas acima obtiveram. Porém, nos resta resistir e lutar para que todo povo brasileiro, tenha garantida a efetivação dos seus direitos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O ESPAÇO DE TERREIRO COMO ESPAÇO EDUCATIVO

Este trabalho apresenta reflexões sobre as Comunidades de Povos de Terreiro como espaços educativos, com aprendizagens específicas, culturais e ritualísticas, transgeracionais e afrocentrada. As Comunidades Tradicionais de Povos de Terreiro são os espaços de perpetuação das diferentes manifestações religiosas trazidas de África na Diáspora, resultado de um longo processo de ressignificação e transformação da memória coletiva africana no Brasil. Como espaço de memória, constituiu-se historicamente.

As práticas tradicionais de matriz africana reafirmam a dimensão histórica, social e cultural dos territórios negros constituídos no Brasil dos quais a religiosidade e a religião – relação com o sagrado – são algumas de suas faces, numa convivência constante entre vivos e mortos. Como espaço educativo, organizam-se coletivamente, em comunidade por afinidades culturais e de fé, em um sistema de alianças construído a partir de uma hierarquia iniciática, que estabelece vínculos de parentesco comunitários e ancestral entre seus membros SOMOS FAMILIA... Os povos de terreiro são os herdeiros de saberes e fazeres ancestrais, tanto na matriz africana quanto indígena, e conseqüentemente, são herdeiros também das várias discriminações que o projeto colonial, em grande medida ainda em curso na sociedade, impõe aos seus colonizados. Essas discriminações, para além de algo episódico, conformam uma prática estrutural, e assumem a íntima ligação com o caráter racial dos grupos relativos, especialmente na origem afro. Silvio de Almeida afirma o seguinte:

A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça (2018, p. 25).

Quando observamos os povos e comunidades tradicionais no geral e sua luta histórica pelo direito de existir, conseguimos delinear similaridade com essa formulação fanoniana, de forma que é possível identificar toda uma sorte de ataques a essas existências, tanto partindo de instituições do Estado, quanto de membros da sociedade civil, pelos mais diversos motivos. Poderíamos então supor que tais povos e comunidades habitam essa zona.

No entanto, há que se destacar o caráter heterogêneo de tal lugar.

Para além da carga do “não ser” que as comunidades tradicionais carregam em sua identidade e para além do racismo dirigido aos negros de uma forma geral, os povos de terreiro aos partirem dessas duas categorias, somando-se a elas os elementos de tradição religiosa afro-indígena, sofre uma demonização de ordem moral-religiosa, que os colocam em uma escala ainda mais inferior de “não ser”, Nessa “zona de não ser”, o homem negro busca algo.

Pergunta Fanon: “Que quer o homem? Que quer o homem negro?”. Sua resposta: “O negro quer ser branco” (Fanon, 2008, p. 27), quer ascender à condição do ser. Para tanto, o não-ser buscará usar máscaras brancas como condição para se elevar à condição de ser (COSTA, 2016, p. 507).

Terreiro é um lugar de produção de cuidado lugar de compartilhar amor familiar, e queremos respeito.

A pedagogia de terreiro revela ser uma pedagogia pautada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando, permitindo que ele se desenvolva plenamente como um ser ciente de seus direitos e deveres.

Há uma constante troca entre os indivíduos e a formação sociocultural dos terreiros. Para os indivíduos que frequentam os cultos, a afirmação de sua cultura é essencial. Para a comunidade local e externa aos terreiros, há atividades de ensino cultural, auxílio social, entre outros. Esses aspectos possuem uma repercussão muito ampla também no que diz respeito ao combate ao racismo e à intolerância religiosa existente na sociedade. De acordo com a teoria da democracia racial de Gilberto Freyre, a cultura negra é absorvida pela cultura nacional.

Segundo Chagas (2017), estão presentes na sociedade os valores civilizatórios africanos, os quais perpassam saberes e traços culturais que foram trazidos por mulheres e homens, de forma imaterial. No Brasil, essa formação das religiões de matriz africana no novo território se deu a partir de uma construção sincrética. Além do intercâmbio entre diferentes povos de matriz africana, houve também o intercâmbio com a cultura do homem europeu.

Dessa forma, verificou-se nos discursos que culturas, crenças e práticas religiosas muitas vezes se confundem com santos pertencentes à igreja católica, ou mesmo com a incorporação de rituais de matriz africana em cultos de evangélicos e neo pentecostais, como forma de apropriação da cultura afro (COSTA, 2013).

A cultura passa ao campo de valores da matriz africana e sua complexidade cosmológica que expressa uma ética e estético do ser negro africano. O processo ao qual o negro, nessa passagem da sociedade escravista para a sociedade livre, foi mantido nos limites de uma economia de subsistência, resultou, portanto no mito da democracia racial, o qual é apontado como tendo a função de esconder a realidade que perpetua, preserva desigualdades tão extremas e desumanas como são as desigualdades raciais no Brasil.

Percebe-se a necessidade do terreiro em desempenhar papel assistenciais devido a essas desigualdades sociais em que muitos cidadãos que residem nas periferias demandam apoio socioeconômico pois encontram-se em situação de vulnerabilidade, situação que falta empregos, acesso à saúde, educação, entre outros que são de responsabilidade do Estado para assegurar acesso igualitário entre todos os brasileiros, dessa forma o terreiro supre necessidades locais da comunidade em que está inserido.

Da mesma forma, o terreiro desempenha papel fundamental na formação cidadã do indivíduo, orientando a cerca de saúde, educação, entre outros, bem como na reafirmação da identidade dos indivíduos de matriz africana.

Anjos, (2006), de uma perspectiva afrocentrada aponta a diáspora africana e a sua relação com o espaço a partir do processo em que foram “deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicas e históricas”, compreendendo que suas condições de vida devem partir de uma referência centrada na África e sua diáspora, e assim percebe-se que a formação das comunidades, em suma a partir de vínculos familiares destacam a manutenção da cultura, de caráter passado de geração para geração, e ao mesmo tempo a adaptação e criação de vínculo com o local em que estão inseridos.

Conforme Hofbauer (2006), o terreiro pode cumprir papel para a formação de cidadania para quebra de paradigmas, atuando de reportar responsabilidade sobre a exclusão social, a discriminação racial, a miséria como consequência do regime político e econômico do país, uma vez que as organizações sociais possuem caráter informativo e formador.

Uma das formas de resistência às repressões e à violência sofrida atualmente é dar continuidade aos cultos, festas, e atividades inerentes aos terreiros, mesmo diante de ameaças, mesmo após eventos de agressão e traumáticos. Além disso, os terreiros como locais de formação de indivíduos e empoderamento. Podem ser desenvolvidos projetos para a sociedade, os quais atuam, segundo os relatos, no sentido de combater preconceitos, racismo, intolerância religiosa e também favorecer o empoderamento e

apropriação da cultura e identidade africana pelos integrantes da comunidade tradicional, rompendo com um regime de opressão.

Logo, as estratégias de resistência devem estar ligadas às ações sociais, ações de conscientização, educativas, informativas, além de apoio aos integrantes das comunidades tradicionais de terreiro e também à comunidade externa, uma vez que manter boas práticas e relações para com os moradores próximos é importante para a segurança e sobrevivência dos terreiros.

Tal situação pode ser compreendida na fala de Pai Adriano, o qual relata que depois de anos de perseguição finalmente tornou-se amigo dos seus perseguidores e atualmente mantém uma relação saudável com os protestantes da vizinhança. O conflito entre religiões e crenças é, a princípio, exterminado com a prática do respeito de ambos. Para que as relações sejam respeitadas, é necessário que preconceitos sejam desfeitos.

Para compreender as raízes dos problemas é necessário ter claramente o problema do racismo estrutural na sociedade, bem como observar as injustiças sociais que compõem o quadro de exclusão social de uma grande parcela da sociedade e da mesma forma rebaixam, reprimem e desclassificam sua cultura, religião, entre outros. Como estratégias de combate à intolerância religiosa há a necessidade de ações conjuntas de combate ao racismo e às desigualdades e injustiças sociais bem como investimento em educação e informação para construção de uma sociedade baseada em respeito mútuo.

No entanto, como estratégias de resistência pessoais, os entrevistados relatam muitas vezes ter que lidar com a intolerância religiosa silenciando cultos e festas da tradição, evitando a realização dos ritos, ou mesmo evitando utilizar as vestimentas, no entanto o empoderamento, apesar de não ser encorajado diante das violências sofridas de acordo com a maioria dos relatos, também é uma forma de resistência, e, além disso, de formação de uma consciência coletiva acerca dos valores das tradições de matriz africana.

Nos dias atuais as Comunidades Tradicionais de Terreiros estão enfrentando uma verdadeira cruzada. Não sendo de todo errado recomendar cautela ao analisar os verdadeiros motivos que demarcam a perseguição de neopentecostais em relação às religiões de matriz africana e afro-brasileiras.

Os elementos religiosos invocados em nome de Deus, Jesus Cristo e as orientações bíblicas estão muito mais colocados como pretextos necessários que visam justificar uma cruzada que podem esconder os verdadeiros interesses do projeto de

poder que passa pela dominação e apropriação cultural dos símbolos e liturgias milenares da matriz africana. Para fazer essa análise nos reportamos ao dualismo do Bem e do mal associado a teologia da prosperidade e aplica-se a fórmula onde alguns neopentecostais consideram que elementos sagrados que por origem histórica, utilizados nos terreiros de matriz africana são “do Mal”.

Percebe-se, porém, onde os mesmos elementos simbólicos e certas liturgias passaram a ingressar em algumas igrejas neopentecostais de forma ressignificada, como elementos purificadores do Bem! Fazendo com que gradativamente adeptos aos terreiros passem a se identificar com alguns cultos neopentecostais.

Portanto banhos de ervas, rosas e perfumes, atabaques, incorporações, sal grosso, fogueira santa entre outros. Porém o que nas comunidades tradicionais de terreiros são compreendidos como elementos de manutenção para uma dinâmica cultural existencial, em cultos Neopentecostais virou produto comercial de significativo custo financeiro.

De grande impacto econômico capaz de ajudar a manter megas empreendimentos da fé aos quais desprendem alto custo de manutenção. Importante observar que quando nos referimos aos evangélicos neopentecostais, estamos em análise de um setor religioso, como uma instituição religiosa, física, teológica e filosófica que possui como estratégia política de crescimento e empoderamento, um projeto fundamentalista passa por apropriação do Estado brasileiro e desmonte, extermínio das tradições de matriz africana. Posições expressadas em canais de comunicação abertas, não cabendo avaliações pela lógica de ações pessoais isoladas.

No entanto, entre as diversas formas de resistência negra no Brasil, as comunidades tradicionais de matriz africana como tendo sido construída a partir de sincretismo religioso sofrem variações ao longo do território nacional, e a Umbanda, de acordo com Costa (2013), levantam curiosidades sobre ser uma religião brasileira ou de matriz africana, formada por sincretismo, hibridismo ou bricolagem, pois a identidade dos indivíduos é resultante das trocas, dos empréstimos a partir dos encontros que ocorrem entre duas ou mais culturas diferentes.

Porém, a umbanda por mais que contenha elementos da matriz africana, com advento do sincretismo não se caracteriza por resistência, mas uma releitura, que tem como base o dualismo (bem e mal) da sua parte de origem cristã, e esse sincretismo aprofunda os estereótipos, não necessariamente negros, e quando o são, classifica de maneira negativa, a exemplo o Exu. Assim, papel do terreiro vai para além do

acolhimento de pessoas, orientação e assistência, há uma participação também quanto à busca de direitos religiosos, sociais e antirracistas. Logo, segundo as entrevistas, o espaço do Terreiro passou de resistência para militância, o que é difícil diante de tanta violência sofrida, porém, é necessário que haja a busca pela conquista do seu espaço, reconhecimento e respeito.

Isso pode ser ainda mais difícil diante da falta de apoio de autoridades e omissão de representantes públicos diante do problema enfrentado nas comunidades tradicionais de terreiro. Além disso, é importante que sejam identificados discursos de ódio promovidos por autoridades religiosas pentecostais que degradam a imagem dos terreiros e das religiões de matriz africana, pois estão perpetuando as práticas racistas e de intolerância religiosa que promovem ações extremas de violência. Diante dessas situações cabem ações e práticas educativas que mostrem as graves consequências dessas ações.

DESABAFO - UM FIM, UMA DESPEDIDA e MUITOS NASCIMENTOS: Travessia, Atravessamentos e os Encantos da Vida

Finalizar a dissertação faz repensar o começo. O fim aponta o começo. Quando entrei na UFRJ Instituto de Psicossociologia e Ecologia Social foi no grupo de pesquisa chamado LabMEMS em 2018 fui levada pelo meu grande amigo Geraldo Bastos amigo que sempre estava lá quando precisei, amigo que não tem tempo ruim mesmo se tivesse ruim ele fazia ficar bom rsss; e também tive a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas em especial minha orientadora Samira Lima que com sua calma, bondades e espertise tenho privilégio de aprender e agregar muitos aprendizados nesse meu processo de ensino aprendizagem pra vida. Então chegou o mestrado em 2020 era tudo que eu queria tudo o que eu estava esperando, estava empolgada felicidades me resumia.

Porém, junto com o começo das aulas de mestrado veio a pandemia da covid 19... uma situação difícil pra todos nós... fechou o comércio parou as aulas presenciais ficamos em casa dividi meu tempo em cuidar e atender inúmeras pessoas com seus atravessamentos e as funções do terreiro todos os dias. Mudamos toda nossa rotina de vida diária, ainda com esperança achei “vai passar... com certeza”, ainda em março 2020 - começo de tudo.

Mas nada voltou ao chamado “normal”, a situação da pandemia só piorou. A

covid nos trouxe um numero grande de obitos perdas, tristeza, depressão falta de vontade, por meses não consegui escrever uma linha da minha pesquisa. Ouvi varios relatos de amigos, parentes, filho de santos que sentiam a mesma coisa parecia que eu sentia a dor do mundo sentia muito cada perda cada lagrima que eu via. Se voltarmos ao normal somos corpos com marcas, corpos com ferida que cura e com cicatrz que fica. corpos que procura a paz interior dentro de marcas e duvidas.

Vivemos hoje em uma sociedade doente, violenta, desempregada, passando fome, angustiada mais trouxe também solidariedade. Atendi em meu terreiro varias mulhres e criancas sofrendo com a violencia domestica no ambito privado das suas residencias. Ouvi relatos do tipo não sabia que eu morava com um estranho. Ouvi essas mulhres me trazia e traz muita dor corpos com marcas.

Os meses foram passando e eu existindo e resistindo com tantas marcas pensando como terminaria meu trabalho? por conta da pandemia os terreiros fecharam alem de fechado o povo de terreiro não é facil tremia de medo por minhas narrativas mais sem luta não tem vitoria. Minha familia magestosa forte e acolhedora, estão todos fazendo o mestrado comigo marido e tres filhos. Juntos vivemos varias situações na vida escolar e religiosa. Peguei-me pensando varias vezes em meio a milhoes de mortes como vou lidar com as pessoas agora daqui pra frente?

O corpo grita me avisando “tem algo errado”, sentimos coisas que não sentiamos antes a farmacia nos viu mais vezzes. FIQUE EM CASA, ficar em casa significa muita coisa pra muitas pessoas, uns precisam ficar em casa por estava esgotado ou esgotada física e mentalmente. Outros dispertram sentimentos contraditorios que nunca pensou em sentir. A fragilidade humana me mostrou nos mostrou uma compreensão da condição de fragilidade da vida e dos limtes inerentes a liberdade individual orientado por noção de justiça inevitavelmente determinada pelas dores e sofrimentos do mundo.

Meu pai teve um avc, meu pai Itamar Ramos de Oliveira, foi uma situação muito difícil para ele e para nós vê-lo parar - meu pai, um homem intenso, andarilho, falante, cantor, tocador de atabaques, muitos em um. Conhecedor de tudo que e tipo de ervas entrava nas matas com propriedade, estava em casa como um bom caçador. O avc o parou, deixou marcas e cicatrizes. Meu pai teve uma melhora incrível, mas se deparou com a situação de ficar acamado usando fraldas embora lúcido, ele não aceitava a situação nova. A situação agravou muito, o cérebro parou a hemorragia craniana não parou... E os medicos atestaram a morte cerebral.

Meu pai era pra mim - pra nós - corrimão, elevador, escada, apoio, começo de

tudo, laços de todos, perdemos nosso melhor abraço.

Os anos de 2020 e 2021 me trouxeram um corpo com muitas marcas mais me trouxeram dia a dia um pouco da força que achei que perdi. Penso na vida, reflito sobre a vida, penso em quem eu fui e quem serei agora, o hoje com um novo possível, com muitas perguntas sem respostas, mas com muita gana em achar respostas possíveis. Sigo com meus atravessamentos, vou em frente resistente, lutando sempre por um povo que foi e ainda é marginalizado por uma sociedade racista e desrespeitosa.

A luta pelos terreiros pelo respeito a dignidade humana e sua liberdade de cultivar sua realeza e o sagrado de forma constituída por direitos, direitos que nos possibilita viver nossas vidas com nossas escolhas.

Chega ao fim uma pesquisa, nasce uma dissertação, em meio a tantas mortes, tantas perdas, e em meio a tanta vida, tantos aprendizados e resistências.

Como nota póstuma, fica uma questão: O QUE SE PERDE QUANDO UM TERREIRO É DESTRUÍDO?

Os terreiros ou casa de santo, como popularmente são chamados, organizados através do pressuposto civilizatório africano e do ubuntu, são locais de exercício pedagógico da espiritualidade e religiosidade de matriz africana. Neste espaço são produzidos os mais diversos afetos e campanhas de solidariedades. Pessoas rejeitadas por sua cor, sua opção sexual, sua orientação ideológica, sua condição social e econômica, são acolhidas ali. O respeito aos anciões, às crianças, à partilha e o respeito a diversidade são um destes pressupostos. Vive-se o espaço ideal imaginado

Todo ser humano quer ter uma vida saudável e feliz. Então quando se funda um terreiro (casa de santo) com pressupostos civilizatórios africanos, funda-se um local de bem-estar, de convivências e vivências que produzem esta felicidade, assegurados pelo axé Ngunzo e pelos processos ritualísticos e cosmológicos. A destruição de um terreiro destrói toda essa rede de vivências humanizadas e afeta diretamente todo o ambiente trazendo para seus adeptos e simpatizantes infelicidades.

"Samba da Utopia":

Se o mundo ficar pesado
 Eu vou pedir emprestado
 A palavra poesia
 Se o mundo emburrecer
 Eu vou rezar pra chover
 Palavra sabedoria

Se o mundo andar pra trás
Vou escrever num cartaz
A palavra rebeldia
Se a gente desanimar
Eu vou colher no pomar
A palavra teimosia
Se acontecer afinal
De entrar em nosso quintal
A palavra tirania
Pegue o tambor e o ganzá
Vamos pra rua gritar
A palavra utopia

Sem receios - precisamos falar de amor

Muitos terreiros de religião de matriz africana, que são uma espécie de templos, já sofreram algum dano por intolerantes, o intuito é "destruir" para mostrar a insatisfação com a existência da religião. Muitos dos intolerantes não chegam nem a conhecer o propósito da tal religião, demonstrando a falta de capacidade de escutar o que o outro tem a dizer e discriminando pelo que acha, sem argumentação coerente para a prática devastadora da intolerância, que priva o ser humano de novas experiências e sensações, assim como discriminar determinado alimento ao dizer que não gosta sem nunca ter provado apenas pela impressão que o alimento passa, e quando experimenta gosta e passa a consumir, isso mostra que não devemos discriminar sem conhecer.

Contudo, é difícil que todos entendam que qualquer tipo de intolerância precedida de discriminação não deve fazer parte de nós, pois assim somos incapazes de conhecer verdadeiramente o outro por delimitar aberturas pela primeira impressão. Então, para acabar com essa mentalidade, poderiam ser criados projetos nos bairros de todas as cidades, locais de demonstração sobre as religiões realizadas por próprios praticantes da religião sem antes denominar qual é a religião apresentada, para que as pessoas não rotulem e se privam de conhecer.

O amor precisa estar presente na vida de todas as pessoas, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente. Mas quando as pessoas falam sobre a vida sobre a diversidade, raramente se preocupam em garantir mudanças na sociedade que nos permitam viver plenamente.

Geralmente enfatizam nossa capacidade de “sobreviver” apesar das circunstâncias difíceis, ou como poderemos sobreviver no futuro. Quando nos amamos, sabemos que é preciso ir além da sobrevivência. É preciso criar condições para viver plenamente. E para viver plenamente não podemos mais negar a necessidade de conhecer o amor, e se reencantar.

Gerado Vandre - " Somos todos iguais, braços dados ou não."



Arquivo pessoal da cachoeira de Adrianópolis em Nova Iguaçu

Cachoeira de Adrianópolis lugar aonde sempre vou para recarregar as energias

**Que o fogo purifique
Que a terra cure
Que o ar transforme
Que a água regenere
Que o espírito renasça.
Que assim seja e assim se faça..**

REFERENCIAIS

- SANTOS, Antônio Bispo dos, Colonização, quilombos: modos e significações, Brasília, INCT/UnB, 2015
- SANTOS, Antonio Bispo, "Somos da terra". PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, 2020, p. 44 – 51
- SILVA, Ana Claudia Matos da, Uma escrita contra-colonialista do quilombo Mumbuca Jalapão - TO, Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2019
- ANJOS, José Carlos Gomes dos. **No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Pólen Livros. 2019.
- ALMEIDA, Ronaldo; Monteiro, Paula. **Trânsito religioso no Brasil**. São Paulo Perspec. 2001.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução por Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002. Série Pesquisa em Educação, v.3.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo. Edições 70. Almedina Brasil. 1º ed. 2016.
- BASTIDE, R. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1960, p. 67.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, José Flávio Pessoa de. **O banquete do rei – Olubajé: uma introdução à música sacra afro-brasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- BIANCARDI, Emília. **Raízes musicais da Bahia**. Salvador: Omar G., 2006.
- BRASIL, **Constituição Federal (1988)**: Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao>. Acesso em: 04/06/2022.
- CARVALHO, Marcela Melo de. Pelo direito de ter fé: resistência e luta pela garantia dos direitos humanos dos povos de terreiro do Cariri. In: I Congresso Interinstitucional UNISC/URCA- **Promovendo políticas públicas, concretizando demandas sociais**. 2017.
Disponível em: <http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/ppds/article/view/16425>. Acesso em: 03/06/2022.

CHAGAS, Conceição Côrrea. **Interdição E Sagrado: Um Estudo Sobre A Identidade Étnica De Participantes De Terreiros De Candomblé No Estado Do Rio De Janeiro**, 2011.

CORRÊA, Douglas. **Vândalos incendeiam terreiro de candomblé na Baixada Fluminense**. Agência Brasil, 08/05/2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-05/vandalos-incendeiam-terreiro-de-candomble-na-baixada-fluminense>. Acesso: 02/06/2022.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica da Paraíba**. Seção Temática: Educação E Relações Étnico-Raciais, Educ. Real. 2017.

COSTA, Hulda Silva Cedro da. **Umbanda, uma religião sincrética e brasileira – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião**, 2013. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/758/1/HULDA%20SILVA%20CEDRO%20DA%20COSTA.pdf>. Acesso em: 15/10/21.

ENROTH, R. **Youth, brainwashing, and the extremist cults**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1977.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Editora Paisagem, 1970.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. v.1. São Paulo: globo, 2008.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito de cor e racismo no Brasil**. Rev. Antropol. , São Paulo, v. 47, n. 1, pág. 9-43, 2004.

HOFBAUER, Andreas . **Uma História de branqueamento ou o negro em questão**.-São Paulo: Editora UNESP, 2006

LIMA, K. R. de S. **Desafios éticos e políticos da luta de classes e o mito da democracia racial em Florestan Fernandes**. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02592017v20n3p53>. Acesso em: 15/10/21.

LEANDRO, Marcos Eduardo; SANFILIPPO, Lúcio Bernard. **Deus e o diabo na prateleira do mercado: reflexões e narrativas de um racismo religioso vigente**. Revista Periferia, v.10, n.1, p. 89 - 99, jan./jun. 2018.

LEFEVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. Caxias do Sul: Ed. EDUCS; 2003, p. 10- 17.

LOPES, Nei. **Novo dicionário banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MARCONI, LAKATOS. **Metodologia científica**. 2003.

MAIO, Marcos. **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/CCBB, 1996

MARIANO, Ricardo. Pentecostais em ação – a demonização dos cultos afro-brasileiros. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. **Intolerância Religiosa – Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 2007.

MARQUES, Francisco Cláudio Alves. **Algumas considerações sobre umbanda e candomblé no Brasil**. Revista Contemplação, v.1, n.15, p.82-99, 2017.

MATTOS, Elsa de. **Desenvolvimento do self na transição para a vida adulta: um estudo longitudinal com jovens baianos**. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, 272f. Bahia, Brasil, 2013. Disponível em: <https://pospsi.ufba.br>. Acesso em: 05/04/2022.

PAULA, Naiara Eugênio. **A face guerreira das iabás Obá, Euá e Oiá: Articulações entre mito e representação**. Dissertação de mestrado, 209p. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes. Rio de Janeiro, Brasil, 2014.
Disponível em: <https://www.ppgartes.uerj.br>. Acesso em: 22/10/2020.

PEREIRA, Bárbara Cristina Silva. **Racismo religioso e ideologia do branqueamento no Brasil**. Kwanisa – Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, v.2, n.4, 2019.

POLI, Ivan. **Antropologia dos orixás: a civilização ioruba a partir dos seus mitos, seus orikis e sua diáspora**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019, 256p.

PRANDI, Reginaldo **Segredos guardados: orixás na alma brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PRANDI, Reginaldo. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso**. Estud. av., São Paulo, v. 18, n. 52, p. 223-238, Dez. 2004.

PRANDI, Reginaldo. **Sobre religiões afro-brasileiras**. Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião v. 11, p. 10-12, 2013.

PRADO, Amanda; BASSAN, Pedro. **Traficantes dão ordem para fechar terreiros na Baixada Fluminense**. Jornal O Globo, 27 de maio, 2019.
Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/27/traficantes-dao-ordem-para-fechar-terreiros-na-baixada-fluminense.ghtml>. Acesso: 04/06/2019.

PUKE, Natália. **O corpo como escrita: (re) existências africanas na capoeira**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro, 1888. Apresentada ao Programa De Pós-graduação Em Educação, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br>. Acesso: 03/06/2019.

VERGER, P.F. **Orixás. O amor como ato de liberdade por Bell Hooks**. Salvador: Corrupio, 2002. Disponível em: <https://www.soteroprosa.com/single-post/o-amor-como-ato-de-liberdade-por-bell-hooks>. Acesso: 04/06/2019.

SACRAMENTO, Livia. REZENDE, Manoel. **Violências:** lembrando alguns conceitos. Aletheia n. 24 Canoas dez. 2006.

ZANETTI, Euler Fabres. **Escravidão, Abolicionismo, e Lei dos Sexagenários nas páginas do Jornal “A discussão”.** Pelotas, 2019.

SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

: RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.

RUFINO, Luiz; MIRANDA, Marina Santos de. Racismo Religioso: Política, Terrorismo e Trauma Colonial. Outras Leituras sobre o problema. *Problemata*, v. 10, n. 2, 2019, p. 229-242.

: CAPUTO, Stela Guedes. Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.